

X-MEN™

DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO



MARVEL

ALEX IRVINE

novo século®

X-MEN™

DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO



MARVEL

ALEX IRVINE

novo século

X-MENTM

DIAS DE UM FUTURO ESQUECIDO

UMA HISTÓRIA DO UNIVERSO MARVEL
ALEX IRVINE

ADAPTADO DOS QUADRINHOS DE CHRIS CLAREMONT E JOHN BYRNE



novo século®
SÃO PAULO, 2017

X-Men: Days of future past

Published by Marvel Worldwide, Inc., a subsidiary of Marvel Entertainment,
LLC.



Equipe Novo Século

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vitor Donofrio

GERENTE DE AQUISIÇÕES

Renata de Mello do Vale

EDITORIAL

Giovanna Petrólio

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Vitor Donofrio

TRADUÇÃO

Caio Pereira

PREPARAÇÃO

Paulo Ferro Junior

PREPARAÇÃO

Paulo Ferro Junior

P. GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

João Paulo Putini

Vitor Donofrio

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais | www.loope.com.br

CAPA

João Paulo Putini

Vitor Donofrio

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Luke Ross

DEMAIS ILUSTRAÇÕES

John Byrne

Terry Austin

Equipe Marvel Worldwide, Inc.

VP, PRODUÇÃO & PROJETOS ESPECIAIS

Jeff Youngquist

EDITOR - CHEFE

Axel Alonso

EDITORA-ASSOCIADA

Sarah Brunstad

EDITOR

Dan Buckley

GERENTE, PUBLICAÇÕES LICENCIADAS

Jeff Reingold

DIRETOR DE ARTE

Joe Quesada

SVP PRINT, VENDAS & MARKETING

David Gabriel

PRODUTOR EXECUTIVO

Alan Fine

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Irvine, Alex

X-Men : dias de um futuro esquecido

Alex Irvine ; adaptado dos quadrinhos de

Chris Claremont e John Byrne ; tradução de Caio Pereira.

Barueri, SP: Novo Século Editora, 2017.

Título original: X-Men: Days of future past

ISBN: 978-85-428-1112-4

1. Literatura norte-americana 2. Super-heróis – Ficção

3. Super-vilões – Ficção 4. X-Men (Personagens fictícios)

I. Título II. Claremont, Chris III. Byrne, John IV. Pereira, Caio

16 -1479

CDD-813

Nenhuma similaridade entre nomes, personagens, pessoas e/ou instituições presentes nesta publicação são intencionais. Qualquer similaridade que possa existir é mera coincidência.

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura norte-americana 813



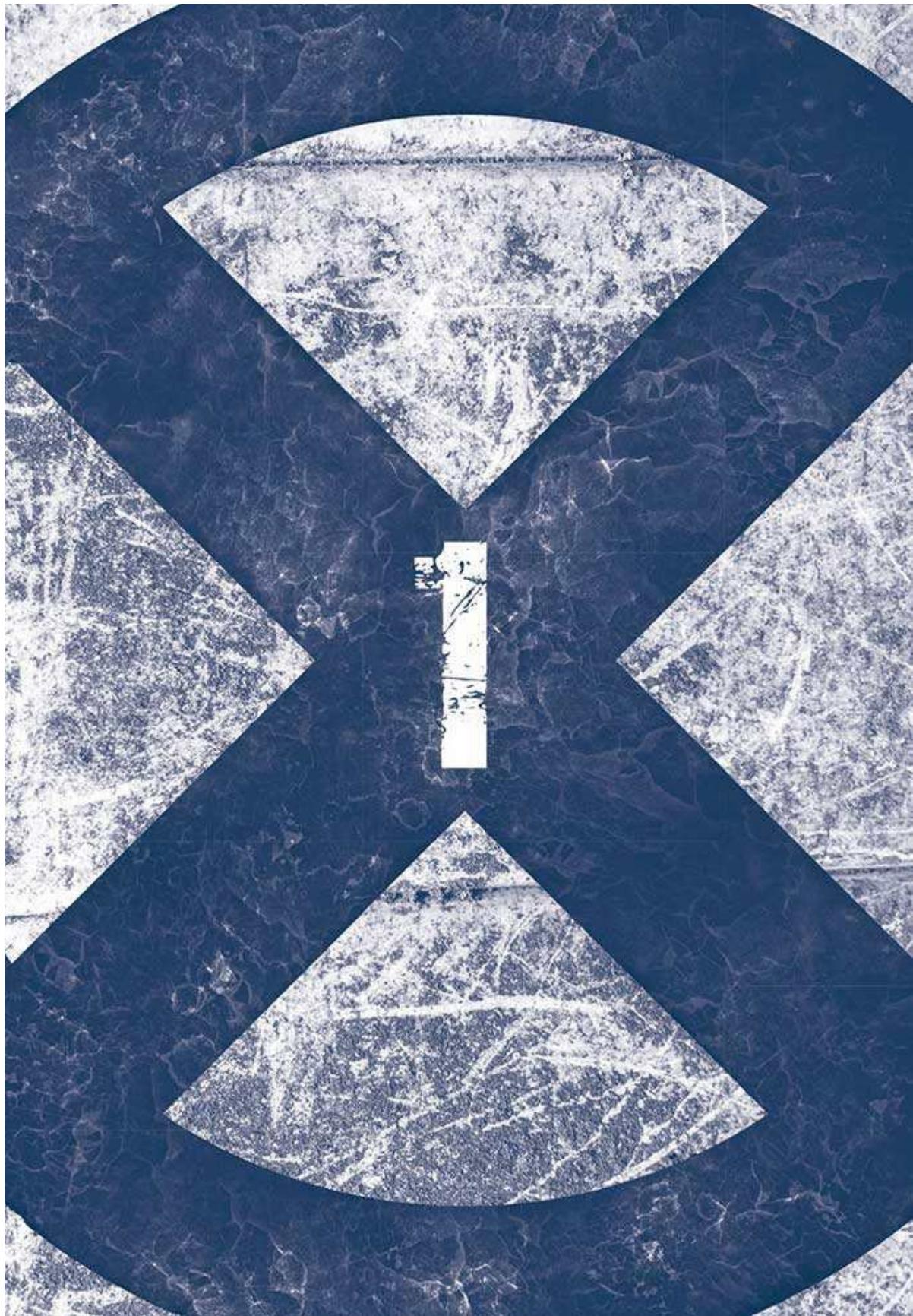
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

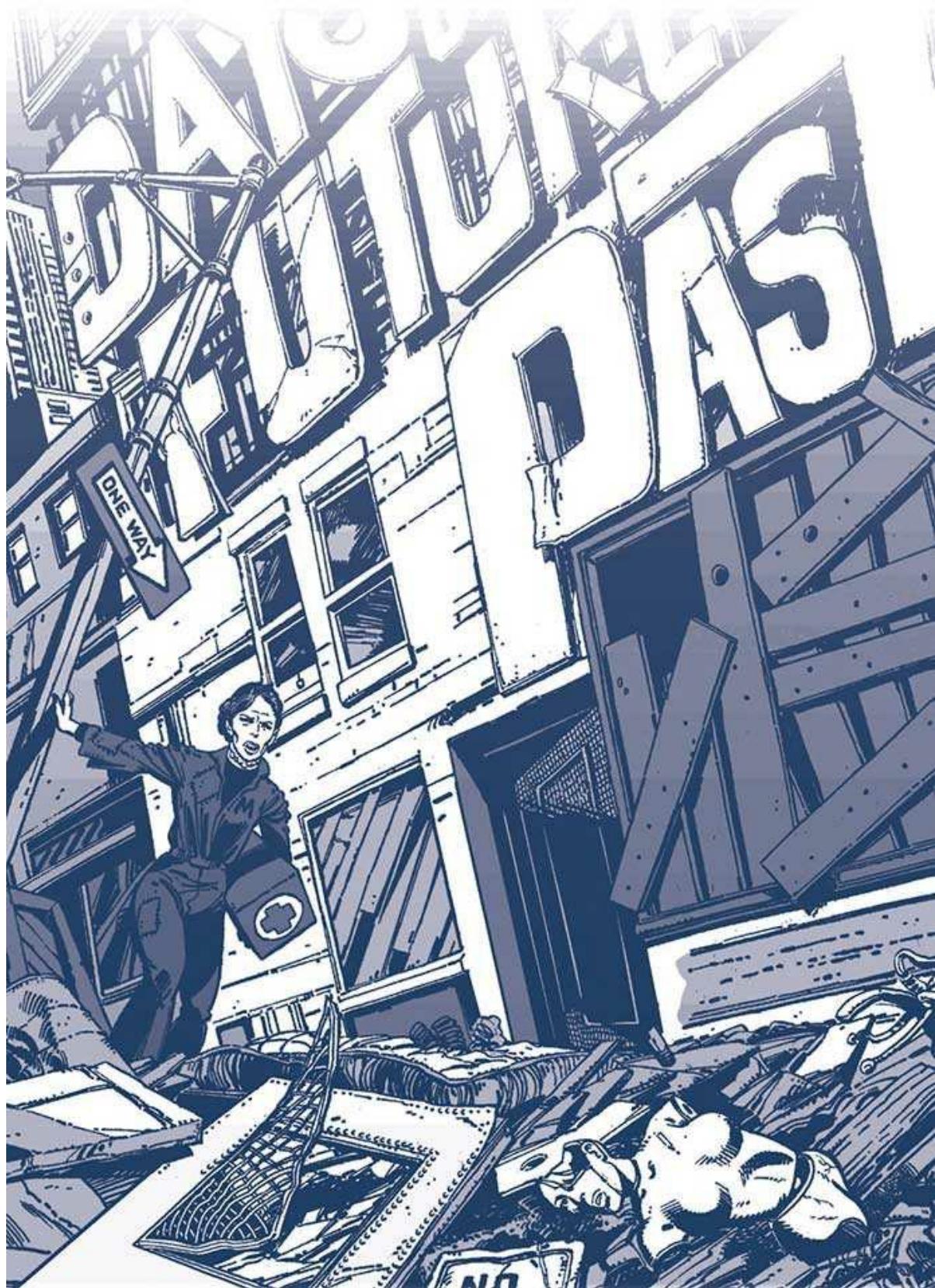
Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.novoseculo.com.br | atendimento@novoseculo.com.br





UM VENTO FRIOSOPRAVA, vindo do norte, sobre a deserta Park Avenue, em algum canto do East Seventies. Kate Pryde lembrava-se de caminhar por essas ruas junto dos X-Men quando era jovem – ela tinha, quanto, 13 anos quando entrara para o grupo?

Muita coisa tinha mudado ao longo dos últimos vinte anos. Tudo começara a se despedaçar tão rapidamente depois que ela se juntou aos X-Men. A Irmandade assassinou o senador Kelly, Charles Xavier e Moira MacTaggert faleceram pouco depois, e o Projeto Despertar desatou rapidamente a longa e trágica escorregada até o presente.

O passado se fora. Não tinha como ser alterado. Kate – como qualquer outro mutante que ainda vivia sob o governo dos Sentinelas – não podia se dar o luxo de olhar para trás ou pensar no futuro. Tudo o que podiam fazer era tentar sobreviver a cada dia.

Mas talvez, quem sabe, estariam prestes a mudar isso. Kate, Ororo e Peter; Franklin, Rachel e Magneto.

E Logan. Tudo dependeria de Logan.

Kate apertou o passo. Apressou-se em sua entrega, tentando chegar antes da hora para que os Sentinelas não suspeitassem de algo. Eles podiam rastrear a localização do colar inibidor que ela usava, então ela nem ousou pegar o atalho entre o Hunter College e o ponto de ônibus na Quinta com a 79^a, onde podia pegar transporte para voltar para o sul do Bronx. Os ônibus não paravam em cada quarteirão, como costumavam fazer, e a maioria dos trens do metrô não funcionava mais. Era sentença de morte para mutantes caminharem sozinhos pelos túneis desativados – ou em boa parte da cidade. Ficavam mais seguros no campo.

Esse bairro em que ela estava era território dos Rogues – barra pesada. Os Rogues eram uma máfia do crime, agora, nem tanto, mas começaram nas milícias antimutante organizadas da década de 2020. De todos os locais na cidade para Logan querer marcar reunião, ele teve que escolher logo um território dos Rogues. Até que fazia sentido, visto que os Sentinelas nem se

davam ao trabalho de monitorar aquela porção da cidade. Os Rogues cumpriam as funções dos robôs gigantes por ali. Nova York era dominada por um complexo de túneis e galerias – sempre fora. Agora, com os Sentinelas patrulhando a superfície, os caminhos subterrâneos ficaram ainda mais importantes. Os Rogues controlavam boa parte das encruzilhadas subterrâneas naquela parte de Manhattan. Não gostavam dos Sentinelas, mas gostavam ainda menos de mutantes.

Kate ofegava, tendo que correr pelo último meio quilômetro ou mais para chegar antes da hora, para que sua parada planejada não a atrasasse. Aquela parte da Park Avenue fora o cenário de diversas batalhas, na época em que ainda tinha gente resistindo ao controle dos Sentinelas. Agora, estava cheia de entulho e destroços. Pedaços da calçada já não existiam – os buracos eram cobertos com folhas de compensado, telhado conjugado, tudo que as pessoas encontravam. Kate passou devagar pela beirada de uma dessas placas, medindo cada pisada que dava. A cidade de Nova York, antes uma das maiores realizações da humanidade, agora era uma série interminável de armadilhas letais – principalmente para um mutante sozinho.

Foi isso que o governo dos Sentinelas fizera. Aderindo inescrupulosamente à diretiva de controle de mutantes, os robôs esmagaram toda e qualquer resistência, destruindo amplas faixas das cidades para remover seus inimigos, deixando o restante em ruínas sem lei. A maioria dos mutantes foi morta, e boa parte dos restantes foi relegada ao campo de concentração do sul do Bronx, para o qual Kate estava retornando. Somente um deles, até onde ela sabia, continuava solto, mas quanto tempo levaria até que os Sentinelas prendessem Logan também? Não havia mais mutantes suficientes para fazer alguma diferença quanto ao destino de todos. Pelo menos era essa a sensação de todos, boa parte do tempo.

Contudo, talvez estivessem perto de fazer algo com relação a isso. Ela nem ousava criar expectativa, mas pela primeira vez em anos Kate Pryde entendia uma sensação contrária ao desespero. Nem todos odiavam os mutantes. Nem todos acreditavam nos planos dos Sentinelas. Nem todos...

Kate meteu o pé numa placa quebrada e tropeçou. A folha de compensado sob o pé dela cedeu e envergou, derrubando-a num buraco, mas numa

rampa íngreme escuridão adentro. Ela tombou e pousou com tudo, e percebeu então que caíra numa armadilha. E num território dos Rogues, isso só podia significar uma coisa.

Os três homens que a fitavam, do outro lado da câmara, eram Rogues, e ela estava em sérios apuros.

O local parecia servir como acomodações, com colchões sujos encostados na parede. Os três homens ficaram ali parados, olhando para ela com uma expressão maléfica, reunidos em torno de uma mesa coberta com o que restara de milhares de velas, já derretidas. As paredes eram forradas de estantes de metal enferrujado e retorcido; algumas ainda sustentavam enlatados. As toxinas dentro dessas latas deviam ter sofrido tantas mutações que já podiam unir-se aos X-Men – se ainda houvesse X-Men aos quais se unir.

– Olha só o que temos aqui – disse um dos homens. Os Rogues eram famosos por se vestirem do jeito mais esquisito; aquele ali tinha um moicano, penas nos cabelos e rosto pintado. Ao lado dele estavam um Chapeleiro Maluco e um todo esfarrapado estilo fronteiriço, ambos com tacos nas mãos.

– A mutuna tropeçou e caiu. Que tá fazendo fora do campo, mutuna?

– Serviço para os Sentinelas – ela respondeu, como se pudesse limpar a barra.

Era verdade. Estava retornando de uma entrega. Tinha a permissão dos Sentinelas.

O que tinha entregado eram amostras de tecido mutante. O local para onde as levara era uma instalação experimental construída dentro do que antes fora um laboratório do Hunter College. Continuava sendo laboratório, mas as pessoas que ali trabalhavam não eram mais os professores. Era gente escolhida a dedo pelos Sentinelas por duas qualidades: expertise científica e hostilidade implacável para com mutantes.

Essa última qualidade era algo que os Rogues também possuíam. Todos os três olhavam para o colar inibidor exposto quando o casaco de Kate abriu-se, durante a queda rampa abaixo.

– Colar inibidor indica que você tá de boa, mutuna – disse o Chapeleiro Maluco. Os três homens se aproximaram, fechando o círculo ao redor de

Kate. – E mesmo que você esteja trabalhando pros Sentinelas, a gente odeia eles tanto quanto vocês.

O de moicano adiantou-se perante os demais, olhando feio para Kate.

– Implore quanto quiser, docinho. Grite quanto quiser. Mesmo que alguém escute, ninguém vai vir ajudar. – Ele deu mais um passo. – Vai demorar muito pra você morrer, mutuna.

Pode até ser, pensou Kate. Mas não vou deixar que aconteça.

Acreditando que a mulher fora intimidada, o de moicano se aproximou ainda mais. Kate – com o treinamento na Sala de Perigo ainda guardado a fundo nos músculos – meteu-lhe um chute direto na barriga, mirando no feixe de nervos do plexo solar. Foi um impacto sólido; o homem bufou e pendeu para a frente, depois caiu de joelhos. Alguma coisa foi quebrada atrás dele, em algum ponto da escuridão além da luz das velas sobre a mesa. Em seguida, ouviu-se o barulho de carne esmagada, algo que a mutante reconhecia facilmente depois de toda a violência que testemunhara nos anos anteriores. Seriam os outros dois brigando por alguma coisa? Por *ela*?

Kate afastou-se, apressada, do de moicano. De quatro no chão, ele rosnou:

– Robbo, George... peguem ela! Segurem. Vou esfolar essa mutante viva, e depois vamos brincar.

– Não vai não, xará – disse um recém-chegado à sala, e da escuridão surgiu Logan. Ele chutou longe o chapéu do Chapeleiro Maluco, agora desacordado; o chapéu fez uma curva e foi parar no prospector, igualmente inconsciente. – Você vai deixar a moça em paz ou vai se juntar aos meus chapas aqui na terra do traumatismo craniano.

O alívio jorrou sobre Kate quando ela viu Logan. Ele a rastreara – só podia ser. Mas talvez os Sentinelas pudesse tê-lo rastreado também. Se ele não tivesse usado as garras, os robôs não teriam notado atividade mutante – a não ser que tivessem desenvolvido algum equipamento novo de vigilância. Ela não sabia de nada. Eles viviam criando novas maneiras de encontrar e matar mutantes... e simpatizantes, ou qualquer outro que julgassem opor-se aos planos deles.

– Tá dando ordem pro Big Alex? Na quebrada dele? É isso mesmo, tampinha? – Moicano sacou uma faca. – Beleza. Eu gosto de merecer minha

diversão. Quer a mutuna, velho? Vem pegar.

– Você que sabe – disse Logan. – Só não diga que não avisei.

Logan deu um passo à frente para encarar Big Alex. O coração de Kate veio na garganta quando ela viu o amigo baixar as mãos até a cintura e virar os punhos como sempre fizera na hora de acionar as garras. *Não, Logan*, pensou ela. *Não faça isso. Vai atrair os Sentinelas!* Mas não ouviu o típico *snikt*, nem viu as garras. Hábitos antigos – no caso de Logan, de quase duzentos anos – eram difíceis, se não impossíveis, de quebrar.

Big Alex deu um golpe de faca, todo ferocidade, zero jeito. Logan curvou o corpo apenas o suficiente para que a lâmina passasse a centímetros do queixo. Ele apoiou o peso numa das pernas, enquanto a outra subiu num chute que derrubou a faca de Big Alex. O impulso do Rogue ainda o levava para a frente, e Logan meteu-lhe o cotovelo quando ele passou. O impacto na nuca de Big Alex fez o estômago de Kate dar nó. Quando o rapaz caiu, Logan se virou, abaixou e fincou o joelho na lombar dele, depois deu mais dois murros cujo impacto Kate não pôde ver, mas ouviu muito claramente.

Depois Logan se levantou, alongou os ombros para relaxar e virou-se para ela.

– Você está bem, Kate?

Ela se levantou.

– Estou bem. Mas um apuro desses, posso ficar sem.

– Sei como é. – Ele fitou a rampa e ficou em silêncio por um momento, ouvindo. – Vem. Vamos embora.

Quando retornaram à rua, Kate começou a relaxar – pelo menos o tanto que um mutante de Nova York, sitiada sob o controle dos Sentinelas, conseguia relaxar.

– Me diga, coronel Logan. Como vai a vida no exército de resistência canadense?

– Um agito só, linda – disse Logan. – Ouvimos de Londres que está tudo no automático. No momento em que os Sentinelas começarem a deixar a América do Norte, todo o poder nuclear vai ser lançado num ataque em escala total.

– Então, tudo depende dos X-Men – disse Kate. Foi gostoso dizer isso, como se as palavras pudessem conferir aos X-Men um poder que um dia eles possuíram.

– Como sempre, né? – Logan estendeu a mão, palma para cima, mostrando um pequeno objeto de metal. Era um tubinho com um conjunto de filamentos no meio e um disco acoplado de um dos lados dos fios. – Está aqui. Último pedaço do Obstrutor. Os crânios do ECL fizeram com uma liga que não deve aparecer nos rastreadores dos Sentinelas. Você vai poder entrar no campo com ele.

– Fácil falar, pra você.

– Com certeza – Logan concordou. – A Fase Dois começa à meia-noite em ponto. Você vai ver o sinal que eu deixei. Fiquem prontos.

– Vamos ficar.

Kate parou; ainda não estava pronta para se separar dele. Ver um mutante livre era maravilhoso, até inspirador, mas saber que logo ela voltaria a cruzar os portões do campo lhe deu vontade de fugir. Para o Canadá, quem sabe. Mas não podia abandonar os amigos. Como ela mesma dissera, tudo dependia dos X-Men.

– Acha que vai dar certo? – ela perguntou, só para prolongar um pouquinho mais a conversa.

– Tomara – disse Logan. – Tem milhares de mísseis apontados para nós, com um cara muito ansioso com o dedo nos botões. Assim que a Europa achar que os Sentinelas estão cruzando a fronteira do continente, não vamos passar de cinzas voando pelas correntes de ar.

Alguma coisa nessa imagem mexeu com Kate. Ela se lembrou da vida que tinha antes do colar inibidor, quando podia se desmaterializar. A sensação das moléculas individuais passando por seu corpo, a empolgação incrível de saber que podia fazer algo que talvez mais ninguém no mundo pudesse.

Tanta coisa mudara.

Talvez eles pudessem consertar.

– Vá pra casa, Kitty – disse Logan. – Não queremos que os Sentinelas te observem muito de perto.

Kate fechou o zíper do macacão de prisioneira por cima do componente do Obstrutor, enfiado num rasgo no forro.

– Não vamos ter outra chance, não é?

– Não. Se não der certo, vamos todos morrer, mocinha. Simples assim.

Ela assentiu.

– É por isso que tem que dar certo. – Logan subiu para a rua e se abaixou para ajudar Kate. – Te vejo mais tarde – disse. – Você sabe onde e quando.

Mais uma vez, ela assentiu. Queria tanto falar mais daquilo, mas já tinham dito mais do que era prudente dizer, dada a possibilidade de haver Sentinelas vigiando.

Kate sentiu os olhos de Logan sobre ela enquanto cobria os últimos quarteirões até o ponto de ônibus do outro lado da Quinta Avenida, no Central Park, onde a 79^a, rua transversa, desaparecia floresta adentro. Fazia muito tempo, mais de uma década, que a cidade de Nova York não cuidava do parque. Os ônibus não eram movidos a diesel, gás natural ou eletricidade fazia o mesmo tempo. Agora eram puxados por cavalos.

A mutante subiu num ônibus e, por instinto, procurou por um lugar distante dos outros passageiros. Estava ciente, até demais, não apenas do colar inibidor, mas também do macacão de prisioneira, marcado com um M imenso de tinta preta, nas costas, indicando-a como mutante. Os Sentinelas e seus cúmplices tinham aplicado classificações como parte do Ato de Controle de Mutantes de 2019. “H” significava um humano normal, livre de mutações ativas ou predisposição genética para estas. Esse grupo não tinha que se vestir nem se comportar de um modo particular, mas muitos deles usavam um H nas roupas como marca de orgulho e pureza genética. “A” indicava os anômalos, categoria de pessoas cujo genoma continha potencial para mutação ativa. A’s não podiam se reproduzir e tinham que mostrar a letra o tempo todo.

E havia os “M”. O único momento em que um M era visto entre a população geral era quando os Sentinelas os mandavam em alguma missão específica, como fizeram com Kate. Ela ouviu os comentários dos passageiros; e não encontrou lugar algum, pois tanto H’s quanto A’s esparramaram-se para impedir que ela sentasse perto. Isso era em parte crueldade humana,

mas também medida de proteção. Os Sentinelas monitoravam interações entre os mutantes e as outras pessoas, e a suspeita dos robôs era algo a ser evitado a todo custo.

Então Kate ficou vendo a cidade passar a galope, cuidando para evitar contato visual com os outros passageiros. Ataques contra mutantes fora dos campos eram raros, mas apenas porque era muito incomum para um mutante ter o privilégio de deixar a base. Kate apreciava muito esse privilégio, tanto por ser necessário para o plano quanto por dar-lhe a chance de ver no que os Estados Unidos da América estavam se transformando. Por outro lado, se o plano desse certo, ela nunca mais precisaria desses privilégios de saída.

Ela olhou para o céu, sombrio e chuvoso, e imaginou como ele ficaria quando as ogivas começassem a cair.

No Canadá, segundo Logan, as coisas estavam um pouco melhores – mas somente porque os mutantes canadenses tinham se preparado melhor, começando assim que o Projeto Despertar entrou em ação. Eles tiveram tempo para planejar, para deixar as cidades e se fazerem quase totalmente impossíveis de ser encontrados. Logan não contava muito para Kate, porque nenhum dos dois sabia quando os Sentinelas poderiam interrogá-la, mas ela compreendera, juntando uma ou outra referência, que a superequipe canadense Tropa Alfa poderia ainda estar viva e em ação, em algum lugar no noroeste dos Grandes Lagos.

Não que a Tropa Alfa pudesse fazer algo por ela, assim de tão longe. Se os restos fragmentados dos antes orgulhosos X-Men fossem impedir a devastação nuclear da América do Norte, teriam que fazê-lo ali mesmo, no sul do Bronx.



KATE SAIU DO ÔNIBUS perto do Estádio Yankee e cruzou os estacionamentos, até os portões do campo, onde dois Sentinelas montavam guarda. O primeiro falou quando ela se aproximou:

- Mutante 187, você está atrasada. Explique-se.
- Fui atacada por Rogues na Park Avenue – disse ela, escolhendo as palavras cautelosamente para impedir que os sensores dos Sentinelas detectassem hesitação ou omissão. Ensaiara possíveis respostas por dias, já prevendo essa situação. – Eu escapei. Foi esse o motivo do atraso.

– Rastreio encefálico indica resposta verdadeira. Prossiga.

Para a sorte de Kate, o Sentinel não a interrogou mais. Teria sido muito fácil ser pega mentindo, o que provavelmente significaria execução imediata. Se o Sentinel tivesse um lampejo de dúvida sequer, teria feito a mutante passar por um processo exaustivo e humilhante de interrogatórios que poderiam evidenciar o componente do Obstrutor. Isso poria fim ao plano antes mesmo que tivesse a chance de começar.

Mas nada disso aconteceu. *Pare de voar em pensamentos*, ela disse a si mesma. *Você não tem que imaginar futuros alternativos – está prestes a viver um*.

Pelo menos esperava que fosse viver. As horas seguintes contariam boa parte dessa história, de um jeito ou de outro.

Uma vez passando pelo posto de segurança no portão, Kate seguiu andando ao lado da cerca, evitando o labirinto que era o interior do campo. Era perigoso lá. Na época de sua construção, o campo fora organizado em três seções. A primeira, perto dos portões principais, consistia de um conjunto de prédios baixos que abrigavam um laboratório de pesquisas, instalações médicas e escritórios de administração.

Boa parte dos internos mutantes originais estava agora no cemitério que ocupava parte do espaço entre o complexo administrativo e a porção principal do campo. Ali, duas filas compridas de quartéis alinhavam-se em frente à fileira de casas em ruínas. Toda a capacidade do local jamais fora dedicada aos mutantes: desde o início, também abrigara rebeldes humanos normais e

diversos outros desafortunados considerados dispensáveis pelos Sentinelas. Alguns desses eram membros de grupos antimutante cujas tendências violentas os colocaram do lado errado do desejo dos Sentinelas pela ordem. Teoricamente, eles não deviam entrar em contato com o contingente cada vez menor de internos mutantes. Na prática, os Sentinelas faziam vista grossa. Muitos dos mutantes enterrados no cemitério morreram sob as mãos de outros internos. A perda mais recente fora a de Kurt Wagner, o mutante conhecido como Noturno, cerca de um ano antes ou menos.

Após o incidente, os Sentinelas confinaram os mutantes num único prédio em um dos cantos do campo, onde guardas podiam ficar de olho grudado neles. Em algum momento, Kate sabia, os Sentinelas alcançariam qualquer que fosse o objetivo das pesquisas a que tinham se proposto e matariam os mutantes remanescentes. Até lá, contudo, os mutantes ainda tinham abrigo, com uma cozinha própria para que não tivessem que frequentar o refeitório do campo.

Os barracões originais tinham sido modificados ao longo dos anos; suas linhas limpas e regulares, transformadas numa confusão de barreiras improvisadas, passarelas, túneis e passagens cobertas que refletiam a balcanização da população do campo. Os internos não mutantes vinham de várias gangues e grupos lá de fora, e traziam tais afiliações consigo. Os Sentinelas não se importavam, contanto que não houvesse rompantes de violência; quando isso ocorria, as reprimendas eram rápidas e brutais. Diversas vezes desde que Kate fora trazida ao campo, os Sentinelas atearam fogo em partes dele. Em seguida, os internos as reconstruíam – alterando cada vez mais os contornos originais, mais organizados.

Do mesmo modo que nenhum mutante entrava por vontade própria em território dos Rogues lá fora, mutante nenhum entrava por vontade própria nesse labirinto. Kate seguiu para a instalação médica, escolhendo espaços abertos às vistas dos Sentinelas que montavam guarda, posicionados ao longo da cerca. Quando passou pela lápide de Kurt, tentou não olhar para as demais. O passado se fora. Era preciso focar-se no futuro – em garantir que tivessem um.

Ela devolveu o estojo médico para a enfermaria do campo, onde os médicos a dispensaram sem nem olhá-la nos olhos. Para eles, era subumana, uma aberração, um beco sem saída genético prestes a ser eliminado da espécie. Talvez alguns deles não concordassem com isso, mas no campo não importava no que a pessoa acreditava. O que importava eram as atitudes, e os humanos classe H que trabalhavam para os Sentinelas eram totalmente cúmplices do contínuo genocídio de mutantes que ocorria na América do Norte. Ao pensar nisso, Kate perguntou-se se talvez Magneto não estivesse certo o tempo todo.

Por outro lado, o próprio tinha traído sua militância anterior em troca de um cinismo enfadonho. Os mutantes eram muito poucos, e talvez estivessem abatidos demais para acreditar que a milícia podia ajudar em alguma coisa.

A não ser que o Obstrutor funcionasse. Era a última chance.

O restante dos X-Men... Kate se conteve. Era fácil pensar neles como sendo ainda os X-Men. Mas pensar assim não seria apelar para um grupo que não existia, uma história que fora enterrada? Os X-Men morreram quando Charles Xavier morreu, na verdade. Agora eram apenas o restante dos mutantes sobreviventes, a última grande esperança para os mutantes na América do Norte, e talvez do mundo todo. E estavam esperando por ela em seu pequeno abrigo improvisado com placas de metal.

Ela entrou e se sentiu imediatamente mais segura junto dos amigos.

A primeira a encontrá-la à porta foi Ororo Munroe, a luz guia de Kate quando ela entrara para o grupo, muitos anos antes. O tempo que se passara boleara um pouco os traços e a postura de Ororo – mas ela continuava forte e graciosa, com um ar de autoridade tranquila que desmentia seu nome de X-Men: Tempestade. Logo atrás dela vinha Franklin Richards, que, tendo chegado à meia-idade, ganhara o mesmo tom grisalho nas têmporas que tivera seu falecido pai, Reed Richards, do Quarteto Fantástico.

Rachel Summers fitou-a, sentada a uma mesa no espaço de convivência logo à frente da porta de entrada. Os cabelos ruivos tinham sido tados muito curtos por ela mesma; o rosto continuava perpetuamente teso e pálido, como se ela não dormisse bem há séculos. Rachel era um mistério para os demais – até mesmo Franklin, com quem ela se casara pouco depois de ser

aprisionada. Kate não sabia nada do passado da mutante, assunto que parecia proibido de ser abordado. Isso ela sempre considerara injusto: Rachel era telepata, e portanto devia ter descoberto tudo o que havia para descobrir dos demais antes de os Sentinelas terem colocado um colar inibidor nela.

Um pouco mais afastado do grupo estava Magneto, numa cadeira de rodas. Fora aleijado por uma blitz de Sentinelas em sua base secreta no Caribe, durante a qual todos os seus tenentes mais próximos da Irmandade foram mortos. Seus traços continuavam muito similares aos de sempre, Kate pensou – o rosto esguio, e os cabelos grisalhos e rebeldes que nunca mudavam. Era estranho reparar nisso, considerando quanto os demais tinham envelhecido.

E ao lado de Magneto estava o marido de Kate, Peter Nikolaievitch Rasputin. Fazia muito tempo que ninguém mais o chamava de Colossus. Kate foi até ele e ali se confortou, como sempre fazia, dado o tamanho do homem e sua personalidade tranquila. Até mesmo quando não estava transformado em brilhante aço orgânico – algo que não fazia havia muitos anos –, continuava sendo uma presença gigantesca.

– Perdoem a demora – ela disse. – Dei de cara com um bando de Rogues. E eles, com Wolverine.

A preocupação ficou clara no rosto de Peter à menção dos Rogues, mas desapareceu assim que ela mencionou Wolverine.

– Ele não fez nada...? – Ororo não concluiu a pergunta.

– Não, nada que atraísse a atenção dos Sentinelas – disse Kate. – Logan não faria isso.

– Não questiono as intenções dele, Kate – disse Ororo. – Questiono seu temperamento.

– Bom, eu trouxe o último módulo – disse Kate. – Logan vai fazer a parte dele à meia-noite, como conversamos. A Fase Um tem que estar concluída até lá.

– Fase Um – disse Peter. – Falamos disso de um modo tão banal, mas o que contemplamos é tão fantástico. Ainda não consigo acreditar que é possível.

– Palavras estranhas, Piotr Nikolaievitch, vindo de alguém que viu e fez tudo que você fez.

Magneto moveu a cadeira de rodas lentamente por sobre o asfalto partido. Não era mais um inimigo – havia pouquíssimos mutantes para que houvesse divergência entre eles –, mas mesmo assim ele se mantinha distante dos outros cinco. Diferenças antigas, inimizades antigas levavam muito mais do que vinte anos para se dissipar totalmente.

Peter riu.

– Sempre fui um homem simples, velho amigo. Na alma sou mais fazendeiro do que super-herói.

– Talvez seja disso que precisamos: um pequeno toque do novo homem soviético – disse Magneto. – Otimismo. A vontade de seguir adiante a qualquer custo. Se houvesse alternativa, aceitaríamos. Mas se não fizermos nada, o mundo entrará em guerra amanhã mesmo. No dia seguinte... a América do Norte será apenas crateras e pó. Nossas ações talvez não melhorem as coisas, nem para nós nem para a humanidade como um todo, mas certamente não vão piorar.

Quão facilmente ele entrava no posto de líder, Kate reparou. Falava em nome de todos, incorporava as preocupações e medos, transformando-os em força. Não era de se surpreender que fora um inimigo tão perigoso.

– Rachel – dizia ele, aproximando-se dela e de Franklin. – Dependemos muito de você hoje à noite.

– Não vou falhar, Magneto – ela disse. – Meditei o dia todo. Assim que o Obstrutor estiver funcionando, podemos começar.

– Então o que estamos esperando? – Kate soltou.

Imediatamente, ela se arrependeu do que dissera – não tivera a intenção de cutucar ninguém, mas estava com os nervos à flor da pele, principalmente depois do encontro com os Rogues. O plano dependia dela tanto quanto de Rachel, e a espera – esse interminável preparar e especular, e *falar* – a estava matando.

– Um momento, minha esposa – disse Peter. Ela parou e se virou para ele. Os outros quatro se afastaram, respeitando o casal. – Tenho minhas dúvidas. Pode dar certo mesmo? E mesmo que dê, é para ser assim? Estamos nos propondo a brincar com o tecido básico da realidade. O que vai acontecer se tivermos sucesso? O que vamos desfazer? – Ele a pegou pelas mãos, um gesto

estranhamente cortês se comparado ao plano de fundo que era o campo. – Nós mesmos... esse nosso amor que sobreviveu a tanta coisa... talvez deixe de existir junto com os Sentinelas.

– Isso é um risco que temos de correr, Peter – ela disse. – De que importa o amor entre duas pessoas em comparação à vida de bilhões? Nem sei o que vai acontecer com a minha versão mais jovem. Talvez eu me desfaça. Mas se nosso amor for mesmo pra ser, vai ser de qualquer jeito. Temos que acreditar nisso. Só que dessa vez vai ser num mundo em que nossos filhos vão poder crescer livres e sem medo. Os Sentinelas acabaram com isso, junto com nossos... nossos filhos. Se mudar o passado der a chance, por menor que seja, de desfazer isso, então vou fazê-lo. Não importa o que mais vá custar.

De cabeça baixa, Peter a escutava com atenção. Quando ela terminou de falar, ele disse simplesmente:

– Eu te amo, Kate.

– Também te amo, Peter... desde o dia em que nos conhecemos.

Agora ele sorriu.

– Uma gracinha dizer isso, mas você só tinha 13 anos. Uma garotinha. O amor, o verdadeiro amor... vem depois.

– E vai estar lá para nós depois, quando eu conseguir – disse Kate. – Você tem que acreditar nisso. Se não acreditar, como vou fazer?

– Então acreditarei – disse Peter.

Uma hora mais tarde, o Obstrutor foi montado, e todos deixaram a salinha. O grupo se reuniu rapidamente para uma última conferência.

– Não sabemos... e não há como sabermos... exatamente o que acontecerá quando essa projeção acontecer – disse Magneto. – Mas podem ter certeza de que os X-Men de vinte anos atrás serão muito céticos. Se me lembro bem, você aparecerá imediatamente após a morte de Jean Grey. A equipe estará lidando com isso e com a decisão de Scott Summers de deixar os X-Men por um tempo. Ororo, isso bate com suas lembranças?

– Exatamente – disse Tempestade.

– Certeza que esse é o melhor jeito? – perguntou Franklin. – Me parece que estamos arriscando tudo num plano que... por mais que saibamos o quanto Rachel é poderosa... não é muito provável que dê certo.

– Se tem ideia melhor, Franklin, pode nos contar – disse Rachel.

O rapaz a fitou do mesmo jeito que Peter olhava para Kate: um homem incomodado por saber que ia ficar de lado enquanto a esposa tomava a dianteira, mas também morto de preocupação por ela, porque nenhum deles sabia o que ia acontecer na hora seguinte. Talvez fosse a última hora de suas vidas.

– Ninguém tem uma ideia melhor – disse Ororo. – Já esgotamos o assunto. É hora de agir. Se vamos morrer, que não seja sem fazer nada.

Magneto assentiu.

– Passei muito da infância num lugar como este – disse. – Não terminarei minha vida aqui.

Franklin ficou mais um instante olhando a esposa nos olhos. Depois ergueu as mãos.

– Tudo bem. Vamos lá, então.

Magneto voltou-se para Rachel.

– Quanto tempo acha que precisa para se preparar?

– Não sei. Nunca fiz algo como isso antes. Alguns minutos de silêncio para me concentrar, depois... – Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente. – Vamos tentar.

– Não tem nada de tentar – disse Franklin. – Ou fazemos isso ou estamos todos mortos.

– Que jeito ótimo de me ajudar a focar, Franklin.

Rachel fechou os olhos e se sentou, ficando imóvel. Franklin começou a dizer alguma coisa, mas Magneto lhe dirigiu um gesto. O rapaz lançou um olhar preocupado para Rachel, depois saiu da sala, seguido pelos demais.

– Vá com calma, Rachel – disse Magneto. – Mas não demais. A meia-noite está chegando, e teremos apenas uma chance.

Então ele também se foi.

Finalmente, Rachel teria alguns minutos para si. Poderia preparar-se, concentrar-se para uma proeza que nem mesmo ela tinha certeza de que conseguiria executar. Podia ao menos garantir que a persona de Kate sobrevivesse à transição extenuante desse futuro para sua versão adolescente, ancorada 22 anos no passado.

Poderia também refletir um pouco sobre os delitos do passado e fazer o cálculo fútil de transgressão e reparação. Quantas boas ações, quantas vidas salvas poderiam compensar pelos anos que ela passara como farejadora de Ahab, caçando humanos fugitivos nos primeiros anos da dominação dos Sentinelas?

Nenhum dos X-Men sabia a história dela, e Rachel queria que as coisas permanecessem assim. Seus pecados eram só dela. Sabiam o sobrenome dela porque os funcionários humanos do campo o usavam, e Rachel tocara as mentes deles o bastante para saber que tinham tirado suas próprias conclusões. Mas com tão poucos mutantes restando, todos pensavam duas vezes antes de fazer perguntas demais quando as respostas podiam criar ressentimento e divergência. Às vezes ela pensava em contar tudo. Seria catártico tirar o peso das costas, mas tal benefício tinha de ser contrabalançado com a possível reação deles quando soubessem que ela era responsável pela morte de tantos amigos deles.

Por outro lado, fizera o que fizera para sobreviver. A verdade era simples assim. Se isso não a deixasse em paz, bastava para permitir-lhe viver consigo.

Autoavaliação e culpa não ajudavam muito na concentração. Rachel procurou focar os pensamentos. Entrou na cadência revigorante da respiração meditativa e ficou ali, deixando que somente o presente importasse.

Ela sobrevivera ao massacre na escola de Xavier. Sobrevivera às purgações e linchamentos antimutante, depois disso. Fizera o que fizera para sobreviver. E quando pensava em todos os anos passados, não conseguia acreditar que havia algum caminho para a redenção ainda aberto para ela. Franklin acreditava nela – contudo, perversamente, isso afiava o ódio que ela tinha por si mesma. Ela não o merecia. Acabaria, ela receava, traindo a confiança dele, assim como traíra a confiança de tantos outros antes dele.

Então Kate Pryde retornou ao quarto, e Rachel não tinha mais o luxo da insegurança.

– Estamos prontos? – Magneto perguntou, logo atrás de Kate. Ororo, Peter e Franklin vinham em seguida.

Franklin foi o único que se aproximou de Rachel. Ele parou atrás dela, querendo protegê-la, e pousou as mãos em seus ombros, mas ela se contraiu e disse baixinho:

– Preciso de um pouco de espaço agora, Franklin.

Ele recuou. Ela nem olhou para ele. Se o tivesse magoado, não havia nada que fazer; pensar nisso seria pura distração.

Kate chegou perto de Peter, que se abaixou e a beijou na testa, depois nos lábios.

– Vá, Kate – disse. – Faremos a nossa parte. Depois volte para nós, meu amor.

Ela concordou e foi até o fino colchão. Ali ela se deitaria enquanto sua personalidade, sua essência, era extraída e transmitida mais de vinte anos no passado.

Ou ela enlouqueceria. Ou morreria. Ou sua mente chegaria ao corpo de um estranho. As possibilidades de equívoco não tinham fim.

– Montamos o Obstrutor – disse Magneto. – Não vai funcionar por muito tempo. Nossa *timing* tem que ser perfeito, e precisaremos também de um pouco de sorte.

– Um pouco – Franklin repetiu.

O Obstrutor jazia no chão, ao lado do colchão, à esquerda de Rachel; parecia um pouco com um bule com três pernas compridas. A caixa continha uma pequena bateria, um conjunto de antenas e um interruptor de ondas de multiespectro. Praticamente todo poder mutante exercia efeito em certa parte do espectro eletromagnético, e os Sentinelas eram equipados com detectores ajustados aos padrões conhecidos dos mutantes sobreviventes. Era aí que entrava o Obstrutor. Ele mascararia o uso dos poderes deles, permitindo que Rachel realizasse a projeção psíquica. Deixaria também que os seis tirassem seus colares inibidores. Assim poderiam, pelo menos, lutar.

Kate corrigiu-se duas vezes. Primeiro, apenas cinco deles tirariam os colares inibidores. Ela ficaria deitada na mesa. Tinham ensaiado tudo, e não podiam arriscar o tempo que perderiam tirando o colar dela antes que Rachel começasse a projeção. Segundo, não pretendiam começar o combate logo de cara. O objetivo era, primeiro, escapar.

Depois, talvez lutar fosse inevitável.

– Kate – disse Rachel. – Não tenho que ser telepata para saber que a sua mente está indo para todo canto ao mesmo tempo. Você precisa se acalmar e focar para que dê certo.

– Fácil pra você falar – disse Kate. Contudo, ela deitou na mesa e fechou os olhos, acalmando a respiração e deixando o rodopiar caótico dos pensamentos ser drenado até que somente um permaneceu. Ela se lembrou de quando tinha 13 anos e era o mais novo membro dos X-Men. Na época, chamavam-na de Sprite, e ela não tinha confiança para dizer a Tempestade e aos demais que não gostava muito desse codinome. Mas não conseguiu se lembrar de quando trocara.

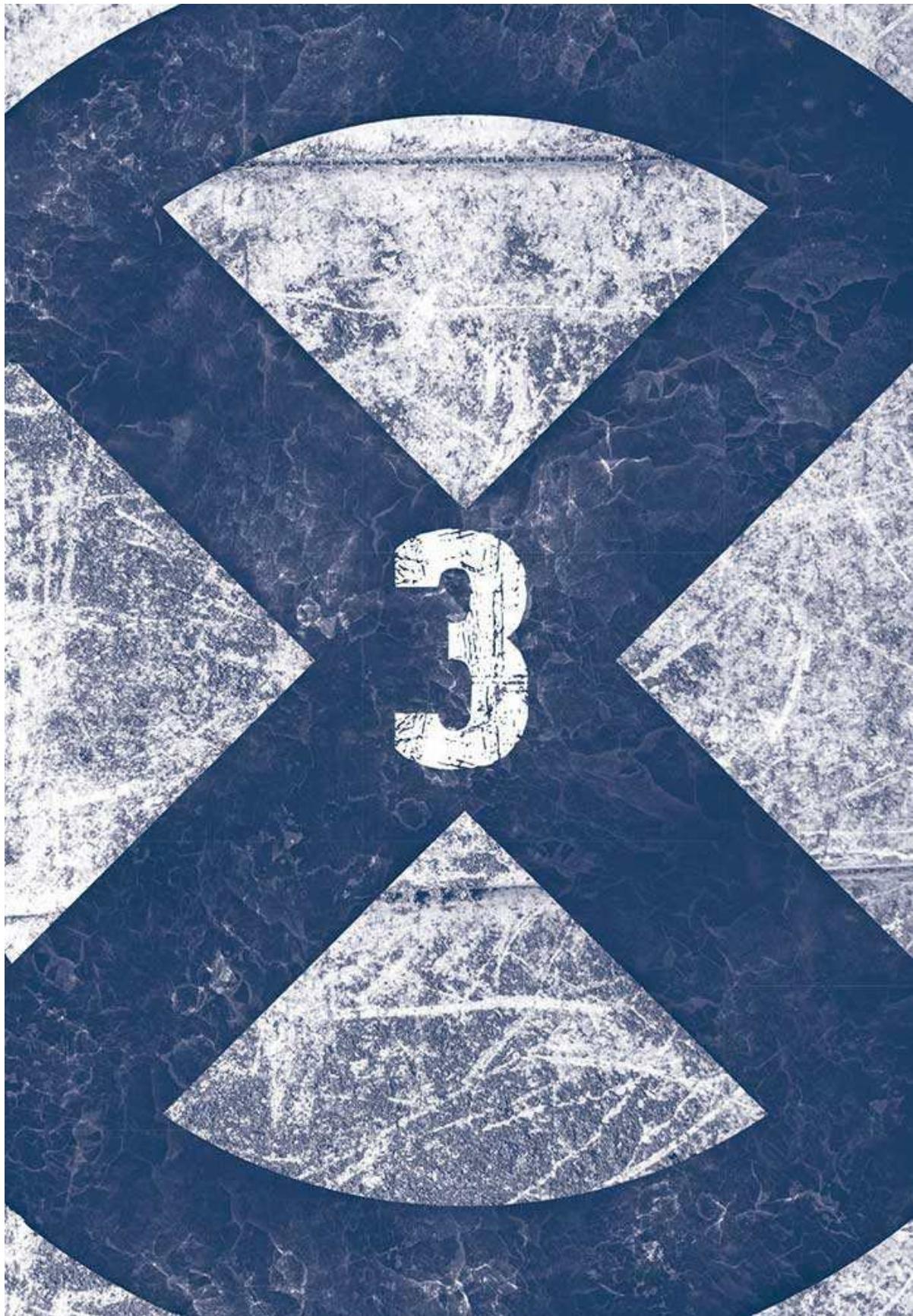
– Hora de começar, se vamos mesmo fazer isso – disse Franklin. Sua mão pairava sobre o botão do Obstrutor. – Rachel, está pronta?

– Pronta – disse ela. – Mas não se assustem se não acontecer logo de cara. Devo demorar alguns minutos pra reunir a consciência da Kate e garantir que posso mantê-la intacta para a projeção.

– Vamos ficar fora do caminho – disse Ororo.

– Silêncio seria uma boa – disse Rachel. – Franklin, pode ligar.

Ouviu-se um clique agudo quando Franklin ativou o Obstrutor. Ninguém disse mais nada depois disso.





WOLVERINE VIROU O PÁSSARO NEGRO e baixou a aeronave, aproximando-se bem da pista de pouso no perímetro da penitenciária federal Max-X, instalação prisional projetada para super-humanos que não podiam ser mantidos em prisões normais. Os X-Men tinham recebido um alerta noventa minutos antes que uma espécie de explosão ou possível evento sísmico fizesse desabar parte da instalação. Entre diversos possíveis fugitivos estava Fred J. Dukes, mais conhecido como Blob, um dos membros originais da Irmandade de Mutantes.

Com as famigeradas “audiências mutantes” para acontecer no Senado do dia seguinte, Tempestade decidiu de imediato que os X-Men precisavam ter presença forte e visível no local. Ela, Wolverine, Noturno, Colossus e Kitty Pryde eram o grupo a se apresentar.

Do ar, a prisão parecia, inicialmente, ter tido toda uma ala destruída por uma bomba de potência considerável. Mas em inspeção mais próxima, a impressão era outra. Não havia campo de detritos espalhados para fora do centro do desabamento.

– Blob – disse Peter. – Ficou mais poderoso.

Blob podia aumentar sua massa e densidade a ponto de ser impossível se mover. Era também praticamente impossível machucá-lo fisicamente. Agora parecia ter aumentado seus poderes, ficando denso o bastante para que sua massa pudesse derrubar qualquer estrutura projetada para contê-la.

– Ele implodiu o prédio todo? – perguntou-se Kurt Wagner, o Noturno. – *Ich staune*. Pra onde foi, então?

– Melhor colocá-lo debaixo da terra, da próxima vez – disse Wolverine.

– Você já quer logo matar, Wolverine – disse Peter.

Wolverine riu, soltando um som mais parecido com rosnado que com riso.

– Só quis dizer que, se ele estivesse debaixo da terra, podia derrubar um prédio na própria cabeça e não conseguir mais sair. Precisa parar de levar tudo tão a sério, Petey.

– E você talvez devesse considerar como suas atitudes no passado tornam a minha reação compreensível... Logan.

Wolverine deu de ombros.

– Beleza. Você faz as coisas do seu jeito. Eu faço do meu.

– Onde estão todos os guardas? – perguntou Noturno.

A Max-X devia estar sob controle dos melhores soldados que um programa de treinamento da junção entre as Forças Especiais e a S.H.I.E.L.D. podiam produzir, mas as dependências da prisão estavam vazias, e o portão da frente, aberto. O rádio do Pássaro Negro emitia somente estática, mesmo na frequência particular da Max-X. Havia alguma coisa obstruindo-o.

O Pássaro Negro parou no estacionamento ao lado da cerca da prisão. Peter abriu a porta de fuselagem e foi descendo pela rampa que se estendeu automaticamente logo abaixo. Tempestade e Noturno foram em seguida, e Kitty estava prestes a ir com eles quando Logan parou na frente dela.

– Fique no avião, Kitten – disse Wolverine. – Ainda não tiramos as rodinhas da sua bicicleta.

– Isso não é justo – ela protestou. – Sou uma X-Man. Vocês me deram até um codinome.

– É, demos. Acho que vou usar, então. Fique no avião, Sprite. Eu nunca mais teria sossego com o Chuckie X me infernizando se eu te deixasse entrar num combate e acontecesse alguma coisa. Observe e aprenda. – Wolverine manteve os olhos na garota. – Sacou?

– Está bem – disse ela, e deu meia-volta para ir se largar na cadeira do copiloto.

Os quatro X-Men cruzaram o estacionamento, vendo logo de cara que havia algo de errado além da ala desabada do complexo prisional. Buracos de bala adornavam alguns dos prédios perto do portão, que não estava somente aberto. Tinha sido arrancado das dobradiças.

– Sinto cheiro de sangue – disse Logan, assim que a emboscada foi acionada.

As portas de fora da prisão se abriram. Mercenários com armamento pesado usando as máscaras brancas do Clube do Inferno saíram dali, atirando. Mais mercenários surgiram nas torres de vigilância da prisão com rifles *sniper* mais pesados, de disparo único.

Um dos disparos acertou Peter no ombro, fazendo-o girar. Ele passou para a forma de aço orgânico, e mais duas balas ricochetearam nele. Noturno desapareceu numa explosão de fumaça e reapareceu, de sabres reluzentes nas mãos, bem no meio de uma das equipes de atiradores inimigos. Ele derrubou três deles e se teleportou de novo, antes que pudessem reagir.

A abordagem de Wolverine era mais direta: ele baixou a cabeça e avançou para o centro do grupo mais próximo, garras à mostra, golpeando. Tempestade ergueu os braços e conjurou neblina, obscurecendo sua figura enquanto nuvens apareciam e escureciam o céu. Começou a chover, e o ribombar de trovões ecoou pelo terreno plano.

Dentro do Pássaro Negro, Kitty Pryde assistia à batalha num estado de angústia pura. Ela *tinha* de fazer alguma coisa. Os X-Men a aceitaram, salvaram sua vida, e agora, quando enfrentavam uma situação das mais difíceis, ela não estava lá para ajudar. Não suportava isso. Estava pronta para lutar. Sabia disso.

Havia mercenários do Clube do Inferno em todo canto, com a vantagem sobre os X-Men de pelo menos dez para um. Contudo, os guardas da prisão, previamente assolados pelo ataque do Clube do Inferno, pareciam ter sido encorajados pela chegada dos X-Men. Tiros foram ouvidos dentro dos prédios conforme os homens lutando para sair e se reuniram em pontos de defesa nas beiradas do território da prisão.

O corpo de aço orgânico de Colossus brilhava sob a luz do sol, fiscando sob o impacto de dezenas de balas. Chegava a perder o equilíbrio, mas não se machucava. Ele baixou um ombro e mergulhou contra a parede sob uma das torres de vigilância, derrubando-a sobre um depósito perto do portão.

– Arremesso especial, Petey! – Wolverine gritou, cruzando em disparada o pátio da prisão.

Colossus firmou pés no chão e pegou Wolverine no meio do salto, arremessando-o num voo que o levou ao topo da torre de vigilância do outro lado do portão. O *sniper* do Clube do Inferno conseguiu um último disparo antes de ser atingido pelos punhos de Wolverine, que o esmagou no chão. Um voleio concentrado de tiros de metralhadora rasgou toda a torre assim que Logan pousou.

– Logan! – Kitty gritou.

Ele não era invencível. Nenhum deles era. Ela tinha de ajudar. Que tipo de X-Man seria se só ficasse ali assistindo?

Kitty respirou fundo e se desmaterializou, deixando-se cair através da porção inferior da fuselagem do Pássaro Negro para tornar a solidificar-se quando seus pés tocaram o chão. Uma porção dos mercenários do Clube do Inferno fazia uma varredura do perímetro da cerca, seguindo para o Pássaro Negro. Um deles a avistou, e ela quase não conseguiu ficar intangível a tempo da fuzilaria de balas deles passar através dela. Ela tornou a ficar sólida e se protegeu atrás do trem de pouso da aeronave, tão aterrorizada que nem conseguia gritar. Uma espécie de disparo de energia atingiu o trem de pouso e a derrubou, girando, mas ela rapidamente ficou de pé e pôs-se a fugir dos mercenários do Clube do Inferno sob a chuva incessante, dirigindo-se, por reflexo, para a forma monumental de Colossus. Ele a protegeria, ele...

Alguma coisa atingiu a garota com tudo entre os ombros, e ela foi de cara ao chão. Ofegante, rolou de lado, esperando ver sangue. Em vez disso, viu Logan. Ele saltara da torre de vigilância e a derrubara, absorvendo o grosso do voleio seguinte dos mercenários para si.

Um homem normal teria sido retalhado, mas Wolverine só ficou fulo da vida. Ele avançou contra os mercenários e derrubou seis deles antes mesmo de Kitty conseguir ficar de pé.

Coberto de sangue, e ainda rosnando, ele se virou para ela.

– Eu te disse, Kitty, pra ficar no maldito avião. Você não está pronta pra isso ainda. – Ele apontava o dedo para ela; quando viu que ela fitava o sangue nas garras dele, retraiu-as. – Kit, você tem que me escutar... ei!

Outra coisa atingiu Kitty. Uma sublevação em sua mente que lhe retirou todos os sentidos e a mergulhou na escuridão.



Logan viu Kitty tombar. Ele deu um giro completo. Não havia mais mercenários por perto. Ele não ouvira disparo exceto os que vinham de

dentro do complexo, onde os guardas da S.H.I.E.L.D. recuperavam a vantagem.

Noturno explodiu em existência ao lado do colega.

– *Was ist los?*

– Ela só desmaiou – disse Logan, ajoelhando ao lado de Kitty. Ela respirava, e ele não via ferimento algum.

– Vou avisar Ororo – disse Noturno, desaparecendo numa nuvem de enxofre.

Que droga, pensou Logan. Fiquei de babá, é isso?

Acabou que foi por pouco tempo. Logan e Colossus já tinham reduzido o número de mercenários do Clube do Inferno em mais da metade. Agora, menos de dez segundos depois que Noturno se fora, um relâmpago estourou no céu, dividindo-se para atingir as quatro torres remanescentes e a cerca circundante, derrubando assim boa parte dos mercenários que tiveram o azar de estar do lado de fora. Sob uma atmosfera que cheirava a ozônio, os inimigos que restaram renderam-se em massa.

Por mais alguns momentos, soaram tiros dentro do complexo. Então os guardas da S.H.I.E.L.D. que tinham sobrevivido ao ataque inicial emergiram de sua posição defensiva para reunir os prisioneiros, permitindo que Colossus voltasse sua atenção para Kitty e Logan.

– Ela apagou, mas não parece ferida – disse Logan. – Não sei que diabos aconteceu.

– Vou ficar com ela – disse Colossus.

Logan partiu para concluir a varredura nos arredores da Max-X, para ver se mais algum dos internos super-humanos tinha escapado. No trajeto, libertou alguns guardas que encontrou presos numa ala parcialmente desabada do complexo principal.

– Acho bom vocês checaram se o resto dos hóspedes continua aqui – disse.

Depois correu encontrar-se com Ororo e Kurt. Estavam perto do portão principal, conversando com o diretor, um oficial de carreira da S.H.I.E.L.D. chamado Yargeau com um corte dividindo o cabelo curto e o nariz obviamente recém-quebrado durante o conflito.

– Blob recebera a advogada ontem – dizia ele. – Nem sabíamos que tinha advogada, mas enfim, estamos na América. Eles conversaram por mais ou menos uma hora, e aí ela foi embora. Nada de incomum.

– Aquilo é incomum – disse Logan, e apontou.

Todos olharam – e congelaram.

O Sentinel desceu, lenta e precisamente, dos céus sobre a Cordilheira. Mantendo-se orientado para o Pássaro Negro, ele pousou no campo aberto entre a pista e a porção desabada do complexo Max-X. Depois ficou observando, imóvel. Era um dos modelos mais antigos, talvez criado pelo próprio Molde Mestre. Todos os mutantes que o observavam sentiram-se incomodados, bem na base do cérebro, no local em que nasce a resposta de lutar ou fugir. Era isso que os Sentinelas provocavam neles.

Logan começou a caminhar para o robô.

– Sentinel na área. Tem mais coisa do que fuga de prisão acontecendo aqui.

– Coronel? – Tempestade chamou. – Tem alguma coisa a mais que queira me contar?

– Nunca vi esse aqui antes – disse Yargeau. – Nenhum deles. A S.H.I.E.L.D. não os utiliza. Vocês sabem disso.

– Atraído por termos usados nossos poderes, só pode ser – ela disse. – Vejamos o que tem a dizer.

Ela chamou Logan de volta. De toda a equipe, era ele o mais propenso a perder a cabeça.

Fazia um bom tempo que os X-Men não viam um Sentinel ativo. Quando Tempestade voou até ficar na altura do rosto dele, o robô não fez menção de atacar. Um arco de eletricidade estática crepitou entre os dois conforme ela pairou a uns três metros dele.

– Sentinel. Por que veio aqui?

– Para observar mutantes.

– Tem um monte mesmo pra observar – disse Wolverine.

– A natureza das minhas ordens não deve ser relatada a pessoal não autorizado – disse o Sentinel.

– E quem é o pessoal autorizado?

– A lista de pessoal autorizado não deve ser relatada a pessoal não autorizado.

– Vamos acabar com ele, ‘Ro – disse Wolverine.

– Expressão de intento hostil detectada – disse o robô. – Avaliação de ameaça em execução.

– Não há ameaça – disse Tempestade. – Estamos aqui somente para perseguir o interno fugitivo Fred Dukes.

– Observação continuará – disse o Sentinel. – Detecção de intento hostil ordena avaliação de ameaça contínua até confirmação de ambiente seguro.

Yargeau deu um passo adiante.

– Robô, você fala de autorização, mas eu não o autorizei aqui. Ninguém na S.H.I.E.L.D. autorizou. Saia desta propriedade antes que nós façamos a *nossa* avaliação de ameaça.

– Expressão de intento hostil detectada – disse a máquina, dessa vez fitando Yargeau. – Fonte não mutante. Ameaça descartada.

– É isso mesmo – disse o agente.

Tempestade pousou perto dele.

– Seu apoio foi notado e apreciado, coronel Yargeau – disse. – Mas não devemos intensificar este confronto.

– Se é assim que prefere, Srta. Munroe – disse Yargeau, dando uma última olhada feia para o Sentinel. – Mas meus superiores vão ficar sabendo disso. Não vou aceitar isso nas minhas instalações.

Dois subordinados o abordaram com relatórios preliminares de danos e baixas.

– Blob é o único fugitivo – disse um deles. – Pelo visto a coisa toda estava focada nele.

– Vamos nos certificar – disse Yargeau. – Contem novamente. E no instante em que tivermos energia de novo, quero tudo trancado até segunda ordem. Seu relâmpago fez um estrago na nossa rede elétrica.

– Da próxima vez vamos poupar sua fiação e deixar o Clube do Inferno arruinar o local, quem sabe – disse Wolverine.

– Basta, Logan – disse Tempestade. – Coronel Yargeau, certamente você comprehende que esse tipo de confronto às vezes demanda o uso de

instrumentos mais bruscos. Logo sairemos daqui. Blob não deve ter ido longe por conta própria. Se estiver nos arredores, vamos encontrá-lo; se não, saberemos que houve algum tipo de esforço coordenado para extraí-lo.

– De quem? Essa é a questão – observou Noturno. – Será que a Irmandade se reuniu?

Ele ajudou Kitty a se sentar. Ela abriu os olhos e começou a assimilar os arredores. A alegria substituiu o choque quando ela viu os X-Men.

– Kurt! Você está vivo! – ela exclamou.

Ela foi inundada por tanta coisa de uma só vez. O choque do ar puro e o sol forte, após tantos anos nas ruínas poluídas de Nova York. A resposta sensorial de seu corpo, aos 13 anos de idade, antes que as décadas de luta e privação deixassem suas marcas até mesmo em sua resistente fisiologia mutante. Sentiu-se tão leve, tão cheia de energia. Até as cores pareciam mais vibrantes, do verde lustroso dos arbustos alinhados na pista ao azul escuro rico da pele de Noturno.

Num momento dissonante ela se lembrou dele morto, deitado na lama perto dos alojamentos do campo, com a chuva caindo no rosto. Mas lá estava ele, agora, com um sorriso confuso e maroto no rosto, em reação às palavras dela.

– Parece que sim, minha querida – ele respondeu. – Alguém aqui tinha dúvida?

Ela rapidamente se colocou de pé – como estava leve, e tão ligeira! – e olhou ao redor.

– Onde estamos? Não estamos em Nova York.

– A cidade mais próxima é Demming, Novo México – disse Wolverine.

– Ah, achei que... – Kate olhou para si mesma, confirmando com os olhos o que seu sistema nervoso já lhe tinha dito. – Tenho 13 anos – disse ela, meio boba. – Deu certo! – Então a menina girou e se jogou nos braços de Colossus.

– Peter...

– Oi, Kitty. – Peter pareceu incomodado com a intensidade da reação dela.

Tempestade chegou mais perto e colocou a mão no ombro da moça.

– Kitty, você está bem? Bateu a cabeça? Aconteceu alguma coisa?

Será que aconteceu?, pensou Kate. Era hora de se recompor e dar prosseguimento à missão. Não havia tempo a perder, nem ali, nem no futuro.

– Vocês não vão acreditar – ela disse, separando-se com relutância de Peter –, mas não sou a Kitty. Sou a Kate.

– Bateu a cabeça mesmo. Só pode – disse Wolverine.

Todos haviam pedido para que mantivesse a calma quando os X-Men do passado não acreditassesem nela, mas Kate já começava a sentir as primeiras pontadas de frustração. Ela tentou manter o foco.

– Não, Logan, é... Não acredito que funcionou! Isso vai soar como maluquice, mas não sou a Kitty. Pelo menos não uso esse nome faz muito tempo... desde alguns anos atrás.

– Melhor levá-la para a área médica – disse Peter.

– Não, Peter, eu estou bem. Escutem. Eu... olha, este é o meu corpo de 13 anos de idade, mas eu sou a Kate. Tenho 35, e minha mente foi transportada no tempo para avisar vocês. Tem um futuro horrível... – Ela tornou a fitar Noturno. Quase mais do que o choque proprioceptivo de estar em seu corpo adolescente mais uma vez, vê-lo era difícil de assimilar. – Kurt, eu o vi morrer. Foi...

Tempestade parecia estar ficando cada vez mais preocupada.

– A primeira experiência de combate pode ser um choque – ela disse gentilmente. – É por isso que queríamos que você ficasse no Pássaro Negro. Achamos que o melhor seria apenas observar até que tivesse progredido um pouco mais no treinamento na Sala de Perigo.

– A Sala de Perigo – Kate repetiu. Não pensava nela fazia... bom, muitos anos. – Então o professor Xavier... ainda está vivo?

– Está em Washington, prestes a testemunhar perante o Senado – disse Tempestade. – Está muito bem vivo, sim.

– É exatamente por isso que eu vim pra cá! – disse Kate. – O Senado! A Irmandade vai invadir a audiência e assassinar o senador Kelly... e o professor Xavier, e Moira! Quando isso acontecer, toda uma nova série de Sentinelas vai ser produzida, e em vinte anos não haverá nem uma dúzia de mutantes vivos na América do Norte!

– Paranoia quase igual à do Magneto – comentou Noturno. – Nossa Kitty está morta de medo.

– Sim, estou mesmo. E você também ficaria, se tivesse visto o que eu vi. Nós vivemos num campo de concentração no Bronx. Os Sentinelas quase concluíram seu trabalho. Vocês têm que acreditar em mim! Se não fizermos nada, o professor e o senador Kelly estarão mortos até o fim do dia, e será tarde demais para mudar alguma coisa. – Ela se virou para Kurt, falando muito rápido. Tinha que soltar tudo, e de uma vez. – Você mencionou Magneto. Ele ainda está vivo, mas aleijado. Está numa cadeira de rodas, mas ajudou Rachel a se preparar para me enviar para cá. Ela é a única telepata que sobrou.

– Quem é Rachel? – Tempestade perguntou.

Aproveitando-se dessa pequena expressão de crédito, Kate virou-se para a amiga.

– Rachel Summers. Filha de Scott, Ciclope. Cadê ele, afinal? Ah, é mesmo. Lembrei. Jean.

– Sim. Jean – disse Wolverine. – Ciclope está fazendo um retiro para cuidar das ideias. Todos nós precisamos de um depois da história toda da Fênix Negra, mas enfim, alguém tem que cuidar da loja. Além disso, você sabe que o Scotty não teve filho nenhum, né?

– Deixe-a falar, Logan – Tempestade pediu.

– Scott morre – disse Kate. – Não logo em seguida. Mais tarde, quando os Sentinelas tomam todo o controle.

– E os outros? – Wolverine perguntou.

– Tempestade e Peter continuam vivos. Você também, Logan. É o único que não está no campo. Também estão lá Magneto, como já disse, e Franklin.

– Franklin Richards? – disse Tempestade.

Kate fez que sim. Cada pergunta que faziam lhe dava mais esperança de que estavam começando a acreditar nela.

– Mas Reed e Sue já se foram, junto com Ben e Johnny. Os Sentinelas não mataram só alguns mutantes. Resolveram que o melhor modo de controlar a ameaça mutante era eliminar toda oposição. Eles estão num cemitério no campo... passo por ele todo dia.

Ela olhou ao redor.

– É tudo tão estranho – disse. – Ter só 13 anos de novo... e saber tudo que vai acontecer com todos nós...

Seu olhar parou sobre Peter por um longo momento.

– O quê...?

Mas Peter não conseguiu terminar a pergunta. Atrás dele, Kate viu o Sentinel.

Oh, não, pensou ela. Alguma coisa deu errado. Este é o passado errado. Os Sentinelas já estão à solta...

Foi demais para ela, além do ataque dos Rogues e a estranheza de tudo ao seu redor. Ver o Sentinel disparou um reflexo de fuga que estava impregnado nela. Ela gritou e se virou para fugir, dando de cara com Logan, que a prendeu num abraço de urso.

– Ei, Kit! – disse ele.

Mas ela ficou intangível para atravessá-lo e correu às cegas do Sentinel, por sobre o campo aberto, na direção dos morros arborizados. Só queria fugir do Sentinel.

Noturno teleportou-se para a frente dela, mas ela correu para cima dele, desequilibrando-o enquanto ele tentava contê-la.

– *Ruh, Kätzchen* – disse ele. – Tá tudo bem, tudo bem...

E então ela o atravessou também, afundando até a cintura no solo rochoso, e depois retornando às tateadas até a superfície. Noturno a pegou de novo, e mais uma vez ela o atravessou. Tempestade passou voando por cima, incapaz de ajudar. Kate e Kurt foram se cruzando ao longo do gramado numa série de colisões perfumadas pelo enxofre até que a garota ficou exausta e desabou, com ele ajoelhado ao lado.

– Os Sentinelas – ela disse. – Já estão aqui. Eu... por um minuto, achei que...

Tempestade pousou ao lado deles e agachou-se junto de Kurt.

– Kitten, Kitten – disse. – Você levou um susto. Procure se acalmar.

– Não sou a Kitten! Sou a Kate! – ela gritou. – Não mande eu me acalmar.

Vocês não sabem o que eles fizeram!

Logan e Peter alcançaram os outros três e pararam ali, olhando para a menina. Ela tinha de se controlar. Eles nunca acreditariam se ela não desse um jeito nos nervos.

– Deem-lhe um momento – disse Tempestade.

– O que quer dizer sobre os Sentinelas? – perguntou Logan. – É esquisito mesmo um deles aparecer por aqui, mas foi o único que vi ultimamente. Eles não têm feito nada.

– Não? – Kate respirou fundo. Não podia entrar em pânico. Tinha que ter foco. Mas não era nada fácil, com o estresse das últimas horas sendo agora instigado pelos hormônios da adolescência. Essa era a parte da projeção que ela considerara racionalmente sem estar realmente preparada para enfrentar. Seu corpo inteiro parecia prestes a estourar de tanta energia pura de nervosismo. – Este é o único que você viu? Por favor, repita.

– É o único que vimos ultimamente – disse Peter.

Ouvir a voz dele acalmou um pouco os nervos de Kate. Ela ergueu as mãos para ele.

– Você sempre foi o único com quem posso contar – disse.

Peter captou o olhar intrigado de Tempestade e correspondeu ao gesto.

– Conte com todos nós, Kitty – disse ele. – Somos todos X-Men.

– Não foi isso que eu quis dizer – ela disse. – Eu...

Kate hesitou. Estava prestes a falar sobre o futuro deles juntos: o casamento, os filhos que tiveram e perderam. Mas ela se conteve. Como Peter reagiria? Que efeito saber disso causaria na batalha que estava por vir? Esse segredo, Kate concluiu, seria apenas mais uma parte do fardo que ela assumira quando concordara com esse plano desesperado.

– É tudo tão... é demais pra mim – ela confessou. – Não estou aguentando.

– Você pode e vai conseguir – disse Tempestade. – Porque é preciso.

– Não sei se acredito nisso – disse Wolverine.

– Logan, você salvou a minha vida hoje – disse Kate.

– Só fiz meu trabalho, Kit.

– Não, me refiro ao futuro. Era para nos encontrarmos porque você conseguira o último componente do aparelho de que precisávamos para

desativar os colares inibidores. A caminho do encontro, sofri um acidente e fui atacada. Você viu tudo acontecer e me salvou. Foi na Park Avenue.

– Você foi roubada na Park Avenue? – Wolverine parecia ainda menos crédulo.

– Você não sabe como Nova York está agora. Em ruínas. Tem gangues pra todo lado; elas atacam qualquer um que achem que é mutante, ou que tenha o gene mutante. Conseguem nos avistar por causa dos colares e dos uniformes. – Por reflexo, Kate levou a mão ao pescoço. – Não estou com o meu.

– Kitten, escute – disse Tempestade. – Ninguém tem que usar colar algum.

– Não, escutem vocês. Se não me ouvirem, *terão* de usar.

– Essa foi bem impertinente – disse Wolverine. – Não é muito a cara dela. Mas ainda não acredito. Sem ofensa, Kit, mas acho que você só está com medo e pirando.

– Talvez – disse Kurt. – Mas a reação dela ao ver o Sentinel... tínhamos começado a falar deles pra ela? Por acaso ela sabia da existência deles?

Wolverine deu de ombros.

– Pergunte a ela.

– Se o que ela diz é verdade, essa não é a Kitty de 13 anos de idade.

– Ah, essa é uma pergunta interessante – disse Peter. – Kitty. Ou Kate. Se você está aqui, o que aconteceu com a Kitty? Cadê ela?

– Comigo, acho. Digo, com o meu corpo – disse Kate. – Deus, espero que esteja bem. Foi... está sendo bem difícil pra mim. Só posso imaginar como está sendo pra ela.

– Olha, seja lá o que formos fazer com a Kit-Kat, não vai ser aqui – disse Logan. – Charlie Xavier precisa saber da emboscada... e vai querer saber do Sentinel também. Acho melhor irmos.

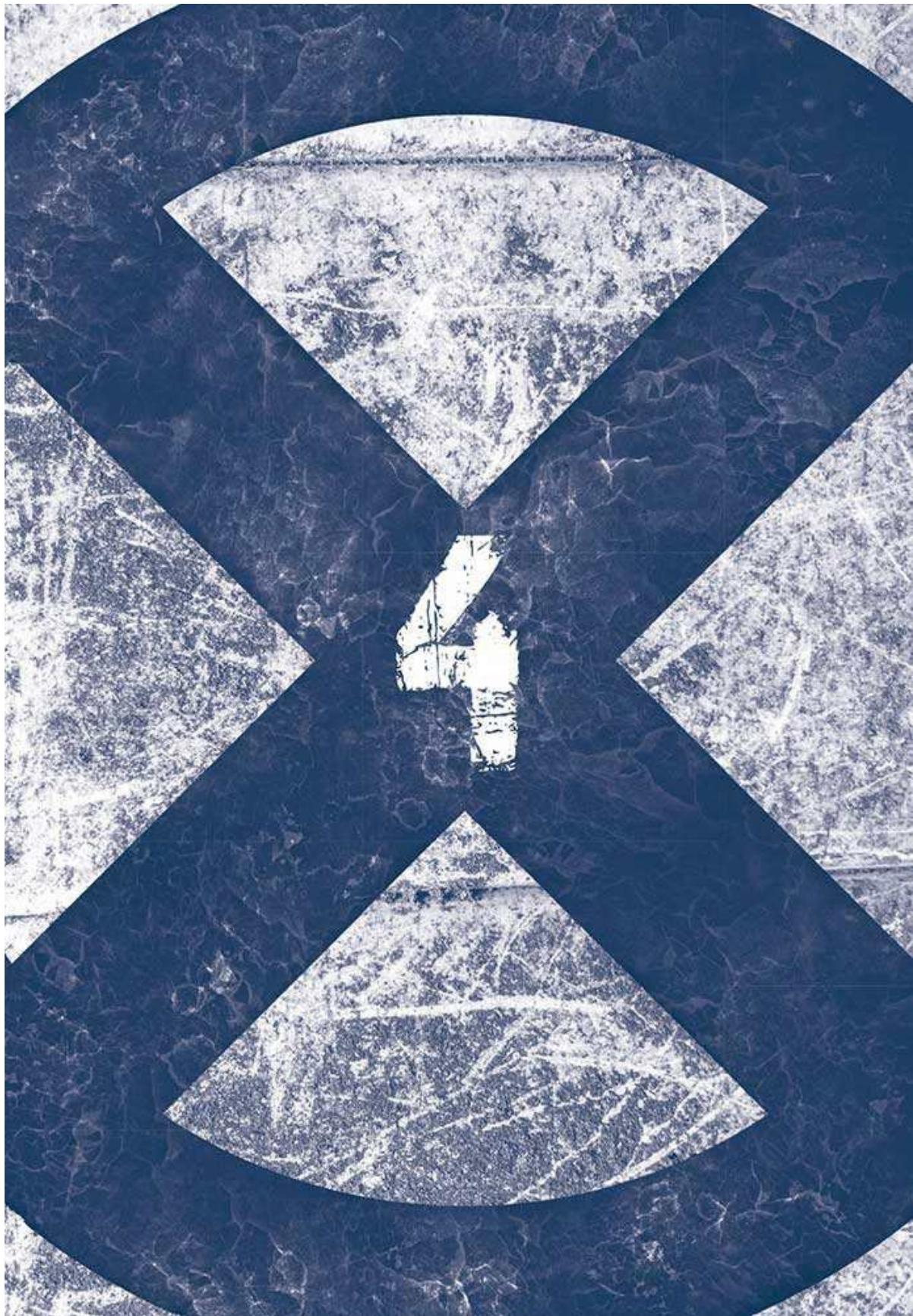
– Sim – disse Tempestade. Ela passou o braço sobre os ombros de Kate. – Fale mais, Kitten. Conte mais.

– Kate.

– Certo, Kate. Vou tentar me lembrar.

O grupo voltou rapidamente para o Pássaro Negro. Kate tentou não olhar mais para o Sentinel, e ficou mais contente quando subiu a bordo do avião.

O robô não poderia vê-la lá dentro.



DEPOIS QUE RACHEL CONCLUIU a projeção psíquica de Kate Pryde para o passado, foi preciso menos de trinta minutos para que o grupo removesse os colares, juntasse tudo de útil que podiam carregar nos bolsos e deixasse o Centro de Internação Mutante do Sul do Bronx – pela última vez, se tivessem sorte. Os Sentinelas não detectaram os esforços telepáticos de Rachel. Estavam posicionados além da cerca, observando como de costume. Mas por regra eles prestavam pouca atenção ao que acontecia dentro do campo, a não ser que houvesse um surto de violência.

Rachel foi o caminho todo fazendo careta. A projeção a deixara com uma bela dor de cabeça. Franklin ia bem perto dela. Os outros três – Peter, Ororo e Magneto, em sua frágil cadeira de rodas – seguiam logo atrás, um pouco menos unidos, e Peter carregava Kate, que estava inconsciente. Ele não dissera nada desde a projeção; apenas sussurrava o nome da esposa vez por outra. Ninguém teve coragem de mandá-lo parar.

– Deu certo, Rach?

– Acho que sim – ela respondeu. – Eu senti... – Ela olhou para trás e baixou a voz. – Senti a Kitty adolescente, só por um segundo, bem no final. Você... eu não sei o que aconteceu com ela. Espero que...

– Pare – disse Franklin. – Isso é tudo que podemos fazer. Ficar adivinhando vai acabar conosco.

Rachel não respondeu. Continuaram andando, sem pressa, fazendo de tudo para não atrair a atenção dos Sentinelas e dos outros internos – cuja maioria se juntava em grupos, por segurança, em torno de fogueiras em barris ou nas entradas dos alojamentos. Os mutantes se aproximaram da cerca perto da Rua 161, procurando pela marca que Logan devia ter deixado na noite anterior.

– Ali – Ororo disse baixinho.

Todos eles viram: uma caixa de jornal deitada de lado entre a rua e a calçada. Ela marcava o ponto em que, menos de um metro abaixo da superfície de asfalto do antigo estacionamento, um túnel de manutenção do

metrô passava por baixo do pátio do campo. O plano era simples: Logan empurraria uma das grades e eles desceriam pelo dreno o mais rápido possível, depois seguiriam até uma saída de manutenção. Ela daria numa antiga sala de estoque entre os esgotos e o túnel do metrô, com acesso para ambos.

Desse ponto, o grupo rumaria para o sul, até o edifício Baxter, e depois disso...

Eles foram diminuindo o passo na intenção de evitar serem vistos perto demais da cerca.

Ouviu-se um ruído suave quando a grade agitou-se e ergueu-se lentamente do lugar. Ororo olhou ao redor, para os dois Sentinelas mais próximos, cada um a uns cinquenta metros da caixa de jornais. Nenhum deles parecia ter notado nada.

– Vamos – disse baixinho.

O grupo retomou o caminhar simultâneo, ainda sem correria.

A cabeça e os braços de Logan apareceram quando ele depositou gentilmente a grade ao lado do dreno aberto.

Vai dar certo, pensou Rachel. Ela sentiu uma onda de pura elação, tanto pela ideia de liberdade quanto pela tão desejada possibilidade de que teria finalmente equilibrado as balanças do *karma*. Não podia trazer de volta os mutantes que caçara, mas talvez pudesse mudar algo para melhor. Podia ajudar a desfazer todo esse futuro. Sua própria existência.

Podia começar do zero, como aluna na escola de Xavier, e nenhum comando viria bater à porta.

Com essa possibilidade brilhando na mente, ela apertou o passo só mais um pouquinho – e foi quando Kate piscou e abriu os olhos, então começou a gritar.

– Cala a boca dela! – Logan rosnou.

Os Sentinelas nos postos mais próximos ao longo da cerca viraram-se para ver. Peter pôs a mão em sua boca, mas Kate continuou gritando por trás dele, debatendo-se nos braços dele.

– Kate, Kate, está tudo bem. Peter está aqui.

– E um monte de Sentinelas – disse Rachel. – Melhor irmos mais rápido.

– Anda – disse Peter.

Ela e Franklin correram, desaparecendo pelo dreno de chuva.

Todos os Sentinelas entraram em alerta total, e assim que tivessem energizado seus repulsores, lançariam seus raios concentrados e devastadores. Os X-Men tinham que sair antes que isso acontecesse.

O impacto de um raio de energia abriu uma cratera imensa e irregular no asfalto entre Peter e o dreno. Ele cambaleou e pôs a mão para conter a queda, descobrindo, sem querer, a boca de Kate.

– Peter! Peter, o que aconteceu com você? Onde estamos? O que está acontecendo? – Girando, Kate viu Ororo e voltou a gritar: – Ororo! O que está acontecendo?

– Mutantes, qualquer tentativa de fuga será causa para extermínio – disse um dos Sentinelas da cerca, a menos de trinta metros deles. Tempestade virou-se e ergueu os braços, convocando relâmpagos que pareceram vir de todo lado do céu de uma só vez. Eles crepitaram ao longo de todo o comprimento da cerca, atingindo cada Sentinel da patrulha que havia o local. Eles ficaram meio tontos, mas os outros, que vinham de dentro do campo para dar cobertura, não estavam.

Outro disparo do Sentinel raspou em Peter, que passou para sua forma de aço e jogou no robô o primeiro pedaço de concreto lascado que encontrou. O concreto colidiu com ele, estilhaçando as lentes do repulsor do tronco. Os outros Sentinelas foram saindo do caminho enquanto ele tombava, para ter como atirar livremente.

Peter lançou mais pedaços de rocha e detritos nos Sentinelas que se aproximavam, tentando ganhar certo tempo para Magnus enquanto carregava Kate para o dreno. O solo quebrado dificultava o movimento da cadeira de rodas. Enquanto os Sentinelas da cerca ainda se recuperavam, os de dentro do complexo acabariam com ele em segundos. Um deles apareceu por entre os alojamentos mais próximos, vindo de seu posto, ao lado do portão principal. Logo eles cercariam os mutantes no espaço aberto entre a cerca e os barracões.

– Os mutantes não estão usando colares inibidores – disse, muito alto, um dos Sentinelas. Outros foram repassando a mensagem ao longo das outras

unidades perto da cerca.

– Peter, me põe no chão, por favor, por favor, me solta!

O mutante ajoelhou e deu suas costas largas para o Sentinel que chegava, protegendo a mulher que amava de qualquer coisa que pudesse atirar ou arremessar.

– Kate – disse ele. – Você já voltou? Deu certo? O que o Xavier disse?

– Do que você está falando? – Ela olhou ao redor, desesperada. – Onde a gente está? Voltei de onde? Peter, o que está acontecendo? Ninguém nunca me chamou de Kate na vida. Que está acontecendo?

Foi então que ele entendeu. Rachel não tinha somente projetado a psique de Kate na de Kitty, no passado. Tinha *trocado* as duas em seus corpos – ou, mais corretamente, nas versões temporalmente distantes de seus corpos.

– Peter! – Tempestade gritou, ao lado do dreno. – Ela acordou? Traga-a para cá!

Um disparo de repulsor de outro Sentinel atingiu Peter em cheio. Seu corpo de aço orgânico absorveu e dissipou o calor, mas o impacto o derrubou para a frente. Ele segurou Kate com um braço e meteu o outro até o bíceps no asfalto derretido, amparando-se. Soltando a esposa, ele se libertou e disse:

– Ok, amor. Corra.

Uma expressão esquisita surgiu no rosto dela quando ele disse *amor*. Se não estivessem bem no meio de uma mistura de fuga de prisão com batalha pela vida de toda a raça humana, Peter poderia ter morrido de vergonha. Claro que ela não sabia que eles eram casados. E como teria uma garota de 13 anos recebido essa informação?

– O cara na cadeira de rodas está preso! – ela gritou. Depois disse, incrédula: – É o Magneto?

– É – disse Peter. – Temos poucos aliados agora, e precisamos de todos.

– Precisam dele? Pra quê?

– Olhe ao redor, garota – ele gritou para ela. – Talvez tenha só dez mutantes vivos neste continente, e estamos prestes a ser mortos por Sentinelas. Magneto estar do nosso lado não é a coisa mais estranha que você vai ver hoje... se vivermos para ver mais alguma coisa hoje!

Colossus sentiu-se imediatamente miserável por ter gritado com a esposa. Ele deu dois passos gigantescos na direção do dreno. Tempestade já tinha passado, descido e sumido. Peter, Kate e Magneto eram os últimos que faltavam. Seria impossível entrar na forma de aço; ele teria que se transformar no instante em que chegasse perto, e torcer para que os Sentinelas não o pegassem bem no momento entre a transformação e a passagem para dentro do abrigo do sistema de drenagem de água de chuva de Nova York.

– Kate! Kitty, tanto faz! Anda! – ele gritou. Mas quando olhou para trás, viu que ela não estava vindo; estava voltando para buscar Magneto.



A maldita cadeira seria o seu fim. Ocorreu-lhe que seria justo morrer numa cadeira de rodas, tendo sido ele responsável pela morte de Charles numa dessas. Karma, alguns diriam. Ou justiça poética. Magneto chamava mesmo é de morte. E embora tivesse mais de cem anos de idade e tivesse perdido o uso das pernas, não tinha a menor intenção que fosse de vivenciar a morte.

Parecia-lhe, contudo, que não caberia a ele escolher.

Foi forçando a cadeira passo a passo pelo piso. O pavimento era desgastado por anos de negligência e milhares de passadas de Sentinelas, e Magneto nunca tivera a enorme força física de Colossus. Havia quatro Sentinelas perto o bastante para atacar; embora Ororo tivesse incapacitado um bom número deles com o golpe de relâmpago, esses quatro seriam mais do que suficientes para eliminá-lo.

Alguma coisa cutucou-o nos fundos da mente – uma ideia que não chegaria a se formar, e provavelmente nunca teria chance, dadas as circunstâncias.

– Magneto! – Kate chamou. Alguma coisa na dicção dela mudara, e na postura... então ele comprehendeu. *Rachel*, pensou ele, *você se superou*.

Ele fez mais força ainda e gritou para ela.

– Menina boba! Fuja!

Ela estava a menos de dez metros agora. Atrás dela, Colossus tinha dado meia-volta também, e retornava para ele.

– Piotr, eu o proíbo! – ele gritou. – Você tem que sobreviver! Saia daqui! Colossus ignorou-o, e um momento depois o mundo ao redor dos três desapareceu em trovões e fogo.



Nos túneis de água de chuva, o impacto derrubou todo mundo. O som pareceu levar séculos para ecoar pelo labirinto de passagens, e a água na vala principal do túnel ondulou e chacoalhou de um lado a outro por conta do impacto.

Wolverine foi o primeiro a falar.

– Todo mundo chegou?

– Estou aqui – disse Rachel. – E Franklin, do meu lado.

– ‘Ro? Está aqui?

– Sim.

Franklin ligou uma lanterna, a única que tinham, e passou o feixe ao redor do túnel até vê-la. Estava perto da saída do dreno vertical e sofrera bastante com a explosão. Corria sangue pelos cabelos e por uma das pernas.

– Cadê Kate e Peter?

– Voltaram para buscar Magneto – disse Ororo. – Ainda estão lá em cima. Ele também.

Ela sentiu o peso de saber que talvez já tivessem perdido metade da equipe. Não, não tinham perdido: ela tinha. Sempre foi difícil para Ororo liderar, porque lidava com a responsabilidade pelos que comandava de modo mais pessoal do que deveria.

– Bom, não há como voltar por eles agora – disse Logan. – Temos que ir. Ninguém use poderes. Precisam achar que morremos, ou não temos como sair daqui.

– Espere, espere! – disse Rachel. Ela pegou o braço de Franklin e apontou a lanterna para a porção desabada do túnel, onde os destroços quase tampavam a passagem. Além desse ponto, ao sul, estava a rota para a liberdade. – Olhem – disse ela. Os demais olharam e viram um cotovelo e um antebraço de aço, e um pontinho avermelhado.

– Vamos cavar – Wolverine disse, sondando o entulho. Acima e ao redor deles, o aço que reforçava o túnel gemia e vacilava. – E rápido. O túnel não vai aguentar pra sempre.

– Principalmente se os Sentinelas começarem a pisotear lá em cima – disse Rachel.

– Ele deve estar desmaiado, ou estaria tentando se libertar – disse Logan.

– Mas não está morto, ou teria revertido para a forma humana. Vamos logo, então.

Franklin posicionou-se ao lado de Logan; os dois começaram a remover os destroços, o mais cuidadosa e rapidamente que podiam. Rachel também foi ajudar. Quando descobriram a cabeça de Peter, ela a segurou e começou a falar com ele, tentando acordá-lo.

Ororo veio ajudar também, mas Logan a repeliu.

– Dê um tempinho, ‘Ro. Você precisa. A gente resolve.

Então ela se sentou e ficou só olhando, esperando que a audição lhe retornasse de todo. Perguntou-se o que teria sido de Magneto e Kate Pryde. *Tanta gente já morreu, pensou. Será que tiveram alguma chance?*



Magneto recobrou os sentidos lentamente. Sentiu cheiro de cabelo molhado e tentou levantar-se e correr, mas logo se lembrou de que perdera a habilidade de andar muito tempo antes, em situação não muito distinta dessa. Ele ergueu o rosto e viu uma cratera fumegante, cheia de detrito, no ponto onde antes estivera o dreno de água da chuva. A avenida da fuga, aparentemente, tinha sido obstruída permanentemente. Os Sentinelas expressavam ameaças, mas ele não as escutava muito bem com a explosão ainda martelando seus ouvidos. De Peter e Kate não havia sinal algum.

Os outros... ele não conseguia manter em mente quem eram os outros. Sabia que sofria de algum ferimento decorrente da explosão, porque havia uma ideia dançando bem na pontinha de sua cognição. Mas era um homem velho e não conseguia colocar fogo sobre ela.

Magnus começou a arrastar-se da beirada da cratera, procurando por sua cadeira em meio a toda a fumaceira. Avistou-a do outro lado da borda da cratera, perto da cerca. Um Sentinel estava bem ali, observando-o. Mas desviou o olhar.

Apoiando-se num dos cotovelos, Magneto virou-se para ver o que o robô estava olhando. Kate Pryde estava ilesa na beirada da cratera, ficando instintivamente intangível quando seu corpo sentiu o primeiro sussurro da mudança na pressão do ar.

– Vá, garota – ele disse.

– Como? O buraco...

– Fique intangível, maldição. Acabou de fazer isso, na explosão. Como acha que ainda está viva? Agora faça de novo! Anda! Agora!

Ela olhou além dele, aparentemente para outro Sentinel, porque seus olhos se escancaram e seu corpo ficou translúcido. Então ela atravessou o chão e sumiu.

Magneto estava encerrado, e sozinho no campo, com Sentinelas ao redor. Mas como ele dissera ao grupo cerca de uma hora antes, Max Eisenhardt passara parte da infância num campo não muito diferente daquele. Ele não pretendia que sua vida acabasse ali.

– Mutante 067, não se move! – ordenou o Sentinel mais próximo. – Mais uma atitude potencialmente hostil resultará em extermínio imediato.

Todas as atitudes são potencialmente hostis, pensou Magneto. Era uma falha crítica na abordagem dos Sentinelas o fato de não entenderem isso.

Então algo lhe ocorreu, a ideia que ele não tinha sido capaz de captar um momento antes. Sua mente começava a clarear. Era hora de seguir o próprio conselho, não é mesmo? Enfrentara os nazistas. Enfrentara os X-Men. Enfrentara a Hidra, e a primeira geração de Sentinelas, e tantos outros inimigos que nem podia enumerar. Depois, por quase vinte anos, fora um prisioneiro. Confinado a uma cadeira de rodas, com um colar no pescoço por tanto tempo que já tinha quase se esquecido de que tinha poderes para serem inibidos.

Poderes como os que Kitty tinha acabado de exibir. Colossus também. Ele se perguntou se Kate Pryde estaria com as mesmas dificuldades no passado...

se é que tinha de fato sobrevivido à projeção.

– Adeus, amigos – Magneto disse baixinho.

Ele sentiu as linhas e campos de força magnética ao redor. E pela primeira vez em mais de cinquenta anos, começou a focar, e os padrões e idiossincrasias dessa malha foram inundando sua consciência. O prazer da realização sacudiu o sistema endócrino e a mente dele, preenchendo-o com uma alegria que ele tinha se esquecido de como era sentir. Por um momento, quase acreditara que podia andar de novo, tão poderosa fora a sublevação. Então ele refocou a atenção e começou a concentrar seu poder na cadeira.

– Exercitar seus poderes resultará em extermínio imediato – avisou o Sentinel.

– Só quero pegar minha cadeira de rodas, Sentinel – disse Magneto com sua melhor voz de velhinho indefeso.

O Sentinel hesitou por um breve momento. Foi tudo de que Magneto precisou para enxergar os campos e correntes de magnetismo dentro do corpo dele. Com o mais sutil comando mental, ele o rasgou ao meio.



5

NO PÁSSARO NEGRO, Tempestade continuava tentando sondar a história de Kate.

– Conte de novo – disse. – Como iam se livrar dos colares para Rachel poder enviá-la de volta?

– Logan fez a maior parte do trabalho – disse Kate. – Ele passa muito tempo no Canadá, com o Exército Canadense Livre. Há rumores de que outros mutantes também estão lá, mas não temos certeza. Eles construíram um aparelho de obstrução que mascara os campos dos colares inibidores para podermos removê-los. Então poderíamos usar nossos poderes... mas não sabíamos por quanto tempo ia durar. Assim que me mandasse de volta, o resto do grupo ia escapar do campo e fugir para o edifício Baxter.

– O edifício Baxter?

– É lá que fica o centro de comando dos Sentinelas. Precisávamos desmantelá-los; a operação toda. Senão as coisas iam ficar muito piores.

– Pelo que você nos contou, isso não parece possível – disse Peter.

– Mas é – Kate retrucou. – Os Sentinelas estão planejando expandir suas operações antimutante para outros continentes assim que pacificarem a América do Norte. A Europa está de olho neles, e viu como os Sentinelas atuam. Apenas matam todos que consideram como ameaça e deixam vivos somente o bastante para fazer pesquisas com o intuito de matar ainda melhor nas próximas vezes. Então os europeus concluíram que só há uma coisa a fazer. Amanhã, eles vão bombardear todas as instalações de Sentinelas que encontrarem.

– Já vão tarde – disse Logan, da cabine do piloto, onde terminava a checagem pré-voo enquanto os motores do Pássaro Negro se aqueciam.

– Uma dessas instalações fica no edifício Baxter – disse Kate. – Há outras em cidades por toda a América do Norte. Centenas. Não será um ataque cirúrgico. Vai ser um apocalipse nuclear.

Houve um breve silêncio enquanto digeriam isso tudo.

– Bem, aí é diferente – disse Logan. – Se for verdade.

Ele deu meia-volta com o Pássaro Negro, depois aguardou enquanto os guardas da Max-X tiravam os corpos dos mercenários do Clube do Inferno da pista de pouso. Um dos guardas acenou, dizendo que estava liberada. Logan dirigiu a aeronave para a frente, fazendo uma curva fechada, apontando-a para a pista ao norte da prisão.

– Ventando pra cacete – resmungou. – Odeio decolar assim.

Conforme o Pássaro Negro ganhava velocidade, todos apertaram os cintos num semicírculo de assentos na porção frontal da cabine de passageiros. Um pouco mais para trás ficava uma passagem estreita entre compartimentos cheia de equipamento de vigilância e outras provisões, fazendo da aeronave um centro de comando móvel.

Logan olhou feio para o Sentinel, ainda supervisionando o local enquanto os funcionários da Max-X conduziam a limpeza.

Sobrevoando a espinha dorsal das Rochosas, Kate viu uma formação de helicópteros de carga. *Equipes de apoio e equipamento, provavelmente*, pensou. Levaria certo tempo até que a Max-X voltasse a ser local adequado para aprisionar alguém mais perigoso que um ladrãozinho de carros.

Ao ver o Sentinel, ela estremeceu com uma recordação, vendo em sua mente o bando de Sentinelas em torno do perímetro do campo no sul do Bronx.

– Queria que tivéssemos mísseis no avião – disse Logan. – Seria muito bom detonar aquela lata velha antes de irmos embora.

– Isso vai ser tratado em nossa conferência com o professor Xavier – disse Ororo. – Assim como a emboscada do Clube do Inferno. Você sabe que tinham vindo pegar você, Kitten, não sabe?

Kate nem tinha pensado nisso.

– É mesmo? Porque, enfim, eu só acordei no meio de tudo. Sim, eu lembro que há muito tempo eles... para que me queriam mesmo?

– Não importa agora – disse Peter. – Isso acabou. Não vamos confundi-la, Ororo. Ela está num momento ruim, seja lá por quê.

– Além disso, acho que devíamos nos preocupar mais com a Irmandade do que com o Clube do Inferno – disse Noturno.

– É isso mesmo, Kurt – Logan disse por sobre o rugido crescente dos motores do Pássaro Negro. – Acho que a coisa toda de viagem no tempo é distração. Não duvido nem por um segundo que a Irmandade está por trás disso.

Kate não soube como responder. Achou cruel que Logan, que era o fulcro de todos os planos deles no futuro, ali rejeitasse a história dela sem pensar duas vezes.

O Pássaro Negro ganhou velocidade e decolou, passando de raspão pelos morros para depois subir muito íngreme e alcançar altitude adequada. As Rochosas ficaram para trás, e apareceram as planícies altas, esticando-se sem parar no horizonte. Logan nivelou a aeronave aos quinze quilômetros, bem acima do tráfego comercial, e apontou o Pássaro Negro para nordeste.

Kate ficou quieta o máximo que pôde, precisando de tempo para recompor-se e sabendo que estava pedindo aos amigos que acreditasse numa história que parecia maluquice do começo ao fim – ou talvez do fim ao começo, visto que estavam, ali, num período de tempo anterior a quando a história dela começava. Mas logo ela começou a sentir que, quanto mais deixasse o silêncio prosseguir, mais provável seria que os X-Men encontrassem modos de pôr de lado a questão toda. Se isso acontecesse, ela ficaria presa ali, ou colocada numa sala acolchoada em algum lugar da mansão de Xavier enquanto trabalhavam em sua mente. Enquanto isso, as versões futuras dessas pessoas que tinham se tornado tão especiais para ela morreriam.

Talvez até mesmo sua própria versão no futuro morreria... ou será que já estava morta? Se sim, o que aconteceria com a deslumbrada Kitty, a recém-chegada X-Man que não fazia ideia alguma do que seu futuro lhe reservava? Seria devolvida ao próprio corpo se Kate fosse morta no futuro? Ou a mente de Kitty se dissiparia no éter psíquico, deixando Kate para reviver, como Cassandra, os terríveis anos que viriam?

O medo a fez voltar a falar, e demonstrando muito dele, ela reparou.

– Logan, pensei que pelo menos você fosse acreditar em mim.

– Eu? Por que diabos achou isso?

– Duas ou três horas atrás você salvou a minha vida. Acho que por isso.

– Bela história, Kit-Kat. Mas não faz sentido. – Logan colocou a aeronave no piloto automático e virou a cadeira em que estava. – Todo mundo, atenção. Blob era membro original da Irmandade, certo? Disso nós sabemos.

– Sim – disse Ororo.

– E ele é tão tosco que ninguém a não ser a Irmandade ergueria um dedo para ajudar, certo?

– Certo.

– Daí hoje ele escapa da Max-X, e Kit tem esse troço nem duas horas depois.

– *Genau* – Noturno interviu. – E agora ela está contando à Irmandade sobre nós. Acredita numa coincidência dessas?

Logan fez que não.

– Não acredito em tipo nenhum de coincidência. Mas não precisamos acreditar nela pra saber que tem alguma coisa errada acontecendo. Olha só: Emma Frost ou algum outro controlador de mentes, sei lá, talvez o próprio Mestre Mental, está fazendo isso para deixar nós todos confusos e nos convencer a estar lá nesse grande ataque não só contra Xavier, mas contra todos os X-Men que puderem reunir.

– Bela teoria da conspiração – Peter comentou.

– Pode acreditar, Petey, porque de um jeito ou de outro estamos lidando com uma conspiração. Só acho que não tem nada a ver com viagem no tempo.

– Está errado – disse Kate. – Olha só você, inventando uma história só porque não gostou da que *eu* estou contando.

– A história que estou inventando não envolve viagem no tempo e campos de concentração mutante – disse Logan. – Diga, Kit. Você acreditaria se alguém te contasse essa história?

– Que tal todos nós nos acalmarmos? – disse Ororo. – A história de Kitty é difícil de acreditar, mas será fácil de contradizer. Estaremos em Washington, D.C., em cerca de uma hora. Então nos encontraremos com o professor Xavier e veremos o que ele vai sentir dentro da mente de Kitty.

– Vai ver a gente podia só dar uma ligada – disse Wolverine. – Poupar a viagem toda. A menina está precisando de ajuda.

– Como você disse, Logan, isso pode ser uma tentativa de controle mental da parte de Emma Frost ou algum telepata da Irmandade – disse Tempestade.

– Levando isso em conta, devemos considerar a possibilidade de que qualquer canal de comunicação esteja comprometido. A única coisa a fazer é chegar a Washington e falar com Xavier diretamente. Ele precisará estar perto de Kitty... ou Kate, para entender o que aconteceu com a mente dela, em todo caso. Não tem por que deixá-lo angustiado antes que possa fazer algo de fato.

– Beleza, ‘Ro. Como quiser. Sou só o motorista.

Logan obviamente quis abandonar a conversa, e focou-se em pilotar o Pássaro Negro. Já estavam sobrevoando as planícies do Panhandle de Oklahoma, e Logan virou a aeronave ligeiramente para o norte para desviar de uma tormenta visível adiante.

Tempestade ficou pensativa por um instante, depois se voltou para Kate.

– Você disse que Logan salvou a sua vida. O que estava fazendo fora do campo?

– Sou uma espécie de encarregada lá – disse Kate. – Eles me mandam... os Sentinelas, digo, me mandam fazer coisas. A maioria dos internos não mutantes é um bando de criminosos. Então os Sentinelas nos usam como mensageiros. Eles se certificam de que saibamos que, se algo der errado, os outros mutantes vão ser punidos. Hoje de manhã eu levei amostras de tecido para um laboratório no Hunter College. Ou o que restou do lugar. Agora é só um laboratório de pesquisa.

Kate ainda estava tentando acostumar-se com o som de sua voz adolescente, a impressionante energia e inquietude de ser jovem. Até os dentes estavam diferentes. Mais uma onda de choque e angústia a sobrepujou. Não ajudava nada ficar olhando para Peter sem parar; ele não fazia ideia do que o futuro lhes reservava. Estava encostado na pequena estante médica do Pássaro Negro, recebendo algum tipo de tratamento de campo para o ferimento que sofrera no ombro. Não ia atrapalhar tanto quando estivesse em forma de aço, mas até o menor dos contratemplos poderia ser um problema se estavam para enfrentar a Irmandade.

– Kitty – Tempestade chamou. – Digo, Kate. Continue, por favor.

A menina desviou o olhar de Peter.

– Eu... tropecei, acho. Ou tinha algum tipo de armadilha armada na calçada. Mas caí e havia Rogues lá embaixo.

– Mas você chegou aqui. Logan salvou-a desses Rogues, e...?

– Rachel criou um plano para... projetar minha mente para mim daqui – disse Kate. – Minha versão mais jovem, digo.

– Você levou um choque dos grandes, Kitty – disse Ororo. – Vá com calma. Gostaríamos de acreditar em você, mas...

– Engraçado você dizer isso – Kate rebateu. – Lembro-me de você dizendo que a parte mais difícil da operação seria convencer você da verdade.

– *Touché* – interviu Noturno. – Escute, Ororo. Olhe pra ela. Ela fala e se comporta como uma garota de 13 anos?

– Não, não mesmo – Ororo admitiu.

– Bom, e não vai falar mesmo se for uma adulta quem a estiver controlando – disse Logan. – O que temos que fazer é ir pra casa e levar a Kitty para um médico de verdade...

– Não fale comigo como se eu fosse criança – disse Kate. – Tenho 35 anos de idade. E se não me escutarem, vai... – Estava tão confusa, tentando descrever tudo que lhes esperava no futuro. – Vocês têm que acreditar. Se matarem o senador Kelly, o professor Xavier será o próximo. E não vai ter como impedir.

– Me parece que o mais correto é nos encontrarmos com o professor Xavier – disse Peter. – Ele vai poder ver o que está havendo dentro da mente de Kitty. Daí, se for preciso, a viagem é rápida de Washington pra casa.

– Perda de tempo – disse Logan. – Ela até inventou que Scott teve filho...

– Não – disse Kate. – Eu também tive. – Ela olhou pela janela, para longe. – Teríamos tido mais, mesmo com as coisas ficando ruins daquele jeito, mas os mutantes são proibidos de se reproduzir...

– Kitty – disse Tempestade. – Vamos voltar ao assunto. Se quer que acreditemos em você, precisamos que seja muito específica sobre como isso aconteceu e o que acha que devemos fazer.

– E não vamos esquecer que ela disse que estamos numa boa com o Magneto – disse Logan.

– Chega, Logan. Está piorando as coisas.

– Beleza, ‘Ro. Vou fechar o bico. Divirta-se com a historinha.

Até onde sabiam, Magneto tinha morrido num confronto com os X-Men na Terra Selvagem, quando o forte dele desabara. Se estivesse vivo – o que, dada a resiliência do homem, era certamente possível –, estava se mantendo fora de evidência. Era fantástico demais pensar que ele pudesse se reconciliar com os X-Men do modo como a história de Kate sugeria.

– Magneto é nosso amigo mesmo? – Ororo perguntou.

– Pouco antes de eu sair, ele disse algo sobre ter vivido num campo de concentração quando era criança e não querer morrer em um. É a última coisa de que me lembro dele. E que estava numa cadeira de rodas. Os Sentinelas o deixaram paralítico quando atacaram a base dele no Caribe. Acho que ele disse que foi logo depois da promulgação do Ato de Controle de Mutantes.

– Ato de Controle de Mutantes. Não gostei desse nome – disse Noturno. Ele seria o primeiro a ser controlado, dada a sua aparência incomum, e sabia disso muito bem. – Quando esse ato foi promulgado? Ou devo dizer, quando vai ser?

– Daqui a cinco anos – disse Kate. – Depois do assassinato de Kelly e antes das próximas eleições. As coisas vão piorar rápido. – A garota olhou para a cabine do piloto. – De todos nós, só Logan está livre, no meu tempo. Foi ele quem nos trouxe as peças pra montar o Obstrutor.

– Que libertou vocês dos colares – Ororo comentou.

– Isso. Estábamos prontos. Rachel... fez sei lá o que fez, e o resto ia escapar do campo, com a ajuda de Logan.

– E então voltamos para o ataque nuclear da Europa?

Kate fez que sim.

– A única chance que temos... tínhamos? Nem sei como falar disso. A única chance era acabar com os Sentinelas no centro de comando e destruir as comunicações para que os europeus contivessem seu ataque. Íamos todos... sei lá, para o Canadá, algo assim. Se desse certo.

Ocorreu a Kate que os eventos que ela descrevia estavam, de certo modo, acontecendo enquanto ela falava. Se o tempo se movia do mesmo jeito, à mesma velocidade... se alguma coisa daquilo era realidade...

– Talvez já estejam todos mortos – disse. – Até eu. Se meu corpo morrer lá...

– Tente não pensar nisso – disse Ororo. – Ninguém desvendou o mistério do tempo ainda, e não seremos os primeiros. O que precisamos saber é o que dizer ao professor Xavier se vamos tirá-lo da audiência no Senado.

– Diga que ele vai morrer – replicou Kate. – Diga que, se a Irmandade assassinar o senador Kelly, todos nós vamos morrer.

O Pássaro Negro foi tomado pelo silêncio. Então Kate prosseguiu:

– Não acredito ainda que deu certo. Rachel disse que podia fazer isso, mas não acreditei. Ela... Agora preciso pedir desculpas, se um dia a vir de novo. Se... Fico imaginando onde estará minha mente adolescente.

– Ela está bem – disse Ororo. – Você tem que acreditar nisso. Isso vai contra o meu bom senso, mas acho que acredito em você, Kate Pryde. E se o que diz é verdade, precisamos que esteja absolutamente focada e dedicada, se quisermos evitar esse futuro.

Noturno voltou a falar.

– Também estou morto, *nicht wahr*, Kitten?

– Morreu faz tempo.

– Faz tempo, mas não muito longe de acontecer agora – Kurt refletiu. – Não dá mesmo pra entender o tempo.

– Aqui vai um tempo que dá pra entender. Vamos chegar na capital em quarenta minutos – disse Logan. – Tudo a fazer até lá é segurar as pontas.



6



KITTY JÁ NÃO TREMIA MAIS quando Wolverine terminou de cavar Colossus de debaixo dos destroços do túnel desabado. O trabalho poderia ter sido feito bem mais rapidamente, mas Rachel não podia usar suas habilidades telecinéticas por medo de atrair os Sentinelas até eles.

Kitty não podia fazer nada além de olhar ao redor, trêmula. Estava velha. *Olha só, como estava velha!* Tentava falar, mas se retraía quando ouvia o som da própria voz. Os outros... todos eles, exceto Logan, estavam tão mais velhos.

– O que está acontecendo? – ela perguntava sem parar.

Ororo veio até ela. Logan estava ocupado cavando, Peter estava enterrado e os outros dois observavam a área desabada em busca de algum sinal de Magneto.

– Aquele era o Magneto? – Kitty perguntou, incrédula.

– Era – disse Ororo.

– Vocês fizeram as pazes com o *Magneto*?

Ela mergulhara pelo teto do túnel assim que os X-Men se libertaram dos detritos caídos e descobriram que Colossus estava preso. Kitty sentia como se andasse numa corda bamba, e abaixo só houvesse loucura.

Os X-Men, com a exceção de Peter, estavam igualmente confusos. Ele ainda estava sendo escavado de debaixo de centenas de toneladas de rocha e aço, então não contribuía para a conversa. Os outros falavam baixinho, sabendo que os Sentinelas os procuravam. Contanto que permanecessem sob o solo, estariam a salvo. Os Sentinelas eram grandes demais para operar efetivamente dentro dos túneis.

– Então deu certo? – perguntou um homem que Kitty não conhecia. Estava junto da mulher de cabelos ruivos. – Quem você viu?

– Quem eu vi? – Kitty não fazia ideia do que ele falava. – Quem eu devia ver?

Logan libertou Peter, que murmurava algo em russo, dos destroços. Uma das pálpebras não parava de tremular.

– Vamos fazer perguntas depois, Franklin – disse Ororo. – Tem algo acontecendo aqui. Kate...

– Vocês todos estão tão *velhos* – Kitty disse, espantada, olhando de Peter para Ororo. – E nem conheço você – disse para Franklin. – Nem você – para Rachel.

– Como assim, Kate? – Franklin perguntou. – Claro que nos conhece. Bateu a cabeça? Quantos anos você acha que tem?

– Treze – ela respondeu. – Vou fazer catorze só daqui a dois meses.

– Ah, meu Deus – disse Rachel. – Deu certo. A troca deu certo.

Kitty abriu a boca, fechou-a, depois abriu de novo.

– Troca? Você me trocou pela minha versão mais velha?

– Não somos tão velhos assim, Kitten – disse Ororo.

Kitty imaginou se Ororo havia olhado para algum espelho ultimamente.

– Você estava... eu vi você agora há pouco! E você estava... – Ela estagnou, com perguntas demais competindo por espaço no cérebro. – Você me trocou? Por quê? O que... que lugar é esse?

– Nova York. Sul do Bronx – disse Logan.

– Mas... os Sentinelas? E quem... Kitty de agora está no meu corpo?

– Chamamos ela de Kate, mas sim – disse Ororo.

Kitty ficou calada um bom tempo. Depois disse, com um risinho afetado:

– Bem que me disseram que eu veria coisas muito estranhas com os X-Men. Onde estão os outros? Anjo, Noturno?

Agora foi a vez de Logan e Ororo ficarem calados. Rachel e Franklin olhavam para eles, visto que estiveram junto dessa Kitty adolescente quando ela entrara para o grupo.

– Kit-Kat – disse Logan –, vou falar tudo de uma vez. Todo mundo que você não está vendo aqui morreu, tirando uns caras da Tropa Alfa, e nem tenho mais certeza sobre eles. Estamos prestes a atacar o quartel general dos Sentinelas no edifício Baxter. Se não o destruirmos, vai haver um ataque nuclear e todos nós vamos morrer. – Ele a olhou bem nos olhos, mantendo os dela focados nele. – Esses são os fatos. Mandamos a Kate de volta no tempo pra ver se podemos mudar alguma coisa, e você apareceu aqui. Acho que sua

mente precisava de um lugar para ficar enquanto sua versão do futuro apareceu na sua época.

– Eu viajei no tempo e troquei de corpo, tudo de uma vez – disse Kitty. Sua voz soara quase inteiramente drenada de inflexão. – E Peter disse *amor*...

– Depois conversamos sobre isso – disse Ororo.

Kitty olhou para Peter, que estudava o chão. A situação consistia de um monte de erros. Ela abriu a boca e começou a falar, tentando ancorar-se com o som da própria voz.

– Não aguento mais isso. Não aguento. Não aguento!

– Kit-Kat, você vai ter que aguentar, porque precisamos de você – disse Logan. – Agora vamos em frente. A primeira pessoa que fizer piada com *Sexta-feira Muito Louca* leva garra na garganta.



Os mutantes moviam-se às pressas pelo túnel de manutenção abandonado, na direção do túnel principal que passava por baixo do rio Harlem e ia para Manhattan.

– Só mais cento e poucos blocos até o edifício Baxter – disse Logan. – Pegamos este túnel direto até a Grand Central, subimos na Rua 42 e estamos lá. Moleza, se não dermos de cara com um desabamento.

– Ou com Rogues – disse a ruiva. Seu nome era Rachel, mas era tudo que Kitty sabia dela.

– Controle as mentes deles. Coloque uns contra os outros e fique assistindo – disse Logan. – Tranquilo, não?

– Muito tranquilo – disse Rachel. – Até atrair Sentinelas para nós.

– Isso vai acontecer de qualquer jeito, Rachel. Cedo ou tarde eles vão saber onde estamos. Só nos resta estar prontos pra lutar. Kitten, como você está?

– Não estou muito bem, não, Logan. Na verdade... estou péssima. Meu corpo está esquisito. Meus olhos, diferentes. Estou... maior em tudo, minha voz... nem parece que sou eu! E todo mundo morreu, e...

Abruptamente, ela parou de falar – tão abruptamente que Ororo lançou um olhar de advertência para Rachel, que apenas balançou a cabeça.

– Não fiz nada – disse.

– Eu estou bem – disse Kitty. – Vou me recompor, eu aguento. Mas tínhamos que deixar o Magneto? Sempre pensei nele como inimigo, mas vê-lo na cadeira de rodas... me fez lembrar do professor Xavier.

– Os Sentinelas quase derrubaram o túnel em cima de nós, Kitten – disse Ororo. – Não havia como voltar para ajudá-lo. – Com pesar, ela acrescentou: – Quando penso no que ele disse, sobre não deixar a vida acabar num lugar daqueles... é cruel, o que aconteceu com ele.

– Aposto que ele fez um inferno antes de o pegarem. O velho Magnus não ia ficar de bobeira com o colar desligado – disse Logan.

– Uma morte nobre é uma morte mesmo assim – disse Peter. – Não aguento mais a morte.

– Não temos certeza se ele morreu mesmo – disse Kitty. – Não acredito nisso.



Uma explosão ecoou pelo túnel quando eles chegaram perto da estação da Rua 96. Estava vazia e escura. O vidro à prova de balas da bilheteria estava estilhaçado, e seu conteúdo – inclusive um monte de ossos –, espalhados ao redor das catracas.

– O que foi isso? – disse Franklin.

Outra explosão sacudiu o túnel. Pedaços de concreto, de pedregulhos a blocos do tamanho de um ser humano, caíram na plataforma e nos trilhos.

E então, com o ruído ensurdecedor de metal dobrando e concreto partindo, o teto da estação foi rasgado ao meio, revelando o céu estrelado – e três Sentinelas espiando pelo buraco.

– Sentinelas! – Franklin gritou, por reflexo.

A atmosfera se alterou quando ele começou a focar seus poderes, mas um raio de energia de cegar os olhos, largo feito os ombros de Colossus, foi disparado pelo buraco e incinerou Franklin ali mesmo.

A onda de impacto do raio sobre o piso do túnel sobrepujou os gritos de Rachel e derrubou todos, espalhando-os. Ororo caiu nos trilhos, com os

sentidos anestesiados pelo barulho e pela fumaça. Sua mente retornou a uma conversa que tiveram poucas semanas antes. Tinham acabado de confirmar que Logan podia conseguir-lhes o Obstrutor. Brevemente intoxicada pelo brilho das possibilidades, Kate dissera que deviam tirar os colares e mostrar aos robôs do que eram capazes. Franklin poderia simplesmente *pensar* para que o edifício Baxter deixasse de existir.

– Eu... não – dissera Franklin. – Não posso mais fazer esse tipo de alteração da realidade. As consequências... não posso controlar.

Rachel tentara convencê-lo, mas nem mesmo ela pôde romper essa barreira psicológica – nem que ele explicasse melhor os motivos dele. Franklin ficara repetindo que não podia.

Talvez fosse correto da parte dele preocupar-se. Quando um mutante com o poder de Franklin começa a brincar com o tecido da realidade, não há como ter certeza de onde iriam parar as ramificações das alterações.

Agora, não importava mais.

Enquanto os mutantes se levantavam com dificuldade, os Sentinelas enviavam um alerta.

– Patrulha 3L-40 contatou mutantes fugitivos. Todas as patrulhas, responder.

Os repulsores do tronco dos outros Sentinelas estavam recarregando.

– Rendam-se ou serão imediatamente extermínados – disse um deles. – Não receberão mais avisos.

Todos congelaram por um instante, condicionados por anos de prisão e colares inibidores para obedecer às ordens dos robôs.

– Chama isso de aviso? – rosnou Logan.

Rachel, com um urro de fúria e agonia, liberou um pulso telecinético que transformou as moléculas da própria atmosfera numa onda de choque. Ela atingiu o Sentinel que matara Franklin com pressão equivalente a uma bomba nuclear de uma megatonelada. A cabeça e o tronco do Sentinel desintegraram em estilhaços, chovendo sobre os outros dois, um de cada lado, desequilibrando-os, mas não ferindo.

– Controle – disse um dos robôs. – Fugitivos não usam colares... ZZZKK!

Tempestade tinha voado para fora da estação de metrô e desferido um relâmpago que interrompeu a transmissão do Sentinel. A eletricidade arqueou entre os dois Sentinelas, fazendo por um momento com que as luzes dos semáforos mais próximos piscassem. Logo todas tornaram a se apagar, e os Sentinelas recobraram o equilíbrio. Seus repulsores começaram a recarregar, tendo o processo sido reiniciado pela interferência elétrica.

Com mais um disparo, Ororo atingiu os dois monstrengos, mas o isolamento e a estrutura complexa deles atenuaram o efeito do raio. Ela os estava danificando, mas não rápido o bastante.

Lá no túnel, Colossus brilhava sob as luzes dos relâmpagos, com seu corpo de aço orgânico ansioso para juntar-se à batalha. Kitty soltou-se dele, sob o que restava do teto, agora curvado, pensando num modo de ajudar. Logan viu Colossus e gritou para ele:

- Quanto tempo, hein, Petey?
- Tempo demais, Wolverine!

Logan pulou para Colossus, que o pegou e arremessou para o alto no primeiro Arremesso Especial visto em quase vinte anos. O *snikt* das garras de Wolverine cortou o ruído da batalha assim que o adamantium rasgou a lateral do rosto do Sentinel, arrancando um dos olhos e expondo os circuitos internos para o golpe seguinte, quando Logan pousou no ombro dele. Um gemido eletrônico agudo, desesperado feito um grito, explodiu de dois pontos diferentes no crânio do Sentinel.

Ele meteu a palma no ombro, esmagando Logan e pegando-o pelo punho.

- ExterminAAAazz - disse o robô, soltando a voz pelo buraco na cabeça assim como pela boca. O som teria estourado os tímpanos de um homem normal, e a pressão do punho esmagava lentamente até mesmo o corpo reforçado com adamantium de Logan.

- Tempestade! Tem uma abertura aqui! - gritou ele. - Acabe com esse maldito!

Um relâmpago rasgou o céu, atingindo o Sentinel bem na cabeça. Ele abriu a mão, num espasmo, quando uma carga elétrica percorreu todo o seu corpo - e o de Logan também, que caiu, aturdido, esmagando o teto de um carro havia muito abandonado.

Rachel e Colossus vinham da estação para a rua. Rachel derrubou o Sentinel que faltava emitindo mais uma explosão telecinética, e Tempestade conjurou relâmpagos que crepitaram ao redor de seu corpo enquanto ela pairava a quinze metros do chão. Mas ela não podia liberar a carga – Rachel estava perto demais do Sentinel e perdida demais em seu acesso de dor para escutar.

Enquanto esperava por uma chance, Ororo avistou mais três Sentinelas, vindo correndo pela Lexington, do norte. Os passos dos robôs sacudiam tijolos soltos e estilhaços de vidro dos prédios abandonados dos dois lados da rua.

Colossus também os viu. *Quatro de uma vez?*, pensou. Não podiam enfrentar tantos assim, nem os outros que certamente estavam a caminho, a não ser que continuassem seguindo em frente. Tática de guerrilha: atacar e fugir.

Quando os quatro Sentinelas passaram em frente a um hotel deserto, Colossus baixou a cabeça e fez como se fosse uma locomotiva. Ele mergulhou no canto do prédio e passou por toda a parede frontal, esmagando as vigas de sustentação no caminho. O prédio cedeu numa avalanche de tijolos e aço, enterrando os Sentinelas sob seis andares de destroços e fazendo ruir mais uma porção da estação de metrô destruída, do outro lado da rua.

– Isso! – gritou Wolverine. – Boa, Petey!

Colossus voltou para juntar-se ao grupo. Ele escalou os destroços, vendo os restos de um dos Sentinelas parcialmente expostos. Os olhos dele estavam apagados. Peter sentiu, então, uma pontada na consciência pelo que tinha acabado de fazer. Esta era a sua maldição: ser um homem de paz abençoados com poderes que o tornavam indispensável em tempo de guerra.

Expulsa de seu esconderijo pela chuva de concreto e aço que desabou dentro da estação, Kitty Pryde chegou ao nível da rua bem a tempo de ver as ruínas se mexerem debaixo de Colossus. Um braço púrpura blindado ergueu-se, agarrou-o pela perna e o puxou para baixo. O resto do Sentinel apareceu aos poucos, os destroços rolando feito cascata em torno de seu corpo danificado, faisante. Ele içou Colossus no ar. Este se debateu e virou, preso.

Pendurado como estava por um pé, não conseguia apoio para soltar-se dos dedos do robô.

– Kate! – Logan gritou. Ele correu em direção ao Sentinel e pulou, usando as garras feito piolets para escalar pelo corpo dele. – Use seus poderes!

– Quê? Por quê? – ela perguntou.

Logan começou a destrinchar o braço do Sentinel. Ele agitou o braço para trás, arremessando o mutante, que passou voando por cima da cabeça de Kitty e foi parar na fachada do que um dia fora um restaurante. O Sentinel transmitia um pedido de reforços em volume ensurdecedor, periodicamente interrompido por balbucios e ruído eletrônico.

– Anda logo! – Logan gritou, de dentro do restaurante. Estava lutando para se libertar da pilha de mesas e cadeiras que seu impacto sacudira.

Kitty percorreu a distância que a separava do Sentinel em dez passos e estendeu as mãos, sentindo-se ficar incorpórea quando as pontas dos dedos tocaram a perna do robô. A mutante passou por ele e sentiu energia crepitante ao seu redor, sem tocá-lo. Ouviu um barulho, um grito mecânico muito agudo. Quando chegou do outro lado, uma chuva de faíscas caiu em volta dela, e Colossus pousou de costas na rua.

Kitty ergueu o rosto bem na hora em que o corpanzil do Sentinel desabou para cima dela, vazando fumaça das juntas e dos olhos. A garota ficou intangível de novo, sentindo o robô passar por ela e cair de cara na base da montanha de entulho criada pelo desabamento do hotel. Quando saiu de dentro do Sentinel, tornou a ficar sólida e sentiu cheiro de circuitos queimados e isolamento.

– Esqueci... você ainda não aprendeu isso – disse Logan, limpando óleo de máquina e fluido hidráulico das garras com um pano de prato. – Quando você atravessa intangível por qualquer equipamento elétrico, teu poder frita a coisa... por um tempinho, pelo menos.

– Bom saber – disse Kitty.

Ela olhou para o Sentinel tombado e pensou: *uau, eu fiz isso!* Um orgulho feroz avultou-se dentro dela. Era uma integrante dos X-Men. Estavam prestes a salvar o mundo juntos.

– Temos companhia, meus amigos – disse Colossus. – Não fomos muito sutis.

– Então vamos dar o fora daqui – disse Logan. – De volta pros túneis.

– Isso vai restringir nossa movimentação – Ororo objetou.

– Tenho um plano, ‘Ro. Lembra, tive bastante tempo para ajeitar as coisas por aqui, e não pude te contar tudo enquanto você estava lá no Acampamento Feliz, no Bronx. Beleza?

Parecendo tão curiosa quanto irritada, Ororo disse:

– Ok. Está bem. Mas trate de nos contar já, Logan. Nada de segredos.

– Pode deixar, querida. Vamos indo.

Rachel foi a primeira a retornar à estação. Ela parou e olhou para o ponto em que perdera o marido. Os outros X-Men reuniram-se em torno dela, sabendo que os outros Sentinelas estavam perto. Teriam apenas um momento, talvez, mas deviam prestar respeito a Franklin.

No ponto em que ele esteve, o piso do túnel estava escurecido; os trilhos, derretidos numa poça que ainda estava para se solidificar. A porção mais próxima da plataforma de concreto fora vaporizada num arco perfeito. De Franklin mesmo, havia apenas cinzas.

Rachel chorou ao ver aquilo.

– Quando ele morreu – ela soluçava. – Tempestade, eu senti! Ele estava na minha mente, e daí...

– Eu sei, Rachel – disse Ororo. – Mas precisamos de você. Precisamos agora. Você precisa guardar o sofrimento para depois, ou a morte dele terá sido em vão.

– Não quero saber de morte em vão, de morte honrada, de sacrifício! Chega de morte! – Rachel gritou. – É demais...

Logan girou-a e a trouxe para perto, abraçando-a com força.

– Rach, não vou te dizer o que sentir. E não vou te dizer o que fazer. Mas vou dizer que, se não formos embora, vamos enfrentar trinta Sentinelas em vez de três. Que acha que vai acontecer então?

– Não sei se me importo – ela rebateu.

– Beleza. Fique aqui, então. Droga, podem todos ficar aqui. Daí vai ser moleza pros Sentinelas. Mas eu ainda não me cansei de matar. Até mais.

Logan virou-se e pôs-se a caminhar para o sul, e pulou para o túnel quando chegou ao fim da plataforma.

– Rachel – disse Ororo. – Logan não foi gentil, mas tem razão.

Rachel ajoelhou-se na borda da área chamuscada e passou o dedo na ponta de um dos trilhos, fitando pensativa a fuligem que juntou na pele. Ela esfregou o pó entre os dedos e se levantou.

– Adeus, Franklin – disse, e virou-se para seguir Logan para o sul, escuridão adentro.



– O que vamos fazer quando chegarmos na Grand Central é passar para os antigos túneis da Metro-North – disse Wolverine quando o grupo passou pela estação da Rua 51. – Não podemos ficar juntos. Dois grupos: eu e Petey em um; Kitty, Rachel e Ororo, no outro.

– E como vamos nos comunicar? – perguntou Peter. – Rachel pode nos alcançar telepaticamente, mas os Sentinelas vão localizá-la se ela fizer isso.

– Eu sei – disse Logan. – É aí que entram meus comparsas do ECL.

– Eles estão aqui? O Exército Canadense Livre está em Nova York? – Ororo perguntou.

– ‘Roro, sabe que gosto de trabalhar sozinho. Mas nem mesmo eu sou tão lobo solitário pra dar conta de cada Sentinel de Nova York só com vocês quatro. Em um minuto vocês vão ver como vai funcionar.

Na verdade tinham se passado uns vinte minutos quando chegaram à bifurcação do túnel que o conectava à rede da Metro-North. Uma voz surgiu da escuridão.

– Qual é a senha?

– Ninguém me passou senha nenhuma, Rick – disse Logan. – Mas sinto teu cheiro, e você conhece a minha voz. Então abaixa essa arma e vamos começar o show.

Uma luz foi acesa a alguns metros dali, iluminando um antigo vagão de trem com um grupo de cerca de dez homens e mulheres armados perto da porta central.

– Exército Canadense Livre, estes são os X-Men – disse Logan. – X-Men, ECL.

O mais próximo dos soldados do ECL adiantou-se para cumprimentar Logan.

– Pensei que estariam em seis.

– Deviam ser sete. Temos um a mais porque a Kate aqui acordou, só que na verdade é a versão de 13 anos de idade. Longa história. Mas perdemos dois. Franklin se foi aqui nos túneis, e o velho não conseguiu sair do campo.

Rick assentiu.

– Isso muda alguma coisa?

– Nada – disse Logan. – Ainda temos que ficar de olho nos Sentinelas e chegar ao edifício Baxter. Estão prontos?

– Ei, a gente não veio lá de Sault Ste. Marie só pra ver um show – disse um dos soldados do ECL.

– Ah, mas vocês verão um – disse Tempestade.

– Será mesmo que Magneto não conseguiu fugir do campo? – perguntou Kitty. – Ouvi um dos Sentinelas falando algo sobre nós dois também não estarmos com os colares.

– Também ouvi isso – disse Peter. – Mas não dá para ter certeza do que o Sentinel quis dizer. Talvez quisesse dizer que nós, assim como Magneto, não estávamos com colares. Ou que, além de escapar, estávamos sem colares.

– Mas Magneto *não* estava com o colar. Rachel, você pode...?

– Não. Sem chance. Toda vez que ativamos nossos genes mutantes, os Sentinelas ficam sabendo. Quero que Magneto esteja vivo tanto quanto vocês, mas usar nossos poderes para tentar encontrá-lo seria burrice.

– Se ele estiver vivo, poderíamos contar com os poderes dele – disse Ororo.

– Seria parte vital do nosso plano.

– Se formos procurar por ele e ele estiver morto, não teremos plano algum no final – Rachel retrucou. – Vocês me disseram pra seguir em frente. Agora todo mundo tem que fazer o mesmo.

– Ela tem razão – disse Logan.

– Não devíamos nos certificar? – Kitty não suportava a ideia de deixar alguém para trás. Mesmo se esse alguém fosse o Magneto! Esse futuro... era

demais para ela. – Como puderam fazer isso comigo? – ela lançou, meio sem querer.

– Eles? – Rachel repetiu. – Está falando de nós? E quando digo nós, isso incluiu você mesma no futuro. Ela estava bem adiantada na ideia enquanto alguns de nós ainda vacilavam. Então, antes de sair bancando a mártir, pense nisso. Pense também que Kate está no passado, na esperança de impedir que todo esse futuro venha a acontecer. Isso vale a sua tristeza, Kittenzinha?

– Ei – disse Logan. – Calma lá. Ela é só uma menina.

– Não dá pra ser só uma menina agora – disse Rachel.

– Talvez devêssemos ter deixado você pra trás, se é assim que vai agir. – Logan foi apontando para cada um dos X-Men quando prosseguiu. – Quem Tempestade perdeu? E quanto ao Pete? Kate? Poxa, até eu. Acha que é a única com motivo para sofrer? E sabe do que mais? – Logan abriu mais o braço para mostrar também os soldados do ECL, que assistiam a tudo. – Esses caras, quase todos, perderam muito mais do que nós, porque nada disso é culpa deles. É nossa. Dos mutantes. Nós causamos isso pra nós mesmos. Não foi gente normal que matou Kelly e Charlie e Moira. Então chega desse chororô e vamos esmagar alguns crânios.

– Isso aí – disse um dos soldados do ECL.

Alguns deles aplaudiram; se o gesto foi sincero ou irônico, Kitty não soube dizer. Mas acreditava em Logan. Ele encarava Rachel, que o encarava de volta.

– Será que já resolvemos a questão? – Ororo perguntou, quebrando o silêncio. – Rick, espero que perdoem a nossa sensibilidade. Passamos por uns momentos bem difíceis.

– Posso até imaginar – disse Rick. – Talvez a gente possa ajudar a garantir que os próximos sejam um pouco mais fáceis.

O plano, conforme elaborado por Logan e Rick, era relativamente simples. Usando a habilidade do ECL de mover-se pela cidade, eles acessariam o centro de segurança dos Sentinelas ao redor do edifício Baxter. Os X-Men se separariam em dois grupos, como Logan já tinha dito. Um grupo seguiria pela faixa que ligava a Grand Central a Port Authority e sairia na Quinta Avenida. O outro pegaria os túneis de manutenção e sairia na Madison, perto da 43^a,

usando um buraco na rua deixado pela batalha dos Sentinelas pelo controle de Nova York.

– Tinha uns Rogues ali – disse Rick –, mas não precisam mais se preocupar com eles.

Na ausência de telecomunicações seguras, sem a vigilância dos Sentinelas, o grupo trabalharia à moda antiga, posicionando indivíduos em cantos ao longo do caminho, comunicando-se por gestos. Aqui a ajuda viria de uma fonte inesperada: o ECL vinha cultivando simpatizantes dos mutantes dentre cidadãos classe A expulsos de Nova York. Muitos deles estavam dispostos a ajudar – embora quase o mesmo número fosse hostil e pensasse que os mutantes eram a razão de seus próprios problemas.

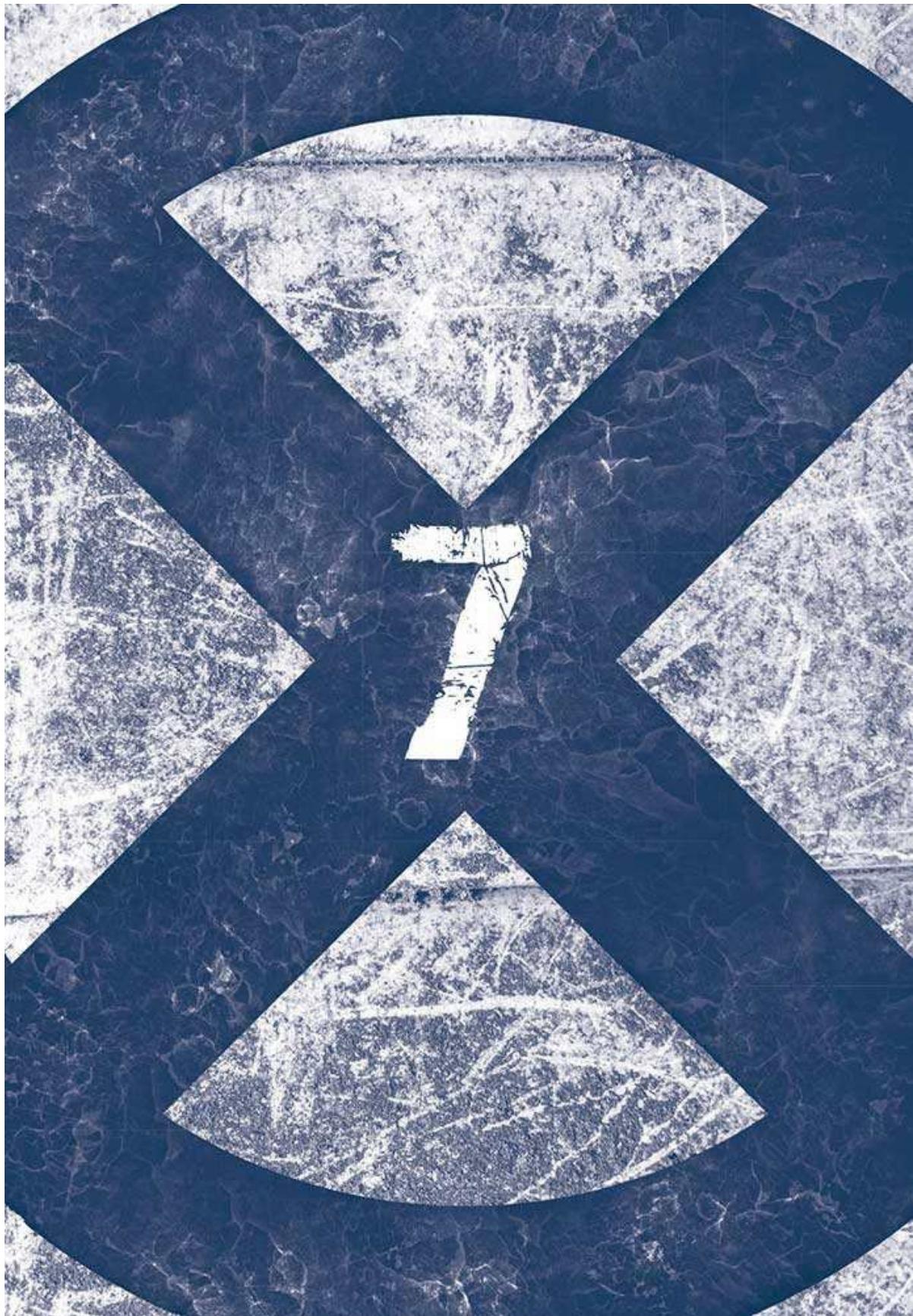
– Então montamos uma rede do ECL e desses guias nativos classe A, e é assim que saberemos onde podemos ir e onde não podemos – disse Rick. – Vamos levar suas equipes para o lugar certo.

– E depois – Logan concluiu –, entramos no edifício Baxter vindos de duas direções, destruímos todo Sentinel que encontrarmos e botamos fogo no lugar.

– Isso deve dar a entender aos europeus que devem esperar um dia ou mais pra começar a soltar bombas, hein? – disse um dos soldados do ECL.

Só o fato de ouvir gente normal falando em lutar ao lado dos mutantes fez Kitty ficar um pouco mais bem-humorada. Pela primeira vez desde que chegara ao futuro, sentiu uma pontadinho de esperança. Não importava quão horrendas fossem as circunstâncias, ainda havia bondade para se encontrar.

Além disso, era a primeira vez que ouvia um canadense soltar um “hein”.



O NOME DO GUARDA ERA REYNALDO CABRERA, e ele trabalhava na segurança do ponto de inspeção na entrada da garagem de um dos muitos níveis subterrâneos do Pentágono. Reynaldo reparou no tamanho do sujeito que chegava com Raven Darkholme, uma das agentes principais do secretário de Defesa, que ele via todo dia. Os dois vinham da garagem de acesso restrito, no subsolo, que dava para a rodovia Jeff Davis. O crachá de identificação de Darkholme estava preso na lapela do terninho, de acordo com o regulamento. O outro cara também usava terno – um que, ao olhar do guarda, parecia ter ficado pendurado num guarda-roupa desde 1978, ano anterior ao nascimento de Cabrera. Ele vira fotos do pai e dos tios usando ternos como aquele. Além do mais, o gigante usava blusa de lã com gola olímpica, o que deixou o guarda ainda mais confuso ao tentar lembrar-se da última vez em que vira alguém usando uma vestimenta assim no Pentágono.

– Bom dia, sargento Cabrera – disse Darkholme.

O homem prontamente fez uma saudação e disse:

– Identificação, por favor, senhora.

Enquanto analisava o crachá dela, fitou com ansiedade seu... acompanhante? Não achou que essa palavra era a mais adequada, tendo ele reparado que o homem estava algemado.

– E qual é a situação do...? – Ele deixou a pergunta sem conclusão.

– Este aqui é o Duke – ela respondeu. – Já foi liberado. Verifique os registros de pessoal do Estado-Maior.

– Vou precisar da identificação dele também – disse Cabrera.

– Infelizmente, foi confiscada na entrada – disse Darkholme, com um sorriso.

Cabrera percebeu que ela flirtava sutilmente com ele, mas não se importou. Havia de fato um “Duke Fredericks” na lista de convidados pré-aprovados e liberados do Estado-Maior. Fredericks ofereceu a expressão mais grosseira para a foto de visitante que Cabrera já vira.

Ele registrou a chegada de Fredericks e imprimiu um crachá de visitante.

– Mantenha pendurado no casaco – disse, entregando o crachá a Darkholme. – E receio que, enquanto estiver no prédio junto com ele, vocês dois não terão acesso a um monte de níveis.

– Entendido, sargento. Vamos direto aonde temos de chegar.

Ela disparou uma piscadela totalmente não profissional para o rapaz e levou Duke Fredericks para um dos corredores do perímetro.

Que tamanho de homem, pensou Cabrera. Dá quase pra sentir o prédio tremer conforme ele anda.



Nem Darkholme nem seu acompanhante falaram enquanto atravessaram todo o corredor, depois pegaram um corredor lateral que dava para uma sala de espera. O Pentágono as mantinha para reuniões prolongadas e eventos interagências, assim como para ocasionais visitas não programadas de dignitários de serviços militares aliados e ministérios de Defesa estrangeiros. Os ocupantes dessa sala em particular, contudo, não eram nenhum desses.

Quando Darkholme abriu a porta, seu corpo tremelicou e pareceu liquefazer-se brevemente antes de tomar a forma de uma atlética ruiva. Nesse formato, ela teria atraído olhares aonde quer que fosse – principalmente por causa dos olhos sem pupila e a pele de um azul rico. O terninho enxuto foi substituído por um vestido branco justo com fenda alta mostrando as duas coxas, acentuado por um cinto adornado por um conjunto de caveiras. Mais uma caveira acima da testa harmonizava todo o modelito, conferindo-lhe o que ela considerava a combinação perfeita de sedução e ameaça. Seu nome de batismo era Raven Darkholme, mas seus inimigos X-Men a conheciam como Mística – embora ainda não soubessem do que ela era capaz.

Ela devotara sua vida adulta cumprindo os intentos da Irmandade de Mutantes, primariamente sob a direção de Magneto. Agora que ele estava enterrado sob milhões de toneladas de gelo na Terra Selvagem, Mística decidira que chegara a hora de reconstituir a Irmandade – principalmente tendo em vista o ressurgimento recente do Clube do Inferno. Esse grupo –

especialmente sua Rainha Branca, Emma Frost – passara a rivalizar com eles no recrutamento de mutantes e na busca de objetivos contrários aos de Charles Xavier. Este enfatizava uma estratégia que chamava de coexistência, mas Mística tendia a caracterizá-la menos caridosamente como conciliação.

Mística visitara a Max-X na semana anterior, disfarçada como a advogada de Blob. Lá ela lhe deu a ideia do truque de implosão que funcionara tão perfeitamente naquela manhã. Ela também liberara rumores para certos membros do Clube do Inferno, sugerindo que eles talvez pudessesem causar dano considerável aos X-Men se estivessem presentes na Max-X naquela mesma manhã.

Então, no dia combinado, Mística retornou ao Novo México e ficou esperando cinco milhas além, na estrada de acesso, numa saída que dava para uma estrada de terra isolada. Blob chegou bem na hora, após a escapada matutina, e dali ela o levou de volta ao Leste sem grande dificuldade. Usando suas conexões no Pentágono e os recursos da Irmandade, criou a identidade secreta dele. Tudo tinha saído tão tranquilamente quanto um mestre do crime gostaria que fosse.

Mística, contudo, não era uma criminosa por natureza. Até havia aqueles que a caracterizavam como uma terrorista, mas o crime pelo crime não a interessava. Ela queria dar poder aos mutantes – e, claro, para si mesma – e buscava conquistar tal poder por meio de uma Irmandade rejuvenescida. E qual seria o melhor modo de aumentar a força e o poder da Irmandade? Fazer uma afirmação do poder dos mutantes que ninguém pudesse ignorar. Por tempo demais os mutantes tentaram coexistir com aqueles que os odiavam, temiam e perseguiam. Foi por isso que ela começou a reconstruir a Irmandade – e por que já havia três outras pessoas na sala.

– Bom dia a todos – ela disse. – Espero que estas acomodações estejam de acordo. Sina, Pyro, Avalanche... deixem-me apresentar Fred Dukes, mais conhecido em alguns círculos como Blob.

– Fred J. Dukes – disse Blob. Mística parou e olhou firme para ele. – Ei – ele disse, logo em seguida. – É o nome que o meu pai me deu.

Dois dos outros três membros da Irmandade avaliaram Blob de cima a baixo, depois se entreolharam com sorrisos oblíquos. Pyro, um esguio inglês

de cabelos volumosos que faziam seu corpo se parecer com um fósforo aceso, disse:

– Acho que prefiro Blob. É um belo codinome. Combina com você.

– Também achei – acrescentou Avalanche. Tinha o dobro do tamanho de Pyro, robusto e pesado onde o outro era magro e angular. – Nada mais caberia.

– Senhores, não estamos na sala de aula. Piadinhas sobre peso são bobagem para nós. – Mística destravou as algemas de Blob, observando-o com atenção para captar a reação perante as brincadeiras. – E Blob... tentamos evitar usar nossos nomes, por motivos que julgo óbvios. Com ou sem o nome do meio.

Nesse momento, pelo menos, ele pareceu não se importar.

– Lugar legal – disse, passando para a mesa, na qual se serviu de uma bebida. – E que viagem rápida da prisão pra cá. Operação de classe, essa aqui. Só que eu fui membro da Irmandade original, e me parece que a pessoa errada está dando as ordens por aqui.

Ah, pensou Mística. *O já esperado desafio*. Ela deixou acontecer, supondo que a afirmação de Blob provocaria reações interessantes nos outros. Dito e feito.

– Mimimi, balofo – disse Pyro. – Acha que pode fazer melhor?

– Pega esse seu sotaque inglês e enfia sabe onde, seu lambido. – Blob estava prestes a acender um charuto que tirara de uma caixinha de cristal, no bar. Pelo visto, Mística acabava de descobrir, a proibição de fumar em edifícios governamentais era relevada quando os presumidos ocupantes estavam com os dedos nos botões vermelhos de seus países. – Isso aqui é entre eu e aaahwww!

A chama do isqueiro de Blob ampliou-se e explodiu numa figura monstruosa que cresceu sobre ele e sapecou-lhe as sobrancelhas. Ela sumiu tão subitamente quanto surgira, deixando que Pyro comentasse, com sua voz de seda:

– Veja bem como fala e ponha-se no seu lugar, ou da próxima vez que acender um isqueiro eu crie um demônio que te cozinha em vez de assustar. Esta é a nova Irmandade. Magneto é passado.

– Ah, é? – Blob pegou uma escultura de mármore da mesa de centro. – Não vou ficar engolindo sapo de você, parceiro. Fred J. Dukes não é nenhum novato! Seu...

Mais uma vez, Blob não terminou o que ia dizer. Dessa vez, foi por causa da escultura, que se desfez em poeira na mão dele.

– Blob – disse Avalanche –, já parou pra pensar em *por que* Magneto te deixou apodrecendo na prisão nesses últimos anos?

– Chega, todos vocês! – disse Mística. – Já mostraram ao Blob um pouquinho do que podem fazer. Blob, você tem razão. Não sou Magneto, nem quero ser. Mas fique no meu caminho, de qualquer modo, principalmente hoje, e vai ter em mim um inimigo tão mortal quanto ele já foi para com quem o traiu.

Os três homens ficaram calados. Sina também. Ao longo de toda essa movimentação, ela ficara sentada, quieta, no canto, parecendo mais uma bibliotecária ou secretária de promotor: saia de corte conservador e terno, cabelo de estilo e cor pouco chamativos. A única coisa que a poderia destacar na multidão eram os óculos escuros que denunciavam sua cegueira. Quando Mística lançou sua ameaça para Blob, a outra permanecera imóvel, em silêncio – como se acontecesse algo tão interessante quanto uma conversa sobre o clima. Para Sina, era isso mesmo, visto que suas habilidades precognitivas tinham lhe informado o que Blob, Pyro e Avalanche fariam antes mesmo que eles soubessem o que iam fazer. Mística planejava conversar com ela muito em breve, mas primeiro tinha que esclarecer algumas coisas junto aos homens da Irmandade.

– Não vai haver desentendimentos aqui. Guardem para os inimigos. – Mística olhou fixo para cada um. – Pyro – disse –, guarde as chamas. Avalanche, Blob, caso não tenham percebido, seus poderes foram feitos de um jeito que praticamente não podem afetar um ao outro. Acham que reuni esse grupo em particular por acidente?

– E quanto a ela? – disse Blob, apontando para Sina. Esta nada dissera.

– Que tem ela? – Mística rebateu, com um pouco de zombaria na voz.

– Você tem interesse em cada um de nós. E quanto a ela? Quem é, afinal?

– Você vai ver. Não contei nada a ninguém – disse Mística. – Mesmo que não acreditem em mais nada, acreditem nisso. Agora escutem com atenção. Hoje vamos tomar uma atitude em prol de todos os mutantes, até os idiotas o bastante pra acreditar que a coexistência com os não mutantes é possível. Vamos matar o senador Kelly. Essa parte da operação será simples. Mais importante que isso, vamos deixar algo claro para as milhões de pessoas que virem isso: que os mutantes não serão oprimidos. Não serão perseguidos. Vamos tomar nosso destino nas mãos. Por isso, não podemos aparecer como assassinos bárbaros.

– Então devia ter deixado ele de fora – disse Pyro, acenando para Blob.

– Eu estou avisando, não vou mais...

– Silêncio! Vocês dois! Estão representando todos os mutantes, agora. Qualquer bobagem que interfira em nossos objetivos não será tolerada.

– Muito bem, então, temerosa líder – disse Pyro, com um sorriso maroto. – Por favor, instrua-nos.

– Estava prestes a fazer exatamente isso – disse Mística. – Mas primeiro, mais uma apresentação deve ser feita. Blob, essa é Sina.

– É. Você me disse quando entramos.

– Que bom ver que você estava prestando atenção. Sina, sabe o que estamos planejando fazer. É o momento de fazer a sua parte. Conte-nos como tudo vai acontecer, para sabermos com o que tomar cuidado.

Sina tinha uma expressão perturbada e não disse nada.

– O que ela faz? – perguntou Blob. – Se ela fosse servir o almoço, ótimo. Mas não estou ouvindo nada que me faça pensar que precisamos dela.

– Você é mesmo um troglodita – disse Pyro. – Escute os mais espertos e quem sabe aprenda alguma coisa.

Por um momento, Blob pareceu até que ia responder à provocação de Pyro, mas conteve-se.

– Sério – disse. – O que ela faz?

– Ela é precognitiva – explicou Mística. Vendo o rosto inexpressivo de Blob, esclareceu: – Sina pode ver o futuro próximo antes que aconteça. Ela pode nos dizer como a polícia e, possivelmente, os X-Men presentes na audiência vão reagir. Pode nos contar onde cada um vai estar sentado na sala da

audiência, para sabermos por onde entrar, maximizando nossa chance de sucesso. Numa guerra como esta, isso é pelo menos tão válido quanto a habilidade de derrubar uma parede ou botar fogo nas coisas.

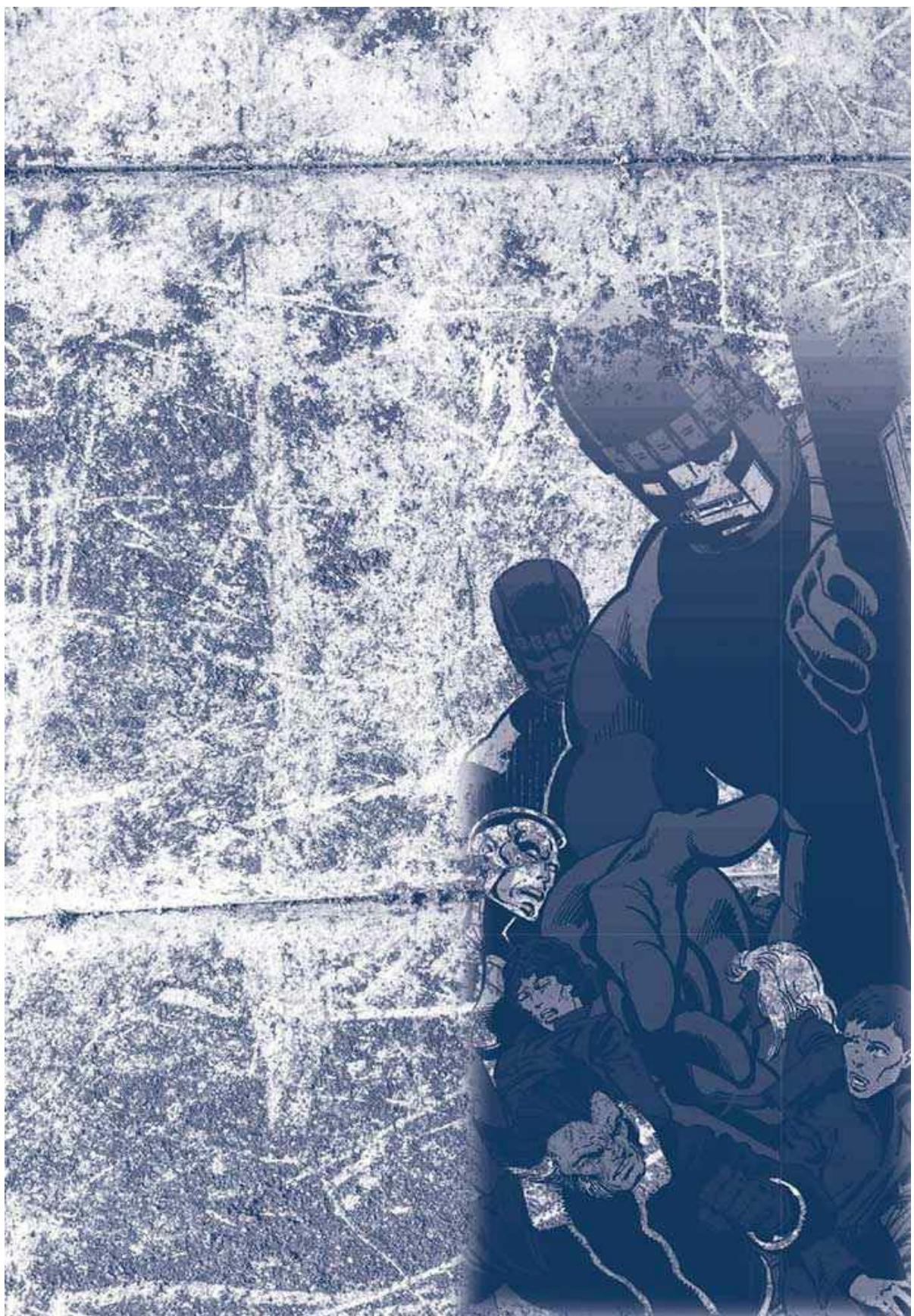
– Isso nós vamos ver – disse Blob. – Ok, “Sina”. Estamos ouvindo. O que vai acontecer?

Sina não respondeu por um bom tempo; tanto que todos ficaram incomodados com a espera. Finalmente, ela disse:

– Eu... não tenho certeza.



8



O PLANO, COMO TODOS OS PLANOS, começou a dar errado no instante em que eles saíram do túnel e subiram do nível inferior do terminal da Grand Central para o principal, onde planejavam separar-se. O local deixara havia muito tempo de ser um eixo de meios de transporte, mas não estava nem um pouco vazio. As lojinhas e quiosques tinham se fundido ao longo dos anos, gradualmente tornando-se um bazar coberto, onde se podia comprar e vender de tudo – de arroz a seres humanos. Uma milícia fácil de reconhecer por causa dos uniformes de segunda mão e as M-16s patrulhava e mantinha a ordem.

– Vai ser fácil nos misturarmos aqui, assim que arranjarmos roupas novas pra vocês – disse Rick. – Esperem um minuto.

Ele foi até o bazar e voltou quinze minutos depois com um monte de roupas embaixo do braço.

– Coloquem por cima dos macacões, ou se troquem, sei lá – disse. – Só não fiquem zanzando por aí com um grande M nas costas, ok?

Peter, cujo macacão estava em frangalhos, ficou só de roupa de baixo ali mesmo e vestiu as pesadas calças de lona e um casaco que ia até as coxas.

– Acho que serviu certinho – disse.

– Comprei tudo do maior tamanho que consegui – disse Rick. – Deu certo pra você, mas pode não dar para os outros.

Rachel, Tempestade e Kitty constataram o fato imediatamente. Elas se envolveram nos casacos, mas nenhuma das outras roupas serviria.

– Mesmo assim, isso é melhor – disse Ororo. – Também acho que devemos evitar ser identificados como mutantes, já que enquanto...

O mezanino, no lado da avenida Vanderbilt, implodiu, enterrando aquela ponta do andar sob granito e os restos sacudidos do andar superior do bazar. Focos de luz atravessaram a fumaça, revelando uma patrulha de Sentinelas do lado de fora.

– Patrulha encontrou mutantes fugitivos – um deles exclamou. – Enviar reforços.

– Como nos encontraram? – perguntou Kitty. – A gente não fez nada.

– Eles têm câmeras de segurança antigas também, Kit – disse Wolverine. – Aqui na estação, talvez até nos túneis. Não tinha mesmo como ficarmos escondidos pra sempre.

O raio repulsor de um dos Sentinelas destruiu uma fileira de cabines perto de um antigo quiosque de bilhetes. Os três robôs entraram pelo buraco que tinham feito na parede, passando do nível da rua para o da estação.

– Manda bala, Rach! – Logan gritou. – Vou chegar mais perto!

– Não posso! – ela respondeu. – O teto vai ceder!

– Melhor pensar em alguma coisa! – foi a resposta dele. E então Logan sumiu no meio do caos.

– Mutantes serão exterminados – disse um dos Sentinelas. Ouvindo isso, um grupo de membros da milícia apareceu, brandindo suas M-16s.

– Aqueles são os mutunas que fugiram! – um deles gritou. – Vamos pegar!

Ororo sabia que a vida de um mutante valia pouco em Nova York, mas supunha que outras vidas tinham pelo menos um pouco mais de valor – até que a milícia começou a atirar sem se importar com os espectadores prostrados entre os canos das armas e os X-Men e membros do ECL. Dois soldados deste tombaram de imediato. Os demais espalharam-se em busca de abrigo, devolvendo fogo o máximo que podiam, mas limitados pela preocupação em não atingir civis. Os Sentinelas, como a milícia, avançaram em busca de seus alvos.

Tempestade pegou Kitty e voou para o alto, acrescentando névoa à fumaça ao atrair a umidade lá de fora e do frio dos túneis subterrâneos para dentro. Começou a chover dentro do terminal, e o som compôs um tamborilar constante como pano de fundo para os disparos de armas automáticas entre a milícia e o ECL.

Uma mensagem telepática de Rachel fez os olhos de Ororo se encherem de água. *Entrem nos túneis, o cara do ECL mandou. Eles não podem nos seguir lá.*

Também não podem nos seguir se estiverem em pedaços, Ororo respondeu. Para Kitty, ela disse:

– Lembra-se do que fez agora há pouco, na outra estação?

Kitty fez que sim.

– Vou precisar que faça de novo. – Um raio repulsor passou chamuscando por elas, tão perto que a chuva atingida virou vapor. Kitty gritou. Ainda agarrada à menina, Ororo voou mais alto, passando por trás dos Sentinelas. – Pronta?

– Não!

– Vamos mesmo assim! – disse Ororo. Quando passou perto da cabeça do Sentinel mais próximo, ela largou Kitty.

A menina gritou, e o Sentinel ergueu o rosto para ver o que era. Kitty pousou na testa do robô e se desmaterializou, atravessando em linha reta pela cabeça e tronco dele. Emergiu de dentro da coxa direita, pousando entre os pés. Com seus sistemas elétricos destruídos pela passagem de Kitty, o Sentinel ergueu os braços e começou a cair, empurrando o Sentinel ao lado contra um pilar do mezanino. Kitty desviou-se do robô que caía, entrando bem na mira das M-16s da milícia – contudo Peter, sempre cuidando dela, interpôs seu corpo de aço orgânico entre ela e o tiroteio. As balas ricochetearam. Peter avançou contra a milícia, com seus punhos de aço esmagando carne e ossos.

Como sempre, Ororo sentiu uma pontada de tristeza ao vê-lo lutar. Não era da natureza dele, mas o destino cruel o tornara bom demais nisso.

O segundo Sentinel apoiou-se na beirada do mezanino e virou-se para ver os mutantes. Rachel o sacudiu com uma explosão telecinética que estilhaçou as vitrines que restavam no andar de cima. Depois direcionou seus poderes para a milícia, desviando as balas e arremessando os homens contra o entulho com um empurrão psíquico.

O terceiro Sentinel forçara sua entrada e estava chegando perto deles. Logan o encontrou, destrinchou as pernas dele e, assim, conteve o avanço. O robô caiu de joelhos e esmagou Logan com a mão aberta. Lascas de granito espirravam do piso com o impacto. Quando o Sentinel ergueu a mão, Logan estava pendurado com uma das garras fincada na palma do robô. Com a outra mão, ele amputou três daqueles dedos enormes, com uma chuva de fluidos negros, antes de se libertar, metendo as duas garras no abdômen e abrindo um rasgo conforme descia.

Tempestade viu a abertura, assim como ocorrera antes, na rua. Ela fincou um relâmpago direto no ferimento que Logan criara, expulsando o Sentinel da escada, de volta à avenida Vanderbilt. Contudo, isso tirou a atenção dela do Sentinel que restava, ainda ativo, que a pescou do ar e a esmagou contra o mezanino, bem acima de Kitty.

Tempestade caiu no piso, mole e ensanguentada. Kitty correu para ela, junto com quatro soldados do ECL.

– Temos que sair daqui! – Rick gritou. – Agora! Para os túneis!

Ele jogou o rifle nas costas e pegou Tempestade, depois correu para as escadas que davam para o nível inferior. Os soldados o seguiram, e Kitty também, com Logan logo atrás. Peter e Rachel vieram por último. Colossus fazia o máximo que podia para protegê-los dos últimos voleios da milícia.

No topo da escadaria, Rachel virou-se.

– Ainda não acabei – disse. Mais balas atingiram a parede, pouco acima dela.

– Agora não é hora, Rachel! – Logan gritou, lá de baixo.

Ela o ignorou, focando um segundo pulso telecinético no Sentinel que sobrara. O impacto penetrou-lhe pelo tronco e arrancou um dos braços. Atrás dela, mais uma seção do mezanino desabou. O Sentinel, caindo, levou boa parte do granito que caiu sobre a cabeça e os ombros.

Rachel demorou-se um pouco demais admirando seu trabalho, e um voleio de tiros cobriu a porção superior da escada. Jorrou sangue na parede do patamar; Rachel tombou para a frente e caiu escada abaixo. Peter avançou para pegá-la, mas ela escapou de suas mãos e desceu mais alguns degraus. Ele se virou, escorregando no sangue, e agachou-se para pegá-la.

Um grupo da milícia apareceu no topo da escadaria. Peter juntou Rachel nos braços e curvou-se sobre ela, passando bem perto da parede enquanto descia os últimos degraus. No canto da parede, na base da escadaria, e também na parede oposta, alguns dos soldados do ECL atiraram na milícia, derrubando um homem e fazendo os demais se espalharem.

Atirando às cegas, sem nem empunhar direito a arma, um dos capangas da milícia acertou Peter bem na nuca. Ele sacudiu a cabeça, dizendo:

– Já peguei Rachel! Vamos!

Todos correram. Rick os guiava, com os X-Men seguindo logo atrás e o restante dos soldados do ECL se revezando para carregar Ororo. Ficavam todos de olho em inimigos que os pudessem estar perseguinto, mas não veio nenhum, e os Sentinelas não podiam entrar nos túneis mais profundos. Assim que chegaram ao nível mais baixo dos trilhos antigos que saíam da Grand Central, resolveram parar.

Rick foi até Peter com uma lanterna e apontou-a para Rachel, cujo corpo estava mole.

– Vamos dar uma olhada.

– E quanto a Ororo? – Kitty perguntou.

– Vou ficar bem – disse Ororo. – Só meio machucada.

– Nossa, senhora – disse um dos guerrilheiros. – Do jeito que ele te prensou naquela parede, achei que a gente fosse te trazer aqui para te enterrar.

Ororo sorriu.

– Hoje, não. Pelo menos, ainda não. Vocês... todos os seus soldados estão aqui, Rick?

Ele fez que não.

– Perdi quatro. Mais alguém precisa de cuidados?

– Cuide da ruiva primeiro – disse um dos guerrilheiros, apontando para Rachel. Em seu braço esquerdo, o casaco brilhava, escurecido de tanto sangue.

– JP, dá uma olhada no Marc – disse Rick. – Temos bastante atadura para dividir.

Ele ajudou Peter a pousar Rachel gentilmente. Ela abriu os olhos, mas só um pouco. Rick sondou-a por baixo do macacão, parando algumas vezes quando ela reclamava de dor. Ele se levantou e recuou um pouco, até onde Logan aguardava.

– Se tiverem algo para dizer a ela, melhor dizer agora – Rick disse baixinho.

Ororo ouviu a sentença e veio juntar-se a eles, caminhando lentamente, com dificuldade.

– Tem certeza?

– Talvez não sobreviva mesmo se a levarmos ao hospital – disse Rick. – Do jeito que está...

– Posso ouvir vocês falando de mim – disse Rachel.

– Nada de telepatia – disse Logan. – Sentinelas, lembra?

– Tem razão – disse Rachel. – Ok. Mas não vou estar por perto para eles rastrearem daqui a uma hora. – Ela prendeu o ar e ficou tensa, fechando os olhos. – Ou... talvez menos que isso.

O sangue fez uma poça embaixo dela. Os braços e as pernas de Peter estavam cobertos dele por tê-la carregado.

– Você... bem, acho que tem certeza disso, não? – Ororo perguntou.

Rachel fez que sim. Seus olhos começavam a se fechar.

– Ei, Rach – disse Logan. – Fique conosco. Rick vai cuidar de você.

Rick olhou para o mutante, depois retornou ao que fazia. As bandagens que aplicava ficavam avermelhadas assim que ele as colocava.

– Acho que não vai dar, Logan – disse a ruiva. – Vou... vou tentar aguentar o suficiente para mandar a Kitty de volta. Mas não demorem, ok?

– Rick – disse Logan –, seja lá qual for seu cronograma, mude tudo pra agora mesmo.

– Entendido. Estamos prontos pra ir.

Peter ainda parecia preocupado.

– Lembro-me de quando os Sentinelas pareciam ser apenas robôs. Esses... têm mentes. Matar esses é um pouco diferente.

– Pra mim, não – disse Logan. – Já matei um monte de coisa que tinha mente. E vamos matar mais algumas, a não ser que queira ver nossas quatro mentes indo pros ares no Atlântico Norte. Anda. Se Magneto ainda estiver por perto, ele vai nos encontrar.

– O cara está numa cadeira de rodas, Logan. Como ele vai pra algum lugar nos encontrar? – Rachel perguntou.

Logan sorriu, maroto.

– Você não o conhecia tão bem quanto a gente. Todos nós tiramos os colares, certo? Certo. Bom, Magneto saiu vivo de Auschwitz. Saiu vivo da Terra Selvagem. Saiu vivo do maldito Mundo de Batalha. Agora, se ele saiu vivo do Bronx, acha que transporte vai ser problema pra ele? Vamos embora.

– Logan deu um tapinha no ombro de Rick. – Tem como levá-la? Não podemos ficar aqui.

– Velho, não vai fazer diferença alguma o que fizermos com ela a essa altura – disse Rick. – Sinto muito.

– Podem me levar – disse Rachel. – Vou... vou me manter inteira, pelo menos por um tempo.

– Infelizmente, não pode – disse Ororo. – Se usar seus poderes, os Sentinelas saberão onde estamos.

– Então vou morrer muito em breve, Ororo.

Ororo assentiu.

– Eu sei. É por isso que temos que continuar andando.

Rick terminou de colocar bandagens nos ferimentos de Rachel. Peter a pegou no colo, juntando-a no peito enquanto Rick a prendia com tiras de tecido.

– Quanto menos ela balançar, menos sangue vai perder. Então...

– Entendi – disse Peter.

– Ok, pessoal – disse Logan. – Mudança de planos. Iamos esperar até ter tudo organizado com nossos amigos classe A lá em cima. Mas qualquer coisa que façamos agora, temos que fazer enquanto Rachel ainda pode mandar Kitty de volta. – Ele olhou para os guerrilheiros do ECL. – Explico essa parte mais tarde, se é que vai ter mais tarde.

Ele foi contando os nomes nos dedos.

– Ainda dois times: eu e 'Ro em um, Pete, Rachel e Kitty no outro. Vou primeiro com 'Ro, dar chance pra vocês arranjarem um lugar pra Rachel. Depois vocês vêm. Os meninos do Rick vão...

– E meninas – interrompeu uma guerrilheira do ECL.

– E meninas – Logan corrigiu – do Rick vão entrar no prédio logo depois de mim e 'Ro. Não vão querer comprar briga com os Sentinelas, mas qualquer humano que aparecer dentro do prédio, podem meter bala. Vamos fazer o que puder pra desativar o edifício Baxter. Se não conseguirmos, vamos todos estar mortos a essa hora amanhã, independente do que os Sentinelas façam.

– Mandou bem na preleção – disse Rick.

– Didática não é uma das minhas virtudes, parceiro – disse Logan. – Os Sentinelas têm toda vantagem do mundo, só que estamos lutando pra sobreviver, e vai saber o bem que isso pode fazer pra gente. Estamos prontos, ou será que tenho que tentar animar todo mundo?

– Mais prontos do que nunca – disse Rick.

Logan começou a andar.

– Então é hora do show.



9

— COMO ASSIM, NÃO TEM CERTEZA? — Mística exclamou. — Como podia ter certeza quando saí do Novo México ontem à noite e não tem mais agora?

Pyro, Avalanche e Blob ficaram só assistindo; Mística já podia até sentir cada um deles procurando uma brecha. Se o plano não sairia do modo que fora concebido, ela podia contar que seria desafiada ainda mais cedo. Pyro era o mais preocupante. Avalanche e Blob eram turrões, mas ele era um estrategista.

— Alguma coisa mudou — disse Sina, simplesmente.

— Como?

— Existe uma... incerteza.

Mística congelou. Um longo momento se passou.

— Que tipo de incerteza?

— Uma variável foi introduzida. Não sei de que natureza.

— Quanto tempo faz que foi introduzida?

— Hoje de manhã. Antes disso, estava tudo claro. Estava tudo como queríamos que fosse. Agora... — Sina parecia preocupada. Não gostava de não ter certeza; sentia-se ofendida por variáveis e probabilidades. Mística reparou que ela estava francamente aterrorizada pela ideia de que seus poderes precognitivos podiam ser vulneráveis a mudanças súbitas em fatores externos. — Agora tem... não tenho mais certeza do que vai acontecer.

— Concentre-se — disse Mística. — Somos amigas há tanto tempo que sei quando você não está totalmente presente. Precisamos de você para concluir a missão da Irmandade aqui.

— O problema não é falta de concentração minha. Na verdade, é a recusa de uma variável de se assentar.

— De que diabos ela está falando? — Blob perguntou.

— Todas as pessoas têm futuros infinitos — disse Sina —, se você puder olhar bem à frente. Mas a curto prazo, horas ou dias, as ações delas são circunscritas por milhares de outros eventos que ocorrem ao redor delas e removem uma ampla maioria de possíveis ações. Eu enxergo o que resta

depois dessa seleção de possibilidades. Mas agora, essa manhã, alguma coisa nova apareceu no futuro. Algo... duplicado, talvez? Não é bem essa a palavra. O importante é que onde eu via certeza, agora há dúvida. Alguém hoje vai agir de modo inesperado, e não tem como eu reduzir as possibilidades para além dessa dúvida. E antes que o diga, Blob, deixe-me recomendar que continue calado.

Blob fez careta.

– Você acaba de falar que não sabe o que vai acontecer, mas sabia o que eu ia dizer?

Sina sorriu.

– Exato. Você está juntando coragem agora para dizer algo que acha que vai alavancar sua situação dentro do grupo, apontando o que viu em mim como falha. Mas fazer isso vai forçar a paciência de Raven e gerar consequências para você. Acredite, são consequências que você preferiria não enfrentar. Então é melhor ficar calado.

Blob abriu a boca, mas logo a fechou. Pyro riu-se.

– Você não sabe nada de Fred J. Dukes – disse Blob.

– Pense assim, se quiser – disse Sina, com o mesmo sorriso condescendente no rosto.

– Quem é essa variável? Um de nós? – Mística perguntou.

– Creio que não – disse Sina. – Somos todos os mesmos: criaturas deste momento do tempo, e apenas este momento. Mas tem outro; alguém que... mudou. Essa mudança perturbou as possibilidades.

Hoje de manhã, pensou Mística. Não parecia muito provável que a súbita incerteza de Sina e a aparição dos X-Men na Max-X depois da fuga de Blob fossem coincidência.

Teria ocorrido alguma coisa durante a emboscada do Clube do Inferno sobre os X-Men? Mística foi pensando nas possibilidades. Seria informação vazada para Xavier? Não era possível. Ninguém sabia do plano da Irmandade exceto as cinco pessoas naquela sala. Os X-Men foram mortos? Isso não faria diferença nas audiências. O senador Kelly usaria o fato apenas como evidência para pintá-los postumamente como vigilantes perigosos, fora de controle.

Seria *Blob* essa incerteza? Mística não podia acreditar. Ele era exatamente o que parecia ser: uma placa hipermassiva de humanidade, cuja fala e comportamento eram tão bruscos quanto poderosos eram seus membros. Uma faca sem corte. Não tinha nada de incerteza. Não era preciso ter as habilidades precognitivas de Sina para ter certeza do que *Blob* faria em qualquer situação.

Quem seria, então?

Ela não sabia quem os X-Men tinham enviado para o Novo México, mas qual X-Men poderia desestabilizar probabilidades a ponto de interferir nas predições de Sina? A Feiticeira Escarlate era a única mutante com tal habilidade, e não era membro dos X-Men. Entretanto...

Mística fez uma ligação rápida para uma fonte, um funcionário da Max-X, e descobriu que a Feiticeira Escarlate não fora vista no Novo México. A fonte reclamou que os X-Men acabaram com o Clube do Inferno – mas isso não era problema de Mística, e mais ainda, ficou feliz de ouvir isso. Quanto mais o Clube do Inferno e os X-Men se concentrassem um no outro, mais espaço a Irmandade teria para conduzir seus planos.

A morte do senador Kelly seria apenas o começo. Magneto, certa vez, visualizara a Irmandade governando o mundo, dando poder aos mutantes para que tomassem seu lugar de direito no controle dos humanos normais – os infortunados cujo genoma não fizera nada mais interessante além de predispô-los a doenças cardíacas ou dar-lhes cabelos ruivos. Mística pretendia ter sucesso onde Magneto falhara.

Primeiro a Irmandade se anunciaria e daria um tiro simbólico contra toda a humanidade, silenciando a mais estridente voz antimutante no governo dos Estados Unidos. Alguns mutantes se apressariam em dar apoio à Irmandade. Outros se acovardariam sob as saias de Xavier. Mística enfrentaria os X-Men – e os destruiria. Então, uma sociedade unida de mutantes poria fim a anos de um sistema ridículo e avesso, no qual humanos reinavam sobre mutantes... oprimindo-os... massacrando-os...

Os mutantes unidos reinariam sobre o mundo. Como mandava sua superioridade. E na liderança dessa sociedade de mutantes estaria Mística, governando todos.

Era essa a tarefa que eles começariam nesse dia, por mais nebulosa que estivesse a visão de Sina.

– Isso não muda nada – disse Mística. – Robert Kelly vai morrer hoje. O mesmo acontecerá a qualquer um que se opuser a nós. Quem sabe, para remover ainda mais essa incerteza, deveríamos eliminar Xavier e MacTaggert também.

– Já antecipei essa especulação – disse Sina. – A variável irredutível não será afetada.

– Por mais mau gosto que seja concordar com Fred J. Dukes – disse Pyro –, agora eu também estou querendo saber exatamente aonde ela quer chegar.

– É – disse Avalanche. – A gente sabe ou não o que vai acontecer?

– Vamos atacar o Senado – disse Sina. – Isso continua certo.

– É tudo de que precisamos – disse Mística.

– Com todo o respeito, Mística, a situação fica bem diferente se nossa amiga precognitiva aqui não pode mais cumprir o papel dela – disse Pyro. – Uma coisa é atacar o Senado e cometer um assassinato quando temos o resultado antecipado. É bem diferente arquitetar esse ataque estando sem os poderes de predição que nos davam vantagem.

– Ah, não tem problema – disse Blob. – A gente entra, explode tudo, cuidamos do Kelly. O resto não importa.

– Ele fica a favor depois que a reclamação não é aceita – disse Pyro. – Bem previsível. Estou certo, Sina? Ah, perdoe-me. Você não tem mais certeza, não é?

– Isto é o que *eu sei* – disse Mística. – Na hora combinada, vamos sair por essa porta e ir até os fundos do edifício Hart. Então todos cumprirão a sua parte. Quem não o fizer, vai se ver comigo... Depois que o senador Kelly estiver morto, o mundo vai aprender a temer a Irmandade de novo.

Mística mudou de forma mais uma vez; no momento seguinte, Raven Darkholme, consultora-mor do Departamento de Defesa, apareceu perante o grupo.

– Alguém gostaria de partilhar suas apreensões? – ela perguntou. O tom de sua voz deixou bem claro que ela esperava somente o silêncio como resposta.

– Ótimo – disse. – Então vamos.



Quando passaram pela estação do sargento Cabrera a caminho da saída, ele desejou um bom dia à Srta. Darkholme.

– Pra você também, sargento.

Ela sorriu e devolveu o crachá de visitante de Duke Fredericks. Como havia mais três pessoas com ela, Cabrera disse:

– Espere um minuto. Vou precisar dos crachás de visitante de todos, por favor.

Alguma coisa tinha derretido um pedaço de um dos crachás. Cabrera olhou para o elegante inglês loiro que entregara o item.

– O que estavam fazendo lá? Interrogatórios acontecem em outra parte do prédio – brincou.

– Ah, tivemos uma discussão um pouco esquentada – disse o inglês.

Segundo o crachá, o nome dele era St. John Allerdyce. Cabrera tinha lido em algum lugar que o nome era pronunciado como Sinjin, mas alguma coisa na postura do homem o fez desistir de perguntar. Um dos outros crachás, de Jon Bloom, estava coberto de poeira. Ele viu a Srta. Darkholme vendo-o passar algum tipo de sensor químico no crachá.

– Algum problema, sargento? – ela perguntou, conseguindo soar amigável e ameaçadora ao mesmo tempo.

Isso o deixou um pouco incomodado, esse tom de fique-na-sua que ele ouvia sempre dos civis. Depois que foram para o Afeganistão ficar desviando de tiros de RPG por dois anos, as pessoas podiam falar assim com eles. Antes, não.

– Procedimento, senhora – disse ele, e passou o sensor químico por um escâner num dos equipamentos de sua estação.

A leitura deu negativo; fim de papo. Darkholme provavelmente não daria uma piscadela para ele da próxima vez que entrasse, mas Cabrera não ligava. Tinha um trabalho a fazer.

– Tenham um bom dia, gente – disse ele, e viu os cinco saírem pela porta.

Irene Adler, a mulher que acompanhava a Srta. Darkholme, parecia ser cega, mas caminhava como se pudesse ver. *Grupinho esquisito*, pensou

Cabrera. Bem diferente dos oficiais e políticos com os quais Darkholme costumava andar.

O homem se perguntou em que tipo de projeto ela poderia estar envolvida. Os registros mostravam que ela trabalhara com o DARPA e outras coisas relacionadas a armamento, o que explicava o grupo diverso de civis. A defesa era um ramo bem formal, mas os contratantes – principalmente os que trabalhavam com tecnologia de ponta – tendiam a ser do tipo camiseta e chinelo com a cabeça nas nuvens. *Tirando Tony Stark*, pensou Cabrera. Esse era um cara estiloso. Ele conseguira um autógrafo de Stark um dia, quando o próprio deu um pulo no Pentágono para uma reunião. Estava em casa, num dos caderninhos do sargento. Quando os filhos tivessem idade para ler, ele mostraria o papel e diria: *Eu conheci o cara. É assim que vocês têm que querer ser quando crescerem.*

Isso ele jamais diria com relação a Jon Bloom ou Irene Adler ou St. John Allerdyce. Muito menos Duke Fredericks. *Tem gente de todo tipo no mundo*, pensou. *Mas é melhor ter cuidado com quem a gente escolhe para se inspirar.*

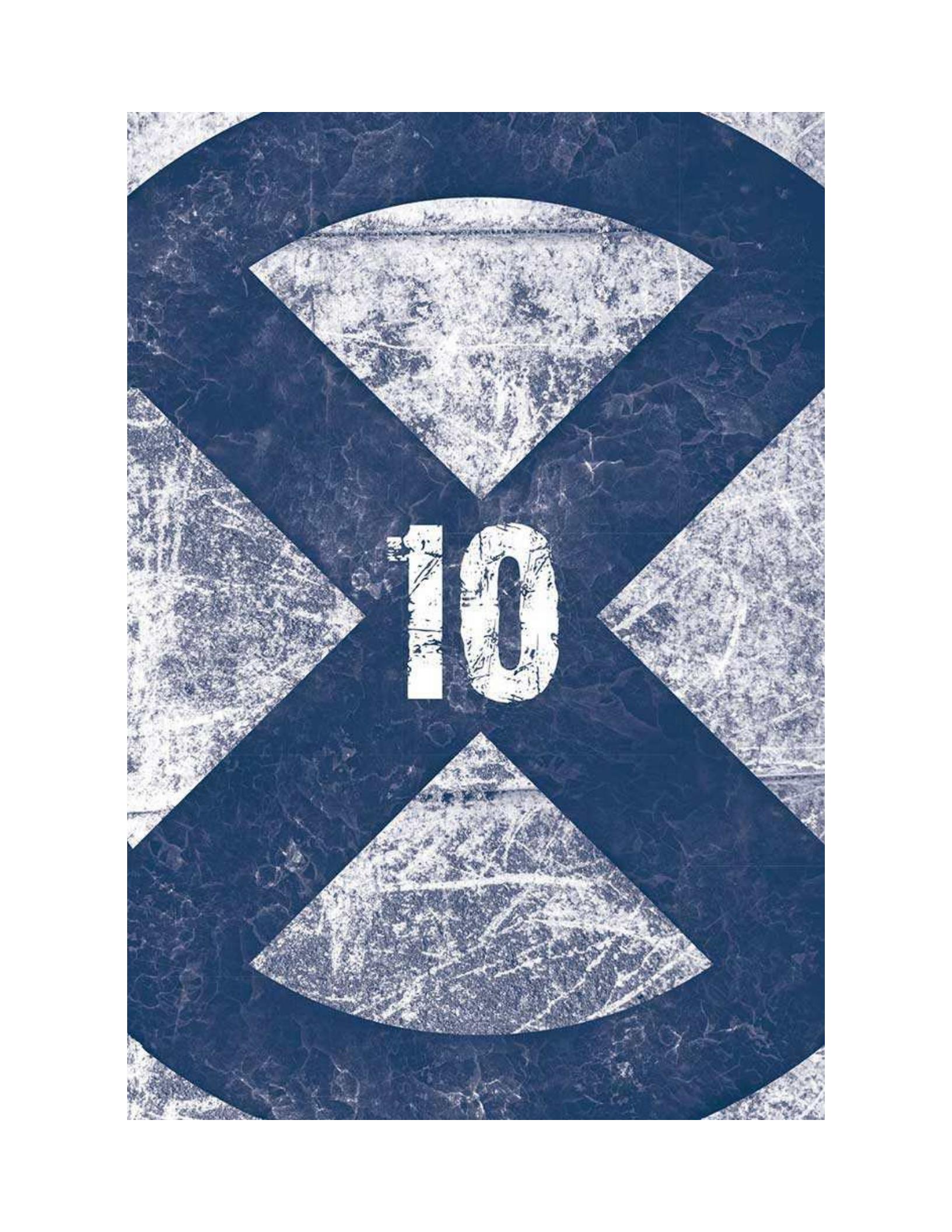
Cabrera tinha ordens de informar os superiores toda vez que um membro da equipe fazia algo de incomum, e estava começando a achar que essa era uma dessas situações. Muitos contratantes iam e vinham pelo Pentágono, e Duke Fredericks não era a primeira pessoa que ele vira entrando algemada. Mas a cena toda pareceu-lhe... esquisita.

Ele escreveu os nomes de todos os visitantes e checou-os no sistema, querendo ver se algum deles estivera alguma vez no prédio antes. Fez também uma análise de reconhecimento facial nas fotos que tirara para os crachás de visitante.

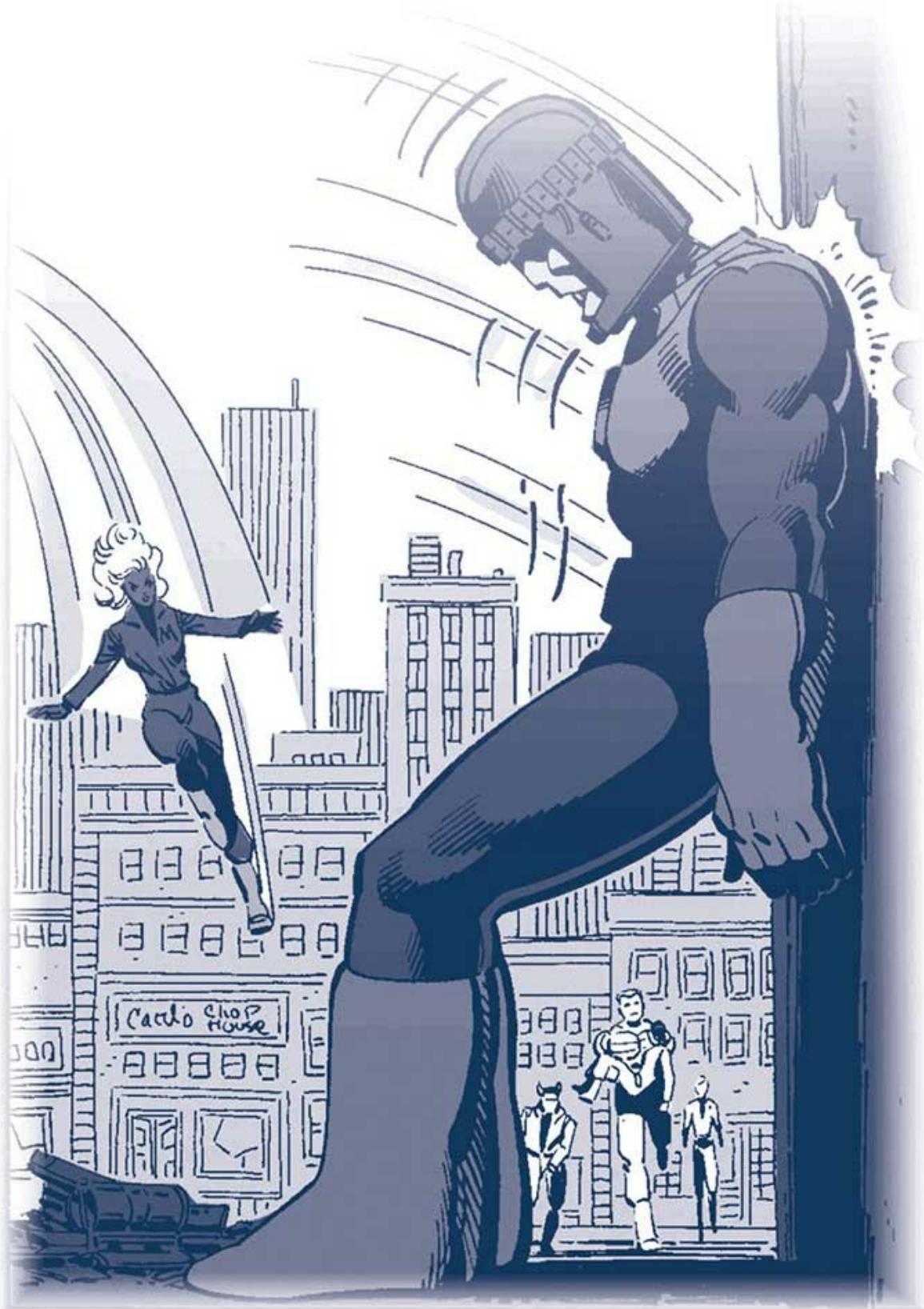
Não apareceu nada de alarmante.

Entretanto, Cabrera estava incomodado. O crachá derretido, a poeira... Ele resolveu fazer a coisa certa, que era avisar os superiores. Todos os quatro crachás e um impresso do horário de entrada e saída seguiram num envelope lacrado, com um relatório documentando a sensação do sargento de que algo fora do comum poderia estar acontecendo. Os superiores poderiam até ignorá-lo, e era bem provável que sim, mas dessa vez ele pretendia seguir o protocolo.

O sargento terminou o relatório, pôs num envelope com os crachás e colocou tudo numa caixa para o rapaz de correio interescritórios pegar. Quando seu expediente acabou, ele foi aliviado – tanto emocional quanto profissionalmente – até a cafeteria pegar um sanduíche. Trabalhar no Pentágono fazia as pessoas ficarem desconfiadas.



10



O TERMINAL DA GRAND CENTRAL ficava a poucas quadras do edifício Baxter, então o estágio final de preparativos da missão da equipe não envolvia muito traslado. Eles seguiram os trilhos sem uso até uma bifurcação na qual escotilhas de manutenção levavam para o nível superior, em algum ponto perto de onde a Vanderbilt cruzava com a 45^a. Dali, planejavam pegar uma quadra a oeste, até a Madison, depois duas para o sul. Na 42^a seria hora de se separarem. Logan e Tempestade continuariam até a estação da Quinta avenida com alguns guerrilheiros do ECL, enquanto Rachel, Peter e Kitty aguardariam.

– Quando começar a queima de fogos – disse Logan –, Petey pode vir e entrar na brincadeira.

– E quanto a mim? – perguntou Kitty.

– Você vai ficar com a Rachel pra ela te mandar pra casa assim que tivermos certeza de que está tudo certo – disse Ororo.

– Espera um minuto. Não foi isso que combinamos, foi?

– Kitten, você tem uma vida toda para viver. Parte do motivo pelo qual estamos fazendo isto é para que possa vivê-la. Trouxemos você pra cá sem querer porque precisávamos mandar Kate de volta... mas você não tem que sofrer por causa disso.

Ororo olhou para Peter, como se pedisse apoio.

– Ororo tem razão, Kitty – disse ele. – Este tempo não é seu. Seja lá o que vai acontecer aqui, estamos lutando para que você tenha um futuro diferente.

Ela sabia que havia algo que ele não estava querendo contar, e não estava preparada para abrir mão disso.

– Por que quis que ele dissesse isso, Ororo? Por que todo mundo me olha estranho? Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

– Petey, agora é com você – disse Logan.

– Kitty, neste futuro... você e eu estamos casados já faz um tempo. É difícil pra mim te dizer isso. Quando olho pra você, vejo a minha esposa. Mas sei

que você é só uma menina por dentro, e... – Peter ficou sem palavras. – É complicado. Não quero que seja difícil pra você também.

– Somos *casados*? – Kitty repetiu. Não podia acreditar. Casados? E quando ele olhava para ela, ele...?

Ela olhou para baixo, para seu corpo adulto, com os 22 anos a mais que ela nem tinha vivido. Todo sentimento do mundo pareceu passar por ela de uma vez só. Raiva por ninguém ter dito isso antes. Confusão quanto aos futuros sobrepostos, vividos ou não. Insegurança quanto a como se sentiria perto de Peter quando voltasse para o presente; ele era tão mais novo, e ela sabia disso, e ele não. Como falaria com ele depois disso? Como...? E também uma repulsa profunda porque Peter talvez tivesse...

– Não – ela disse. – Isso... por que me contou isso?

– Você pediu – disse Logan.

– Então é melhor trazer a Kate de volta – disse Kitty. – Rachel devia... – Ela gaguejou, percebendo que estava prestes a argumentar o exato oposto do que vinha argumentando um segundo antes. – Como é que eu faço para lidar com isso?

– Boa pergunta – disse Logan.

– Muito boa pergunta – disse Peter. – Não sei o que dizer. Espero muito que dê certo, que a gente sobreviva, e você volte pra casa. Daí o que vai acontecer no passado... o seu futuro... vai acontecer ou não. Talvez a gente mude alguma coisa, talvez mude tudo, talvez não mude nada.

– Nossa – disse Rick. – Que profundo.

– É fácil pra você dizer isso – Kitty protestou. – Não é você que tem que voltar.

– Mas você sim. E é por isso que não queremos que entre em combate. Se você acabasse morrendo, Deus me livre, você não só morreria como não saberíamos o que poderia acontecer com Kate.

Pela primeira vez na vida – claro que ela não conhecia ele havia tanto tempo assim –, Kitty viu medo no rosto de Peter. O homem estava quase chorando.

– Ei – disse ela. – Se a minha outra eu... minha eu do futuro, ou eu no futuro... se ela escolheu você, fez uma ótima escolha. – Ela hesitou. – Não

que eu vá escolher. Hã...

- Que tal mudarmos de assunto, hein? – Ororo sugeriu.
- Algo do tipo como planejamos ficar vivos na próxima hora – disse Logan.
- Nem todos, claro – disse Rachel. Tinha ficado ainda mais pálida depois dos vinte minutos sendo carregada por Peter.

Com uma pontada doentia de medo, ocorreu a Kitty que Rachel poderia ficar fraca demais para mandá-la de volta quando chegasse a hora. Mas não disse nada. Era questão, ela entendeu, de vida ou morte – e não só para eles. O que quer que acontecesse a esses cinco X-Men, esse destino seria escrito na história de toda a humanidade.

Era hora de pôr pés no chão e fazer o que era preciso. Mas havia mais uma coisa que Kitty não conseguia tirar da cabeça.

– Se Rachel não pode lutar, e vocês não querem que eu lute – disse ela –, não precisamos do Magneto?

- Adoraria *tê-lo* aqui – disse Logan. – Ir buscá-lo, nem tanto.
- Mas isso não está certo – disse Kitty. – Ele ajudou todo mundo a escapar. Não podemos sair e largá-lo pra trás.

Logan aproximou-se e encarou a colega bem de perto.

– Como assim, não podemos? Não temos escolha. A não ser que queira se entregar, talvez, e possa se acostumar a viver no campo, do jeito que sua versão do futuro fez. Que acha disso, Kit-Kat?

– Logan, você tem que se lembrar de que está falando com uma garota de 13 anos – disse Ororo.

– Quer saber como era quando eu tinha treze? Pode ter certeza que ninguém ficava amenizando nada pra mim – disse Logan. – E, de qualquer modo, a gente não sabe se o cara está vivo. Supondo que ele não tenha sido detonado depois que caiu da cadeira, e supondo que se lembrou de como usar todos os poderes dele, e supondo que não estava velho demais para lutar... talvez esteja vivo. Se estiver, ele sabe o plano. Vai vir pra cá ou não vai.

– Ok... quer ser durão? Também sei ser durona – disse Kitty. – Se não quiser ir procurar o Magneto, vou eu.

– Não prometa o que não pode cumprir, menina – disse Logan. – Você nem sabe o caminho.

– Eu sei ler um mapa – disse Kitty. – E sei chegar ao Bronx. E de lá posso encontrá-lo.

– Antes ou depois que os Rogues te encontrarem?

– Não tô nem aí. Vou nessa.

Logan agarrou-a pelo braço, mas Kitty se desmaterializou e se soltou.

– Não, Kitten! Os Sentinelas! – disse Ororo.

– Droga, ela usou os poderes. Agora temos que vazar. – Logan cuspiu no chão do túnel. – *Hunf*, crianças. Escuta, menina. Vou ser direto para podemos sair daqui antes que o teu ataque de frescura mate todos nós. A Rachel não vai viver o bastante pra te mandar pra casa se você for atrás dele. A verdade é essa.

– Não tô nem aí – Kitty repetiu, embora se importasse sim.

Importava-se com isso mais do que qualquer outra coisa. Se Rachel morresse, Kitty Pryde nunca veria seu próprio corpo crescer. Nunca mais veria os amigos. Provavelmente morreria em algum momento dentro das 24 horas seguintes, morta por arma de Sentinel ou explosão nuclear. Importava-se sim.

E se preocupava com essas versões abatidas, cínicas e condenadas de seus amigos o bastante para sentir-se mordida de culpa por ter usado os poderes. Todos olhavam para ela, esperando que ela – a menina, a adolescente, a inconstante, a que tinha ataques de frescura – se recompusesse.

Então ela o fez.

– Desculpe – disse. – Foi sem querer... vocês sabem.

– O problema não é querer. O problema é que já foi – disse Logan.

– Eu sei, eu sei – disse Kitty, miserável, e então Rachel entrou no meio e disse:

– Dá um tempo pra menina, Logan. Também estou fazendo o mesmo... usando meu poder para me sustentar.

– Rachel, pare agora. Falo sério – disse Tempestade.

– Não posso – disse Rachel, balançando a cabeça. – Se eu parar, vão estar carregando um defunto quando chegarem no final deste túnel.

– Talvez sim, talvez não, mas se você continuar, vamos todos ser defuntos para alguém carregar.

– Não acho – disse Rachel. – É só o meu corpo falando consigo mesmo. Sou bem discreta quando tenho que ser.

– Está vendo? – disse Kitty. – Também sei ser discreta. Olha pra gente! Perdemos Franklin. Não teremos Rachel por muito tempo. Não acham que podíamos usar o Magneto nessa batalha? Ou são teimosos pra cacete e não querem me escutar porque sou criança?

– Olha essa boca, Kitten, ou Pete vai ter que lavar com sabão.

– Odeio ter que dizer isso – disse Ororo –, mas Logan tem razão.

– Ororo – disse Kitty. – Achei que...

– Escute. Você tem razão quanto a precisarmos de Magneto. Está certa também quanto a estarmos todos exaustos. Está certa quanto a ir até ele ser o mais ético a fazer, e que vai pesar em nossa consciência coletiva pelo resto de nossas vidas se não voltarmos para salvá-lo. Mas escute de novo essas palavras: *o resto de nossas vidas*. Quanto tempo vai ser isso se não destruirmos o edifício Baxter? E temos forças para enfrentar toda a tropa de Sentinelas no Bronx? Podemos sobreviver a isso e voltar para cá a tempo de evitar o ataque de mísseis da Europa? Não, Kitten, não podemos. Então, o único jeito de salvarmos Magneto é entrar lá e destruir o sistema central dos Sentinelas no edifício Baxter. Assim que isso for feito, tudo mais se torna possível; enquanto não for feito, não podemos fazer mais nada.

– E temos que fazer isso já, antes que os Sentinelas descasquem o teto deste túnel – disse Logan. Os soldados do ECL olharam para ao alto, preocupados.

– Não está certo isso – disse Kitty.

– Assim que pudermos, vamos buscá-lo. Se ele ainda estiver vivo.

Kitty assentiu. Entendia o ponto de vista de Ororo, e o de Logan, embora odiasse admitir. E fizera uma bobagem, se desmaterializando daquele jeito. Estava perdendo a cabeça – e se não se recompusesse, um monte de gente seria morta. Saber que Rachel também estava violando a regra de não usar poderes a fazia se sentir um pouco melhor – mas só um pouco.

Ela se perguntou o que Magneto estaria fazendo naquele momento, se é que estava vivo. Era preciso admitir que isso era bem pouco provável. Todos aqueles Sentinelas contra um homem só...

– Vamos, então – ela disse.

– Já era hora – disse Logan, e começou a caminhar para o oeste.



Era um equívoco, pensou Magnus, achar que os poderes dos mutantes não tinham limites. Essa ideia, de que os mutantes eram máquinas incansáveis em vez de pessoas que ficavam exaustas, descuidadas, tristes – isso contribuía para a desconfiança e o medo que muitos não mutantes sentiam desse grupo. Ele sabia disso porque o ouvira pessoalmente de pessoas que odiavam os mutantes, de demagogos a agitadores bem-intencionados, todos convencidos de que uma pequena mudança no genoma de um mutante significava que de algum jeito nenhuma das regras do mundo natural se aplicava mais. As perguntas que faziam... Você dorme? Precisa se alimentar? É indestrutível? E daí por diante.

Ninguém se importava em saber como era ser literalmente um em um milhão, marcado do restante da sua espécie por uma habilidade específica, única. Todos ficavam boquiabertos com a diferença, mas ninguém queria ser diferente. Na verdade, não. Queriam usar roupas diferentes, portar-se de modo diferente, colocar desenhos diferentes na pele – mas a diferença *mesmo* estava além, e por isso quem era realmente diferente era como... bom, como um deus. E isso, Magnus admitia, era uma ilusão que mutantes demais concordavam em partilhar.

Mas não era esse o caso. Mesmo quando esteve no auge, ele se lembrava de ter sentido a derrapagem – quando sua mente e seu corpo ficavam cansados da batalha, e até sua força de vontade começava a se entregar. Ele não estava nesse ponto agora, mas também não estava tão forte quanto um dia fora. Era um velho; o aniversário de cem anos tinha passado fazia tempo – comemorado com uma única vela num raro pedaço de pão fresco, com Peter improvisando a letra em russo de “Parabéns pra você” e todo mundo batendo palmas num momento evanescente de alegria. Era algo de que jamais se esqueceria, aquele momento.

Mas era passado. E ele estava cansado. Era um velho, de poderes diminuídos, e estava cansado demais até para se levantar do chão. Uma última tarefa apresentava-se à frente dele, e ele não sabia se conseguiria se recuperar rápido o bastante para executá-la.

Magneto tinha motivo para a fadiga. A tropa de Sentinelas do Centro de Internação de Mutantes do Sul do Bronx fora reduzida a migalhas. Alguns tinham sido explodidos em pedaços quando ele forçou os componentes individuais dentro deles a repelirem uns aos outros. Outros implodiram quando ele aumentou a atração desses mesmos componentes. Desmembrara um Sentinel no momento de decolagem, latindo avisos e ameaçando trazer reforços.

Magneto esperara vinte anos para libertar sua fúria contra os Sentinelas. Tinha sido um bom começo, mas ainda não estava satisfeito.

As cercas do campo haviam sumido. Ele as tinha usado para enrolar os Sentinelas, que agora jaziam incapacitados nas ruas ao redor do campo. Ele era o último mutante dentro do Centro de Internação de Mutantes, mas não a última pessoa. Mais de 90% dos internos ali eram criminosos e excluídos não mutantes, presos oficialmente numa instituição paralela chamada amenamente de Centro de Processamento do Sul do Bronx. Esses criminosos desataram uma revolta em ampla escala – saqueavam e destruíam as instalações do campo, matando seus funcionários.

Magneto não fez nada para impedi-los. Não tinha simpatia por aqueles que tinham escolhido trabalhar com os Sentinelas. Qualquer prisioneiro de Auschwitz teria feito o mesmo com ele durante seus dias de *Sonderkommando*, e teria sido tudo completamente justificado.

Outros humanos escaparam em vez de ficar por ali para se vingar. O fogo ardia, as pessoas gritavam. Grupos corriam daqui para lá no campo aberto, carregando equipamento e sabe-se lá o que mais das instalações do campo.

Um bando de revoltosos o viu, arrastando-se pelo chão.

– Ei, olha lá, o mutuna da cadeira de rodas está sem a cadeira – disse um deles. Da mão direita dele ainda pendiam pregos retorcidos de dois por quatro, ainda fincados no ponto de onde foram retorcidos para serem soltos da estrutura qualquer da qual antes eram parte.

Com um movimento curto do punho, Magneto meteu os pregos na testa do homem. Ele soltou uma exclamação sibilante, mordeu a língua e desabou no chão.

Magneto virou-se para os outros.

– Eu os libertei – disse. – Mas, se preferirem, posso matá-los aqui. Não faz diferença alguma para mim. Decidam já.

Os homens correram de volta para a fúria da rebelião.

A noroeste, Magneto viu as chamas de propulsores do Sentinel. Reforços. Eles chegariam antes que ele tivesse terminado, mas esse problema podia esperar. Havia mais uma tarefa a completar antes de poder deixar o campo de uma vez por todas.

Ele se arrastou para mais perto das ruínas flamejantes do centro de comando do campo. Quando chegou mais perto, usou a estrutura de metal para atrair-se, acelerando seu progresso. Ele passou por dentro do centro de comando, sem gastar a energia que teria sido necessária para levitar magneticamente – precisaria de cada erg e joule mais tarde. Em vez disso foi se puxando ao longo do piso frio e liso até a instalação médica.

Lá ele encontrou uma mesa cirúrgica de aço brilhante. Com um aceno, descascou uma porção dela e moldou no formato de sua cabeça. O objeto ficou pairando no ar, enquanto ele o girou até resolver que serviria. A cor estava errada, mas não era hora de se preocupar com a estética. Ele estendeu a mão esquerda para o conjunto de computadores e instrumentos de diagnóstico alinhados numa das paredes da sala de exames. Eles começaram a se desmontar, soltando parafusos e partindo soldas. Depois juntou os fios, arranjando-os na face interior do capacete, selando-os ali. Uma segunda camada de folha de metal da mesa de exames formou o interior do capacete.

Ele o trouxe para si e sentiu seu peso frio nas mãos. Quando o colocou, abriu um sorriso no rosto.

Isso, pensou. O destino final deste futuro ainda está para ser determinado.

Havia material suficiente na superfície da mesa para separar em faixas. Ele trabalhou essas faixas para caber direto nas solas de suas botas, com pedaços menores moldados dentro dos filamentos de seu macacão de interno. Quando concluiu, estava exausto. Não usava os poderes fazia quase vinte

anos, e sua concentração lhe falhava. Mas havia outra tarefa, muito maior, ainda por ser realizada. Não podia descansar ainda.

Magnus fechou os olhos, sentindo o fluir e avultar-se desta que é a mais íntima das forças universais: o eletromagnetismo. *Sim*, pensou ele. *Finalmente*.

Então Magneto ergueu-se do chão. Gesticulou para cima, e as vigas de ferro que sustentavam o teto ergueram-se, rasgando-o e expondo um céu grosso de tanta fumaça. Ele içou-se acima do prédio destruído e viu dois Sentinelas, os primeiros reforços, ocupados na tarefa de aniquilar os revoltosos. Ele os pegou e os ergueu no ar, repelindo-os da Terra.

Segurou-os por um momento, enquanto o reconheciam.

– Mutante 067... – começou um deles, mas não deixou que terminasse.

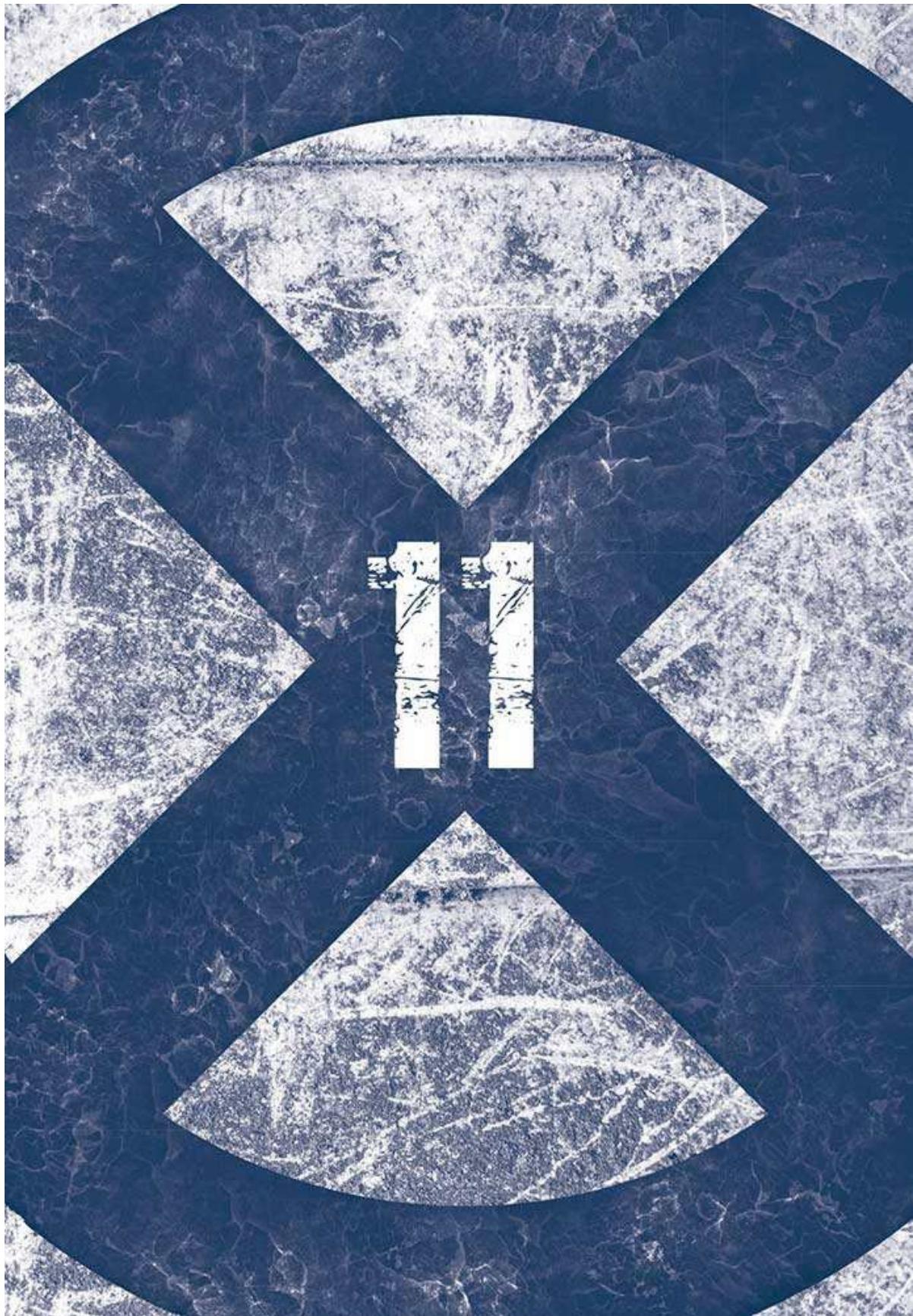
– Magneto – ele corrigiu. E tornou a dizer, mais alto: – *Magneto!* – E fez os dois Sentinelas colidirem juntando os braços. Ele repetiu seu nome e martelou os robôs um no outro até que o solo abaixo foi coberto pelos pedaços quebrados da armadura deles. Os dois Sentinelas ficaram pendurados, largados, pendendo preguiçosamente no ar de fios invisíveis de força magnética.

– Nunca mais – disse Magneto, e os deixou cair.

Ele saiu flutuando por sobre o pátio devastado do campo. Viu o que tinha feito e achou bom. O trabalho, contudo, ainda não estava completo. E quanto mais tempo ficasse ali, mais Sentinelas viriam.

O edifício Baxter, pensou. *Talvez eu não consiga andar. Talvez não ande nunca mais.*

Mas agora, mais uma vez, podia voar.



DENTRO DO HORÁRIO, o Pássaro Negro aterrissou num aeroporto particular nos subúrbios da capital. Warren Worthington, o Anjo, estava lá para encontrarse com eles com um helicóptero, e dez minutos depois o grupo desembarcava deste num heliporto particular instalado em uma das muitas coberturas do mutante. Todos usavam roupas de civis, sem querer atrair atenção para si – embora Anjo, com o rosto de estrela de cinema e a imensa riqueza, não pudesse evitar chamar atenção aonde quer que fosse. E isso, mesmo sem que a pessoa reparasse nos quase cinco metros de asas que lhe conferiam seu codinome.

De acordo com Anjo, Charles Xavier já estava na sala de audiências do Senado, aguardando pelo início dos procedimentos. Anjo vinha monitorando a atividade do Clube do Inferno e ajudando Xavier e Moira MacTaggert a se prepararem para a audiência no Senado.

– Emma Frost e o Clube do Inferno ainda estão atrás de Kitty, caso vocês estejam se perguntando – disse ele. – Sabem como é Emma; quando alguém lhe diz não...

– O Clube do Inferno é um incômodo, Warren – disse Ororo. – Temos problemas mais sérios no momento. Leve-nos à audiência. Vou te atualizando no caminho.

Inicialmente, como o resto deles, Anjo não acreditou na história.

– Ela está traumatizada – disse, apontando para Kate. – Xavier vai dizer o mesmo quando chegarmos lá. Depois comentará que há problemas que podemos resolver sozinhos... sem ir sempre atrás dele em busca de conselho. Então que tal resolvemos isso sozinhos?

– Claro. Vamos fazer isso – disse Kate. – Então, quando os Sentinelas te matarem, em 2021, vou poder sentir outra vez o cheiro das suas asas queimando.

– Ela está passando por uma fase gótica? – Anjo perguntou a Ororo.

– Eu estou bem aqui, Warren. Pode falar comigo como se eu fosse uma garotinha assustada se quiser, mas três horas atrás, segundo meu relógio

interno, eu estava levando a última parte do Obstrutor para dentro do campo, e Logan tinha acabado de salvar a minha vida dos Rogues. Passei pela sua lápide a caminho do alojamento. Pode zombar de mim quanto quiser.

Ele a fitou, depois Logan, e novamente Ororo.

– Bom, ela está falando sério. Acho que o mínimo a fazer é tentar chegar à audiência antes de tudo começar, assim Xavier pode dar uma olhada na cabeça dela.

Os mutantes entraram numa limusine que os aguardava em frente ao edifício. Anjo informou o destino ao motorista, depois subiu a janela divisória.

– Depois que falarmos com o professor, você pode me pedir desculpas – disse Kate.

– Pelo quê? – perguntou Warren.

– Por não acreditar em mim.

– Não sei não, Kitty. Mesmo que sua história seja verdade, o que duvido, você não pode esperar que eu peça desculpas por ser racional.

– Racionalize isso aqui, então – disse Ororo. – Havia um Sentinel na Max-X. Alguém anda brincando com os receios do senador Kelly para convencer as autoridades a empregar novamente os Sentinelas. Isso seria sinistro até mesmo se não tivéssemos a história de Kitty com que nos preocupar.

– Concordo – disse Warren. – Vamos lidar com isso. Mas não tenho que acreditar em contos de fada de trocas de mentes e viagem no tempo para saber que o Clube do Inferno e os Sentinelas são uma ameaça. Já temos problemas suficientes sem acreditar em qualquer história maluca que venha junto.

Logan não dissera uma palavra sequer desde o pouso do Pássaro Negro, mas agora disse:

– Você vai ver, parceiro.

– É mesmo? Ela convenceu até você?

– Não totalmente. Mas o bastante para pensar que é melhor chegarmos logo a essa audiência.

Warren olhou para Kurt.

– E você, *mein freund*? Não acredita nisso, não é?

– Acredito – disse Kurt. – Acho que você também acreditaria se tivesse visto a mudança nela quando aconteceu.

Warren tinha acesso a um estacionamento restrito, ou pela própria influência ou pelo fato de Xavier estar na lista de testemunhas. O grupo saltou da limusine e entrou por um posto de segurança bem longe das áreas públicas do edifício – exceto por Logan e Kurt, que preferiram ficar longe do olhar dos espectadores. O grupo parou no saguão para assistir aos procedimentos introdutórios num monitor interno.

A câmara estava lotada, como sempre acontecia em audiências sobre questões que provocavam agitadores. Audiências sobre política eram conduzidas perante plateias aborrecidas de repórteres e politiqueiros. Mas bastava mudar o tópico para problemas sociais, e bocudos largavam de lado sua carpintaria para entupir a galeria e interromper os procedimentos com slogans ensaiados.

Para essa ocasião, manifestantes antimutante juntaram-se aos montes na galeria, portando placas e esbravejando num volume pouco abaixo do nível que os faria serem expulsos por conta das regras do Senado. Essas regras eram um tanto arbitrárias, mas o grupo antimutante parecia ter ensaiado sua postura – ou quem sabe os funcionários do Senado tinham certa simpatia pelo ponto de vista antimutante.

A câmara de audiências era um espaço retangular emparedado em três lados por galerias. No quarto lado, uma mesa comprida sobre um estrado corria ao longo da parede, de frente para outra mesa longa colocada em frente à primeira fileira de assentos da galeria. Sentados à mesa erguida havia dez senadores – os membros do Comitê Especial do Senado para Segurança Super-humana – e uma única cadeira vazia que pertencia ao senador Robert Kelly. Este perambulava pela câmara, imponente por todo o seu valor.

Na mesa das testemunhas, Charles Xavier e Moira MacTaggert aguardavam enquanto ele fazia seus comentários introdutórios. Xavier estava como de costume, contido, impecavelmente vestido, sem uma gota sequer de suor na cabeça sem cabelos mesmo sob as luzes incandescentes de uma dezena de equipes de TV. Ororo reconheceu o cobertor verde, favorito dele, cobrindo-lhe as pernas. Moira, igualmente serena, estava sentada ao

lado dele, usando o terno bem cortado de uma aristocrata e o corte prático de cabelo de uma pesquisadora que precisava manter as madeixas longe das amostras. Ambos mantinham-se impassíveis, mas Ororo tinha certeza de que, se tivesse os dons telepáticos de Xavier, estaria ouvindo uma porção de comentários nada lisonjeiros sobre o senador.

– Estamos reunidos aqui para tratar de uma questão de importância crítica nacional e internacional – Kelly dizia. – Não é uma caça às bruxas, mas sim, esperamos e rezamos por isso, uma busca pela verdade. Muito de nosso mundo mudou. Enfrentamos situações e ameaças jamais sonhadas pelas gerações anteriores.

Kelly andava ao falar, posicionando-se para direcionar partes do discurso para cada uma das três galerias enquanto mantinha o rosto visível para pelo menos uma câmera de TV o tempo todo.

– Uma dessas mudanças foi o aparecimento do famigerado *Homo superior*. – Essas últimas palavras ele disse mais demoradamente, deixando clara a desaprovação, e respirou fundo depois, antes de continuar. – Mutantes! Carne da nossa carne, sangue do nosso sangue, entretanto possuidores de poderes e habilidades que os destacam, e alguns, inclusive os próprios mutantes, diriam que os *faz sobressair*, do restante da humanidade. Entre nossas testemunhas de hoje está o professor Charles Xavier, mundialmente renomado *expert* em genética e defensor indelével dos mutantes, inclusive de seus protegidos, conhecidos como os X-Men. Temos também a doutora Moira MacTaggert, da Universidade de Edimburgo, cujo trabalho em genética humana e em mecânica da mutação genética ganhou, merecidamente, penso eu, o prêmio Nobel. Doutores Xavier e MacTaggert, muito obrigado por terem vindo.

– Muito prazer – disse Charles.

– Estou feliz de estar aqui – disse Moira, embora a expressão sugerisse precisamente o oposto.

Houve um rebuliço na galeria quando diversos X-Men entraram. Ororo, Peter, Kitty e Warren foram até um bloco de assentos reservados como cortesia para amigos e apoiadores dos chamados para testemunhar. Alguns dos manifestantes antimutante os reconheceram e murmuraram uma

corrente de maldizeres, um pouco abaixo do volume que teria atraído os guardas do Senado.

Warren foi o primeiro a entrar. Ororo acreditava que a fama e o perfil fotogênico do rapaz atrairiam mais atenção do que o resto do grupo, colocando a equipe toda na melhor apresentação possível. Atitude cínica, talvez, mas ela vinha aprendendo que cuidar da imagem dos X-Men perante o público era, de certo modo, mais importante para a sobrevivência deles do que opor-se à Irmandade.

Ou pelo menos isso valera até esse dia, caso Kate Pryde estivesse falando a verdade. Quanto a essa questão, Ororo ainda estava em dúvida. Tendia a acreditar em Kate, mas também tinha aprendido fazia muito tempo a confiar nos instintos de Logan. Estava em conflito.

Logan não estava na audiência. Nem Noturno. Nenhum dos dois, principalmente Kurt, ofereciam o que os profissionais das relações públicas chamam de boa imagem. Kurt ainda estava no carro de Warren, na garagem, esperando para ser chamado caso precisassem dele. Logan achou que seria mais útil patrulhando os arredores, de olho em possíveis ameaças – seu velho instinto de lobo solitário mostrando os dentes de novo. Devia estar atento para ver se farejava a Irmandade, vendo se avistava algum deles em meio à multidão.

Todos, inclusive os câmeras treinados para identificar rostos de celebridades, reconheceram Warren. Sua combinação de beleza, dinheiro, perfil e asas o tornara uma das pessoas mais reconhecíveis do país – não que ele se importasse, ou que o admitisse. As equipes de TV mudaram de posição para poder cobrir Warren e a sala de audiência de uma só vez. Um repórter se aproximou e meteu o microfone no rosto dele.

– Não posso falar agora – disse Warren, com um sorriso de desarmar. – Quem sabe depois do fim dos trabalhos. Só viemos assistir, como todo mundo.

Como todo mundo, pensou Ororo. Tirando o fato de termos informações que ninguém mais tem. Quantas pessoas na galeria celebrariam a ideia de um futuro sem mutantes? Mais do que as que tomariam uma atitude para impedir, disso ela sabia. O senador Kelly até que era um ser humano razoável,

mas era motivado pelo medo, e pessoas motivadas pelo medo fazem escolhas inadequadas. Num mundo no qual os mutantes eram um a cada mil humanos, essas escolhas da parte de não mutantes podiam ter consequências devastadoras, ainda que não intencionais.

Às vezes Ororo acreditava que talvez os X-Men tinham que ter escutado mais o Magneto. Não concordado – escutado. Os mutantes não deviam querer conquistar os não mutantes, mas é certo que havia momentos em que não faziam muito para se defenderem.

Eles contavam que Xavier faria exatamente isso. Sempre contaram com ele. Se ele não pudesse defendê-los, estariam todos fadados ao status de párias – e isso levaria à distopia homicida que Kate descrevera para eles naquela manhã.

Ororo viu Xavier desviar o olhar do discurso de Kelly, voltando-o na direção dela, como se a tivesse escutado pensando nele. Então ela sentiu o toque dele, gentil, mas firme, em sua mente. *Ororo. Está tudo bem no Novo México? Sua ansiedade chegou antes de você na sala.*

Houve desdobramentos urgentes desde que nos falamos pela última vez, professor. Levaria um tempo para resumir.

Abra sua mente para mim, então. Permita que eu veja suas experiências. Só preciso de um momento.

Ororo não gostava de deixar que entrassem em sua mente, nem mesmo Xavier, mas não via modo melhor de lidar com a urgência da situação. *Sim*, disse ela.

Ela sentiu a presença de Xavier, brevemente, mas o suficiente para causar-lhe um incômodo na mente e no estômago. Logo ele se retirou, deixando para trás uma sensação duradoura de choque, apreensão e curiosidade. Ororo olhou para a esquerda, onde Kitty estava sentada, entre ela e Peter. Warren estava do outro lado, assentado de modo que receberia boa parte da atenção das câmeras.

Os olhos de Kitty – Kate – se escancararam, e os músculos ao redor da boca ficaram tensos quando Xavier anunciou-se dentro da mente dela. Um momento depois, ela olhou ao redor por reflexo – do modo que um não telepata quase sempre fazia quando um telepata se retirava, como se o

cérebro não pudesse processar a ausência sem relacioná-la a uma pessoa que estava por perto.

Kate estendeu a mão e pegou a de Ororo. Esta aceitou.

– Ele não vai te machucar. Você sabe disso.

Ela fez que sim.

– Mas é aqui que tudo vai acontecer. E não sei quão bem meu corpo... este corpo... está treinado, o que ele pode fazer... espero que eu esteja a par do que for requerido de mim. – Então ela se aproximou um pouco mais. – E também essa situação está me deixando louca. Não contei ao Peter ainda que somos casados no futuro. Toda vez que olho pra ele, tenho uma sensação horrível, como se nunca mais fosse ver o meu Peter.

– Shhh – disse Ororo. Não para silenciar Kate, mas para acalmá-la.

A mente de Xavier acendeu dentro da dela mais uma vez. *Kitty acredita nessa história, disse ele. E não consigo encontrar sinal algum de que ela foi manipulada para contá-la.*

– Alguns de seus X-Men estão, de fato, presentes nesta audiência, não? – dizia o senador Kelly. Ororo olhou ao redor da sala, imaginando de que direção viria o ataque. Havia policiais por todo canto; ela supôs que haveria também presença significativa de agentes disfarçados do Serviço Secreto.

Qualquer um deles podia ser Mística. Para piorar as coisas, ela não sabia quem mais Mística teria recrutado para sua nova iteração da Irmandade – a não ser por Blob, que obviamente não estava no local.

Xavier seria capaz de encontrar Mística, no entanto – e não dissera nada sobre ter detectado a presença dela. Teria ela, de algum modo, se escondido da sonda psíquica dele, ou teria mudado de planos?

Ou teria a projeção psíquica de Kate Rasputin, ao voltar no tempo, obstruído já essa linha temporal, alavancando consequências para as quais eles não podiam se preparar? Bastava a viagem no tempo ser injetada numa situação para tudo mais ficar loucamente incerto.

– Estão – disse Xavier. – Eu vejo quatro deles: Piotr Rasputin, Katherine Pryde, Ororo Munroe e Warren Worthington.

– Mais conhecidos como... – Kelly fez que consultava suas notas e ergueu fotos de cada X-Men em uniforme enquanto falava. – Colossus! Sprite!

Tempestade! E Anjo! Nomes fortes. De onde vêm esses nomes, afinal?

– O próprio grupo nomeia uns aos outros. Como imagino que faz a maioria dos grupos, independente das peculiaridades genéticas de seus membros.

Kelly sorriu.

– Claro. Espero, professor Xavier, que a presença desse grupo não intente demonstrar... força, talvez?

– Eles estão aqui, assim como eu, para falar claramente em prol de uma população em geral incompreendida, e infelizmente também frequentemente demonizada – disse Xavier.

Ao mesmo tempo, na mente de Ororo, ele perguntou: *Acredita nela?*

Acredito.

Eu também. Prepare-se, Ororo. Não receio ataque algum contra mim, mas se o senador Kelly morrer hoje – por mais demagogo que possa ser –, esse futuro sombrio de que Kate se lembra pode muito bem vir a ocorrer.

Kelly prosseguia.

– Doutora MacTaggert.

– Sim, senador Kelly. Por favor. Explique-me a necessidade dessas audiências, porque francamente eu não a vejo.

Ororo entendeu o que ela fazia, assumindo o papel do ente agressivo para fazer Xavier parecer mais razoável e simpático.

– A necessidade – respondeu o senador – é simples. – Ele se voltou para a galeria, inclinando-se para os manifestantes antimutante. – Só imagino se, num mundo com seres como o Doutor Destino, como Magneto, como o Quarteto Fantástico... esses nomes! Os Vingadores! Num mundo assim, com esses e Deus sabe quantos mais como eles... eu só me pergunto se há lugar para homens e mulheres comuns.

– Claro que há – disse Moira. – Tem lugar para qualquer um que escolha obedecer às regras de nossa sociedade civil coletiva.

– Sim – disse Kelly, assumindo uma pose pensativa. – Pergunto-me se o primeiro Cro-Magnon disse algo similar ao último Neanderthal.

Ororo. Kate está totalmente certa de si e de suas lembranças recentes... digamos que elas sustentam a história. Devemos agir como se a informação estivesse correta e nos preparar para um ataque da Irmandade.

Tempestade levantou-se, e os outros acompanharam, seguindo-a pela fileira até o saguão.

- Warren, Kurt e Logan ainda estão no seu carro?
- Que eu saiba, sim – disse ele. – Mas quando é que eu mandei em algum desses dois?
- Kitty, vá lá e traga-os aqui – disse Ororo. – Agora.



– Que pergunta fascinante e inflamatória, senador – disse Moira. O sorriso de Kelly ficou só um pouco mais predatório.
– Inflamatória? A presença de vigilantes de uniforme entre nós, que podem voar ou virar aço, que são como demônios azuis ou monstros com garras... não acha isso inflamatório? Certamente inflamou as boas pessoas dessa galeria, que apareceram em tamanha quantidade para expressar sua insegurança. Que é, doutora MacTaggert, também a minha insegurança. – Ele fez uma pausa. – Professor Xavier, aonde foram seus X-Men? Por acaso têm medo de um pouquinho de escrutínio público?

– Quem sabe – disse Xavier, com um sorriso fino –, eles tenham sido chamados para cumprir uma tarefa importante.

– Chega de mutantes! – alguém gritou da galeria. Outros aproveitaram a deixa, e isso cresceu para um grito de guerra entoado por mais de cem pessoas. Kelly olhou ao redor, gesticulando sem muita vontade para o chefe do comitê martelar os procedimentos de volta à ordem. As câmeras o focalizaram. CHEGA DE MUTANTES. CHEGA DE MUTANTES.

Kelly tentava não sorrir.

As pessoas na galeria começaram a bater os pés. A arquibancada vibrava e tremia. Até mesmo quem não estava perto dos manifestantes antimutante olharam ao redor, alguns para o teto, conforme a vibração ficou mais forte. Os agentes do Senado e os policiais foram até os manifestantes e gesticularam, pedindo silêncio.

O tempo todo, as câmeras de TV sorviam tudo e mandavam em milhares de sinais para milhões de pessoas. Os sinais foram ganhando ruído conforme

aumentou o sacudir da galeria. Por toda a sala, os rostos dos senadores e espectadores foram demonstrando cada vez mais medo conforme reparavam que tanta comoção e tanto barulho não podiam ser causados somente pelos pés das pessoas batendo no piso. Era alguma outra coisa.

Quando essa ideia tomou conta das mentes de todos os presentes, a vibração chegou ao auge. Apareceram rachaduras numa das paredes da sala de audiências.

– Saim daqui, todo mundo! Fujam! – gritou um dos policiais.

Então a parede desabou. O barulho explodiu por toda a câmara, pontuado pelos gritos dos espectadores e dos feridos pelos destroços que voaram. A luz do sol inundou o local, cegando brevemente a maioria dos presentes – exceto os senadores, Xavier e MacTaggert. Estes estiveram sob o brilho das luzes de TV, então seus olhos ajustaram-se rapidamente à visão de cinco figuras paradas em meio aos detritos do desabamento.

– Perdoe a interrupção, senador Kelly – disse a figura do centro. As câmeras a amaram: vestido branco apertado sobre curvas atléticas, cabelo ruivo contra pele de um azul profundo. – Mas achei sua pergunta especialmente pertinente, visto que todos nós sabemos o que os primeiros Cro-Magnons fizeram aos últimos Neanderthais.

Ela deu um passo à frente, apreciando o pânico das centenas de espectadores – incluindo os manifestantes, apressando-se para deixar o mezanino, antes que ele desabasse –, que tropeçavam uns sobre os outros a caminho das portas.

– Eu sou Mística! – ela anunciou. – Meus colegas e eu somos a Irmandade de Mutantes. Somos o seu futuro, humanos. Resistam, e perecerão.

Mística! O nome foi propagado aos milhões – para sempre ser associado ao estrondo da parede desabada, aos gritos dos feridos e assustados, aos senadores chocados, boquiabertos à mesa, envoltos por nuvens de poeira. E ao lado dela, Avalanche, com manoplas e capacete, Pyro feito uma chama ambulante com seu traje vermelho e amarelo, e Blob metido em seu uniforme preto de luta romana. Também a silenciosa Sina, de capa azul, os olhos escondidos como se as visões do futuro pudessesem cegá-la para o presente. Quem testemunhara esse momento jamais o esqueceria.

– Ficou aí tagarelando sobre a ameaça mutante, Kelly – disse Blob. Mística rapidamente olhou para ele, mas o mutante a ignorou e foi abrindo caminho por entre os destroços até a câmara. – Viemos aqui te mostrar o erro que estão cometendo.

– Você ouviu o Blob – disse Mística. – Com seu jeito bruto, ele fala por todos nós. Ele é o objeto que não se pode mover; simboliza a força de nossa resolução. Também trouxemos o Avalanche. Mostre-lhes o que pode fazer!

Avalanche apontou para o piso de mármore; ele virou pó ao redor dos pés de Kelly, deixando-o preso num quadrado com as vigas do chão expostas até seis metros abaixo ao redor dele.

Antes que a multidão e as câmeras pudesse assimilar o que acontecera, Mística prosseguiu. Não queria dar-lhes chance de recuperar o fôlego. Quanto mais confusos estivessem, mais intensa seria a impressão deixada pela Irmandade – mesmo antes do ato final: a execução pública do senador Robert Kelly.

– Pyro! – ela chamou, como uma apresentadora de circo.

Pyro, com uma piscada maléfica, estalou os dedos. Jorros de fogo explodiram dos holofotes portáteis dispostos para as equipes de televisão. As chamas cresceram e se entrelaçaram, formando uma grande águia flamejante que plainou e flutuou por toda a galeria.

– Da Inglaterra, uma saudação ao símbolo da América – disse ele. A águia crepitou voando por sobre os espectadores. Mais deles fugiram. No chão, o professor Xavier recuou sua cadeira de rodas cautelosamente para longe da beirada rachada e instável do buraco que Avalanche abrira no piso.

– Como veem, o senador Kelly estava correto – disse Mística. – Temos mesmo habilidades e poderes que vocês nunca terão. Devem nos temer, porque por séculos vocês nos caçaram, oprimiram e difamaram. E mataram, quando puderam. Eu mesma perdi filhos por causa do ódio e do medo dos humanos. Mas agora, daqui para frente, as coisas serão diferentes. Nós somos a Irmandade de Mutantes, e não seremos coagidos!

Kelly, aturdido como todos os outros pela aparição violenta da Irmandade, finalmente recobrou a compostura.

– Isso... isso é... monstruoso! – ele gritou por sobre a barulheira. – Como vocês, monstros, ousam transformar o Senado dos Estados Unidos num campo de batalha? – Ele começou a avançar para Mística, mas parou na beirada de sua pequena ilha no meio do piso desintegrado. – Como ousam me ameaçar? Agentes, prendam esses... essas pessoas!

Blob riu.

– Kelly, ou você é o cara mais corajoso daqui ou o mais burro. De qualquer jeito, você morre hoje.

– Já falou mais do que devia, balofo – disse um agente que tinha contornado os destroços em torno do buraco de entrada da Irmandade. Ele pôs a mão no braço de Blob. – Você e seus colegas mutunas foram longe demais desta vez. Estão todos presos!

Blob olhou para a mão pousada em seu braço, depois para o agente. E estreitou os olhos.

– Cara, você tá falando com o Blob! – disse ele, e deu um tapa no agente tão forte que o pôs para voar por cima do buraco no piso, a meio caminho da ilha de Kelly. O corpo mole do agente bateu numa das vigas expostas e depois caiu, sumindo de vista.

– Ainda não tinha conseguido mostrar para as câmeras o que posso fazer – disse o mutante –, mas aqui vai a versão mais curta. Nada me move se eu não quiser me mover, e não tem força no mundo que possa me machucar. Alguém mais quer me testar?

Havia muitos outros agentes e policiais na câmara, garantindo que os civis saíssem pelas entradas de plateia. Mais ainda tinham aparecido atrás da mesa dos senadores, e foram guiando os políticos assustados e tentando alcançar Kelly.

– Não liguem pra mim – ele gritou. – Tirem esses caras daqui e os ponham na cadeia! Pra sempre!

A Irmandade, como um todo, entrou na câmara.

– Cadeia? – Blob repetiu. – Acabei de sair. E não vou voltar.

– Nenhum membro da mídia será ferido contanto que as câmeras continuem rodando – Mística anunciou. – A Irmandade quer que todos vejam isto.

– Vejam vocês me matando? – Kelly desafiou. – Terão orgulho disso?

– Terei quando tiver feito – disse Mística. – Mas já que vamos ter a última palavra, permitirei que fale a sua agora. Fale ao povo norte-americano. Diga-lhes mais uma vez como os mutantes devem ser odiados e temidos, e como devemos ser separados de todo mundo. Talvez colocados em campos e exterminados. É isso que você realmente quer, não é, senador Kelly? Vamos. Fale.

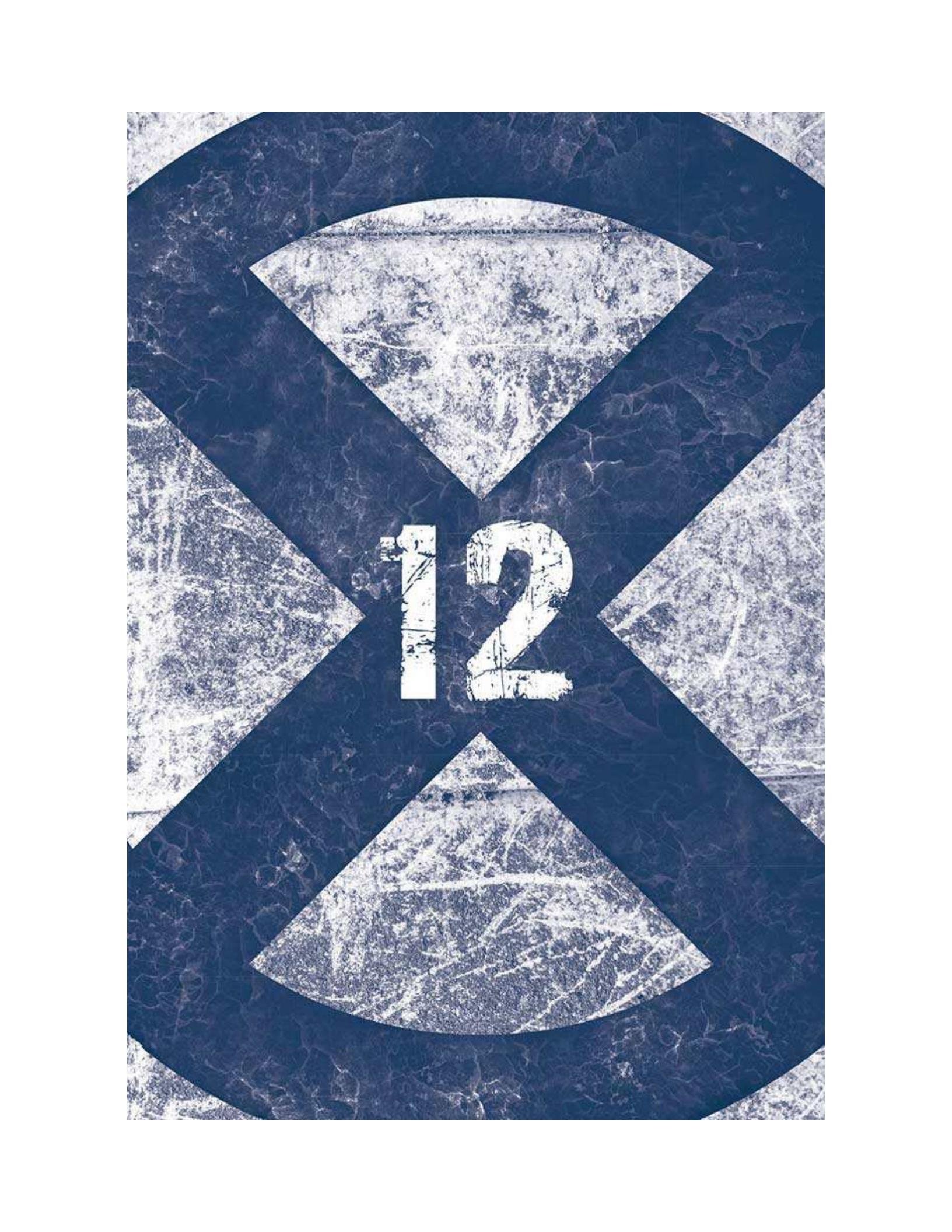
– Eles já viram o que precisavam ver. Você está provando que eu tenho razão. Se vão me matar, andem logo com isso. A história vai mostrá-los como os assassinos covardes que são.

– A história – disse Mística – é escrita pelos vencedores, não é? De agora em diante, os mutantes vão contar a própria história e controlar o próprio destino. Se morrer agora, sua propagação de ódio morrerá com você. – Ela acenou para Pyro. – Pode fazer as honras?

– Com prazer – disse ele. – Mas quem sabe não seria melhor um norte-americano dar esse golpe simbólico. Acho apropriado.

– Chega de falatório – disse Blob. – Eu faço.

Foi quando caiu o raio.



12

CONFORME DISCUTIDO, O GRUPO SE SEPAROU. Wolverine planejava levar Tempestade e metade dos soldados do ECL um bloco adiante para fazer uma volta ao sul, na Quinta avenida, e abordar o edifício Baxter na Rua 42. O resto dos guerrilheiros canadenses – inclusive Rick – ficou com Peter, Kate e Rachel, que estava cada vez mais fraca.

- Não vou aguentar muito mais tempo – disse ela.
- Tem que aguentar – Peter respondeu. – Aguente só mais um pouco, Rachel. Há mais sacrifícios para serem feitos hoje.
- Franklin – ela disse, a voz pouco mais que um sussurro.
- Isso, Franklin. Ele morreu por isso. Talvez você também morra. Mas ainda não, Rachel. Ainda não. Ainda precisamos de você.

Peter carregou-a pelo que restava do túnel. Eles passaram por uma porta de manutenção que dava para uma pista paralela que, segundo Logan, os levaria até uma estação de metrô com entrada diretamente do outro lado da rua do saguão principal do edifício Baxter. Todos tinham recapitulado o que se lembravam da planta do prédio, sabendo que os Sentinelas deviam tê-lo reformado para acomodar seu tamanho. Mesmo assim, supuseram que os andares superiores ainda seriam o laboratório e o centro de controle, porque uma das funções principais do edifício Baxter era coordenar comunicações entre todos os Sentinelas da costa leste. Os Sentinelas comandavam também os maiores arranha-céus de outras cidades, como Chicago, Atlanta, Houston e Los Angeles, e mantinham um amplificador de sinal no topo do prédio um do World Trade Center, mas o edifício Baxter era o centro nervoso. Ali, eles colocaram a tecnologia de ponta do Quarteto Fantástico para trabalhar para seus fins genocidas.

E lá, os X-Men estavam determinados a dar o golpe final. Se fracassassem, o dia seguinte veria uma chuva de ogivas sobre a América do Norte. E se isso não contivesse os Sentinelas, talvez mais ogivas fossem cair sobre Londres, Berlim, Moscou, Xangai, Tóquio...

Onde isso acabaria?

Não acabaria. A humanidade seria bombardeada até deixar de existir.

– Rachel – disse Peter.

Ela se mexeu e abriu os olhos.

– Ainda estou aqui – disse. – Mas posso sentir meu corpo se desfazendo, Peter. Não consigo...

– Consegue sim.

Peter pousou a amiga gentilmente na entrada da estação. Kitty o observava, e pôde entender por que se apaixonara por ele. Por que *ainda* se apaixonaria por ele. Como estaria sua versão adulta lidando com o fato de ver Peter, sabendo do passado deles juntos – bom, o passado dela e o futuro dele? Era tudo um tormento para todos. Ela tinha que voltar à sua época para que tudo fosse restaurado ao estado normal. Mas e se a Kate adulta tivesse sucesso? Isso desfaria esse futuro? O que mais seria desfeito? Quantas vidas futuras seriam salvas, e quantas perdidas?

Essas não eram questões com que um membro novato nos X-Men de apenas 13 anos de idade podia lidar. Kitty tinha que se focar no que estava à sua frente: este futuro. Este terrível futuro, à beira do apocalipse nuclear. Independente do que Kate Pryde fizesse no passado, certamente o futuro que suas ações gerariam não poderia ser pior do que esse.

Enquadrar a situação desse modo fez Kitty sentir-se melhor. Pelo menos um pouco.

– Esse é o perigo – disse Peter. – Você não pode se comunicar conoscoativamente, Rachel. Isso vai trazer Sentinelas para perto de você e de Kitty.

– Eu? – disse Kitty. – Eu vou com você.

– De jeito nenhum – disse Peter. – Você tem que estar aqui para quando chegar a hora de Rachel mandar você de volta.

– E quando vai ser essa hora, exatamente? – Kitty perguntou. – Posso lutar até lá. Você viu o que eu fiz. Posso feri-los. Faço parte da equipe.

– Sem dúvida – disse Peter.

– Então tenho que lutar.

– Se os Sentinelas chegarem aqui, lute. Se não, fique com Rachel. Ela não pode ficar sozinha.

– Ah, pare com isso – disse Rachel. – Eu vou morrer, Peter. Não importa se vai ter alguém aqui quando isso acontecer.

– Você pode mandar essa Kitten de volta ao passado se ela estiver atravessando as paredes do edifício Baxter? – Peter perguntou. Rachel não disse nada. – Foi o que eu pensei. Você tem que ficar aqui, Kitty, se quisermos ter alguma esperança de devolver você para sua época.

Ele se levantou. No cruzamento entre a avenida Madison e a Rua 42, um Sentinel estava de guarda na entrada do prédio.

– São quase três horas – disse o mutante. – Hora de ir.



Peter cruzou a Madison, até a esquina em frente ao saguão de entrada, e ficou esperando pelo aviso de que Tempestade e Logan estavam a postos. Era possível ver outros Sentinelas patrulhando o entorno da Grand Central e mais adiante, ao norte e ao sul. A fuga do grupo provocara uma operação de busca em larga escala, mas os Sentinelas não preveriam um ataque ao edifício Baxter mais do que um elefante preveria que um rato o atacasse na jugular. Peter lera que os elefantes têm medo dos ratos por causa da possibilidade de que um deles lhe suba pela tromba. Seria um grande incômodo. Mas se o rato ficasse preso na tromba de um elefante, isso sim seria um problema sério.

Os X-Men esperavam conseguir enfiar o rato na tromba do elefante. No centro de comando dos Sentinelas, planejavam entupir o equipamento de comunicações e vigilância que permitia ao Sentinel-elefante respirar. Se desse certo, a besta viria abaixo. Se não, os mutantes seriam esmagados sob sua massa invencível – e toda a América do Norte junto deles.

Peter virou aço, mas apenas mentalmente. Reservava a transformação física para mais tarde – para a inevitabilidade de matar. Era o que mais odiava na vida, mas seus princípios eram irrelevantes dado o que estava em jogo. Se tivesse que matar, mataria.

Do outro lado da rua, soldados do ECL estavam encostados na lateral do piso térreo do edifício Baxter, na Rua 42, fingindo ser transeuntes comuns.

Também aguardavam o sinal de Logan e Tempestade. Somente então abririam os portões do inferno.

Talvez alguns deles fossem sobreviver.

Mais importante, talvez o futuro sobreviveria por eles.

Exatamente às três da tarde, Peter olhou para o céu. Viu um relâmpago abrir-se em garfo por sobre o edifício Baxter. Um dos braços atingiu um conjunto de antenas e discos de satélite na cobertura do prédio. O outro foi até o chão, atingindo o Sentinel à porta do saguão e ricocheteando dele para toda estrutura condutora ali perto.

A moldura da porta de metal soltou faíscas. Dedos menores de eletricidade tamborilaram nas placas das ruas e em outros objetos de metal ao longo das calçadas. Quando dissiparam, o Sentinel desabou contra a parede, de cabeça baixa, soltando fumaça pelos olhos e outras juntas da armadura.

Dessa vez, Tempestade tivera tempo para se preparar.

Após passar para sua forma de aço orgânico, Peter correu para o norte, a fim de encontrar-se com Rick e seus colegas do ECL.

– Vão saber que estamos aqui – disse ele ao chegar às portas do saguão. Estilhaçou o vidro pesado e liderou o grupo do ECL a cruzar o saguão até um elevador privado no interior do edifício. Antes, era reservado ao Quarteto Fantástico; mas desde que morreram, ficara sem uso.

– Este é seu – Peter disse a Rick.

Rick foi até um pequeno objeto similar a uma lanterna. Ele o ativou e apontou o feixe de luz diretamente para um escâner ao lado da porta do elevador. Logan e o ECL tinham explorado o prédio exaustivamente e descoberto que o elevador era programado para responder a certo código de emergência acessível para os aliados mais próximos do Quarteto. Em seguida, eles pesquisaram o código num laboratório destruído da S.H.I.E.L.D. em Long Island e o programaram no pequeno aparelho. Agora, todos aguardavam, ansiosos, para ver se o elevador continuava funcionando. Se não, seria uma demorada escalada escadaria acima, e os Sentinelas teriam tempo suficiente para se preparar para a chegada deles.

As portas do elevador se abriram, e Peter soltou o ar, aliviado. Tanta coisa já tinha dado errado que foi bom ver uma aposta tendo bom resultado, para

variado. Ele e os seis soldados do ECL entraram no elevador. Peter apertou o botão do último andar. As portas se fecharam. Enquanto subiam 35 andares, tudo o que podiam fazer era esperar.



– Belo show, ‘Ro – comentou Logan.

Os dois admiravam os efeitos póstumos do relâmpago na cobertura. Componentes elétricos dos discos de satélite soltavam fumaça e faíscas. Algumas das antenas tinham tombado por sobre a beirada do telhado. Uma estação de controle e um transformador explodiram ao serem atingidos pelo raio, e as chamas queimavam brilhantes.

Todo Sentinel num raio de vinte quilômetros saberia que o edifício Baxter estava sob ataque. Para Logan, não seria problema. Quando os reforços chegassem, ele e Tempestade teriam acabado com o trabalho, ou com a própria vida.

– Isso é só o começo, Logan – disse Ororo. – Vamos indo. Não podemos deixar Peter sozinho.

Ela fechou os olhos por um momento e gerou um campo de eletricidade estática, obstruindo quaisquer sistemas de detecção e vigilância que sobreviveram ao primeiro ataque. Os Sentinelas já sabiam que os X-Men estavam ali, mas o campo de estática poderia impedir que elas soubessem a localização específica dos mutantes. Melhor enfatizar esse *poderia*, pensou ela – e resolveu criar mais campos, em diferentes pontos do prédio. Ela conduziu a corrente ao longo do para-raios principal do prédio, e dali para as vigas mais distantes que percorriam toda a fundação. Qualquer observador sensível a eletromagnetismo registraria essa presença. Com sorte, os Sentinelas responderiam, dividindo sua atenção e deixando uma abertura para que os X-Men se infiltrassem na sala de controle.

Logan ficou só olhando, até que ela fez sinal de que o campo fora erguido. As garras dele brilharam à luz do fogo quando ele cortou a corrente da porta de acesso, que rangeu nas dobradiças enferrujadas, mas abriu. Logan guiou Tempestade escadaria abaixo, descendo vários andares. Eles passaram por

uma porta de emergência que dava para um corredor que seguia pela beirada do edifício, conectando o fosso do elevador de carga ao antigo laboratório espacial de Reed Richards. Logan lembava-se de ter ido ali muitos anos antes. Quase pôde ouvir Reed dando ordens a todos, irritando Logan por ser o cara mais esperto do local.

Essa era a parte simples do plano. Os Sentinelas já sabiam que eles estavam ali, então não havia por que ser recatado. Por outro lado, os robôs não saberiam exatamente onde estavam os mutantes, visto que Tempestade fritara o sistema elétrico principal do edifício Baxter. Todas as câmeras de segurança teriam parado de funcionar – mas os sistemas de comunicação e controle principais deviam ter uma fonte de energia própria, isolada de possíveis choques elétricos sofridos pela estrutura. Por isso, o passo seguinte seria atacar essa sala de controle, rapidamente e com tudo.

– Ok – disse Logan. – Se não estivermos errados, a sala de controle fica do outro lado dessa porta. Eles vão saber que estamos aqui em algum lugar, mas uma coisa boa de não ter seis metros de altura é poder entrar num monte de lugares em que elas não podem. É nossa única vantagem. Assim que entrarmos na sala, isso já era.

– Então vamos causar um pouco de estrago aqui, né? – Rick sugeriu.

O elevador privado, do outro lado do corredor, finalmente chegara. Suas portas abertas revelaram Peter e o resto do ECL.

– Senhoras e senhores – disse Logan. – Pequeno detalhe do plano. Nós três vamos entrar na sala de controle e derrubar o máximo de Sentinelas que pudermos lá dentro, junto com o que estiver controlando a rede de comunicação deles. Enquanto isso, o ECL fará uma ronda de busca e destruição no resto do prédio. Qualquer treco eletrônico, destruam. Qualquer coisa mais avançada em tecnologia que um lápis, metam bala. Fiquem longe de áreas em que os Sentinelas possam transitar livremente.

– Maravilha – disse Rick. – Vamos embora. Temos umas dez balas sobrando. As C4 dão conta do resto.

– Tomem o lugar andar por andar, mas não parem de descer – disse Logan.

– Até onde a gente sabe, o prédio vai desabar em algum momento. É melhor saírem assim que puderem, mas façam um pouco de estrago no caminho.

– É a nossa especialidade – disse o médico que cuidara de Rachel.

– Tem uma escadaria de incêndio logo atrás daquela porta de emergência – disse Logan.

– ECL, vamos nessa – disse Rick. Ele estendeu a mão. – Saia vivo dessa, Logan. Precisamos de você.

– Você também, parceiro – disse Logan, apertando a mão de Rick.

Os três X-Men esperaram até que os soldados do ECL tivessem desaparecido pelas escadas.

– Se esperarmos até que detonem a primeira carga, podemos pegar os Sentinelas num momento de distração – disse Ororo.

– Pode ser – disse Logan. – Ainda me sinto como um rato planejando dar cabo do gato da casa.

– Engraçado você dizer isso. Eu estava agora há pouco pensando em ratos – disse Peter. – Mas o contexto eram elefantes.

– Pode ser também – disse Logan. – Vamos assustar uns elefantes.

Os mutantes seguiram o corredor, que fazia algumas curvas. Então Logan disse:

– Esta é a porta. Posso ouvi-los do outro lado.

Esperaram.



Lá fora, na rua, Kitty não podia conter a impaciência.

– Não acontece nada – reclamou.

Então Rachel fez algo que a chocou. Ela estendeu a mão, pegou a de Kitty e apertou. Foi um toque frágil, mas o gesto fez uma emoção que Kitty não podia identificar percorrer seu corpo como uma onda.

– Espere um pouco – disse Rachel. – Não vai demorar.

Um minuto, pensou Kitty. Estranho pensar que um pouco poderia ser tão importante: a diferença entre esperar e agir, entre viver e morrer. Ela viajara vinte anos no futuro, e talvez nunca mais voltasse. Cada minuto que passava era importante. Quantos ditados havia sobre viver cada minuto como se fosse o último! Ela não dava bola – era o tipo de coisa que os mais velhos diziam por

ter inveja dos jovens –, mas estava errada. Os mercenários do Clube do Inferno poderiam tê-la matado no Novo México. Um Sentinela poderia ter feito o mesmo ali em Nova York. A qualquer momento, todos esses minutos e possibilidades infinitas poderiam ser reduzidos à certeza fria da morte.

Como aconteceria com Rachel. Kitty olhou para ela, vendo a força vital dela lentamente se esvair. Rachel não reclamava, não lutava visivelmente. Mas Kitty podia ver a intensidade de seu esforço pela tensão dos músculos do rosto, no cuidado minucioso com cada palavra que dizia, cada movimento do corpo. Para Rachel, cada minuto agora era precioso, porque tinha bem poucos à frente.

Deus, como seria saber que se está prestes a morrer?

Mas Kitty também não sabia? A chance que tinha de voltar ao próprio tempo era, bem, talvez não nula, mas a situação não estava nada boa. Era muito mais provável que um Sentinela a vaporizasse ou esmagasse ali mesmo no futuro. E mais provável ainda que o esforço resoluto de Rachel para manter seu corpo funcionando falhasse antes que ela pudesse trocar Kitty e sua versão mais velha para seus lugares certos.

Kitty entendia a necessidade de esperar o máximo possível, dando a sua versão mais velha todo o tempo para evitar o assassinato do senador Kelly – supondo que o tempo passasse com o mesmo passo relativo tanto no passado quanto nesse presente/futuro. O fato era que ela poderia retornar num piscar de olhos, considerando o ponto de vista de sua versão do passado – e isso criaria outro futuro. Ou poderia retornar depois do tempo exato em que estivera no futuro, caso em que seria possível que a linha que levava daquele passado a este futuro permanecesse intacta. Kitty quase ficou zonza de pensar nisso tudo. Era inteligente, e sabia disso, mas qualquer um que pense sobre a relatividade sem ficar um pouco confuso e intrigado não pode estar pensando direito.

De todo modo, por segurança, ela tinha de esperar o máximo possível ali mesmo – o que significava basicamente o máximo que Rachel seguraria as pontas para ter força a fim de retorná-la ao passado. A não ser que houvesse outro jeito de voltar, e disso Kitty duvidava muito.

Resumindo a situação à essência, Kitty Pryde sabia que estava prestes a morrer em pouquíssimo tempo, e estava aterrorizada.

Mas tudo que podia fazer era esperar mais um pouco, como Rachel pedira. Esperar e torcer, e entrar em ação quando chegasse a hora.



Cinco minutos depois, um estrondo sacudiu o chão.

– É agora – disse Logan.

Ele testou o trinco da porta. Estava trancada. Com uma das garras, rasgou a barra que a mantinha trancada e abriu a porta o bastante para que os três espiassem lá dentro.

Estavam no pavimento da sala de controle, que parecia ocupar toda a planta do prédio, exceto pelo corredor estreito e os fossos de elevadores. O teto devia estar quinze metros acima deles, e uma passarela percorria três laterais da sala, a meio caminho do teto.

No centro desse espaço havia uma coluna de metal brilhante, coberta de cabos de fibra ótica, tremeluzindo por detrás de uma espécie de campo de força. Se era medida de proteção ou protocolo de contenção, não dava para saber. Mas não fazia muita diferença. A coluna teria de ser derrubada se eles pretendiam fazer mais do que apenas arranhar uns Sentinelas.

– Este é o lugar – Logan sussurrou.

Havia conjuntos inteiros de terminais de computador e estações de trabalho ampliadas para o tamanho dos Sentinelas. Numa delas estava um dos robôs, tracejando linhas numa tela touchscreen.

– Classe ômega – sussurrou Tempestade.

Este era diferente dos Sentinelas comuns por conta dos números de identificação estampados na armadura. Quanto menor o número, e com menos dígitos, mais altas eram a posição e a habilidade do Sentinel. Os normais já eram inimigos ferozes; os da classe ômega eram mais do que fortes o bastante para matar todos os três X-Men se não fizessem algo para tombar a vantagem para o seu lado.

– Rola mais um Arremesso Especial aí, Petey? – Wolverine perguntou. – Vou abrir esse maldito antes mesmo de ele saber que estamos aqui. Talvez não o mate, mas com certeza vai incapacitar. Depois você e ‘Roro acabam com ele.

– Haverá outros – disse Tempestade. – Na verdade, já vejo um lá na passarela. Está de costas para nós.

– Uma coisa por vez – disse Logan.

Peter agachou e Logan pôs o pé na mão dele, apoiando-se no ombro do russo. Peter lançou Wolverine pelo ar na direção do Sentinel. O *snikt* das garras de Logan soou agudo contra o sussurrar do campo de força e o zumbido ambiente dos ventiladores.

Logan movia-se a quase duzentos quilômetros por hora, e devia ter uns vinte metros para percorrer voando antes de atingir o Sentinel. Isso concedia ao robô aproximadamente meio segundo para responder. Mas além do armamento superior, os Sentinelas de classe ômega tinham mecanismos sensoriais e reflexivos incrementados. Quase mais rápido do que um humano podia enxergar, o Sentinel girou, ergueu a mão e arremessou Logan pelo ar com um raio de energia que emanou de sua palma.

A imagem dessa cena permaneceria impressa na mente de Peter enquanto ele vivesse: o corpo de Logan arqueando sob o impacto do raio do Sentinel. O contraste pavoroso entre as partes do corpo dele que ficaram fora do raio, carbonizando e derretendo, e a claridade quase de raio-X do esqueleto de adamantium dentro da luz branca. O som do último rugido feroz de Logan foi cortado assim que seus pulmões e cordas vocais foram vaporizados.

De todos eles, Peter concluiu, jamais imaginara que Logan fosse morrer um dia.

O fedor de carne e cabelos queimados inundou o local quando o corpo de Logan colidiu com a passarela acima da porta da sala de controle. Ele caiu e pousou num montinho chamuscado, soltando fumaça, bem em frente de Peter e Ororo.

– Ser orgânico patético – disse o Sentinel. – Achou que podia abordar, ao menos penetrar, estas instalações sem ser detectado?

Aparentemente, outra coisa que destacava os Sentinelas de classe ômega de suas subordinadas era que tinham sido programados para ser arrogantes.

– Mutantes 049 e 116, ainda são de uso para nós. Desistam imediatamente e sobreviverão.

A resposta de Tempestade foi um disparo de relâmpago.

A intensidade dos campos elétricos presentes na sala de controle dava-lhe um imenso reservatório de energia do qual sorver. Ela o conectou aos seus poderes climáticos, amplificando-os além de qualquer coisa que testara anteriormente. Mais cedo, nessa noite, pega de surpresa, fora incapaz de derrubar os Sentinelas. Agora, com esse campo de força ambiente virtualmente ilimitado sob seu comando, ela atingiu o Sentinel classe ômega com um disparo dentado que destruiu seus circuitos internos e deixou um buraco fundido e fumegante logo acima, à esquerda, das lentes repulsoras do tronco.

Filamentos de eletricidade desprenderam-se do Sentinel. Alguns foram absorvidos pelo campo de força; outros percorreram a superfície dos painéis de controle alinhados na parede. Eles piscaram e faiscaram, mas o sistema como um todo permaneceu ileso.

Logan jazia quieto, com boa parte de sua carne arrancada pelo calor das hastas e invólucros de adamantium que reforçavam seu esqueleto. O tronco levara a maior parte do disparo. A caixa torácica e as clavículas estavam expostas, junto com todos os ossos de um dos braços. O outro, o direito, era adamantium puro até o cotovelo; a mão logo abaixo debatia-se, projetando e retraindo as garras aos espasmos. Da cintura para baixo, o dano fora mais superficial: queimaduras de terceiro grau que o chamuscaram até o tecido muscular. O rosto também tinha sido parcialmente destruído pelo calor, expondo o queixo de adamantium e porção inferior do crânio. Um dos olhos fora destruído. O outro mirava um pouco para o lado no qual o Sentinel tombou ao chão com um baque que ecoou por toda a sala.

O Sentinel da passarela pronunciou-se:

– Infiltração de mutantes na sala de controle. Requisito reforços.

Ele se ergueu no ar, deixando a passarela, e virou-se para Tempestade, do outro lado da sala fumacenta.

– Um mutante exterminado – disse. – Dois hostis. Localização dos demais desconhecida.

Outra explosão distante sacudiu o edifício. *É o Exército Canadense Livre fazendo seu trabalho*, pensou Tempestade. *Hora de continuar fazendo o seu*.

Peter avançou de debaixo da passarela, saltando por cima do corpo de seu amigo para agarrar um dos pés do Sentinel flutuante. O exaustor do foguete do pé do robô o fritou, mas ele não sentiu nada. O Sentinel, perdendo o equilíbrio com a súbita adição de mais de duzentos quilos numa das pernas, girou e mergulhou no ar. Peter segurou-se no robô, enrolando o braço no tornozelo, e jogou as pernas para o lado, para agarrar com os tornozelos o corrimão da passarela. O duto era feito de vigas verticais de metal pesado conectadas por cabos de aço entrelaçados, da grossura do braço de um humano normal.

Com as pernas enroscadas feito uma tesoura numa dessas vigas, Peter puxou o tronco para baixo, lançando o Sentinel como quem brande um chicote, metendo a cabeça dele no piso da sala de controle com força o bastante para sacudir as paredes e fazer os restos mortais de Logan pularem no ar. Pedaços da armadura craniana do Sentinel voaram longe e foram cair ruidosamente por toda a sala, ao mesmo tempo em que o corpo de Logan voltou ao chão.

Do outro lado da sala, uma porta abriu-se deslizando. Atrás dela vinham mais dois Sentinels, ambos classe ômega. Um balbuciar eletrônico jorrava da cabeça danificada do Sentinel deitado. Ele tentou se levantar, mas o pouso duro aparentemente danificara seu controle de inércia e sistemas de equilíbrio.

– Acabe com esse, Ororo! – Peter gritou. – Vou cuidar daqueles dois!

O russo começou a sentir eletricidade estática brincando sobre sua pele de aço quando Ororo começou a juntar energia. Peter saiu correndo pela passarela, mudando o ângulo de tiro dos Sentinels. Os dois dispararam raios de energia nele, e erraram – mas um dos raios seccionou os cabos da passarela, desestabilizando parte dela. Peter perdeu o equilíbrio e tombou por cima do corrimão, mas conseguiu agarrar-se à viga mais próxima, ficando pendurado a dez metros do chão.

Ororo viu isso e mudou de planos. O Sentinel caído ainda tentava levantar-se, guinchando incompreensivelmente. Era uma ameaça muito menor do que os dois que convergiam para Peter.

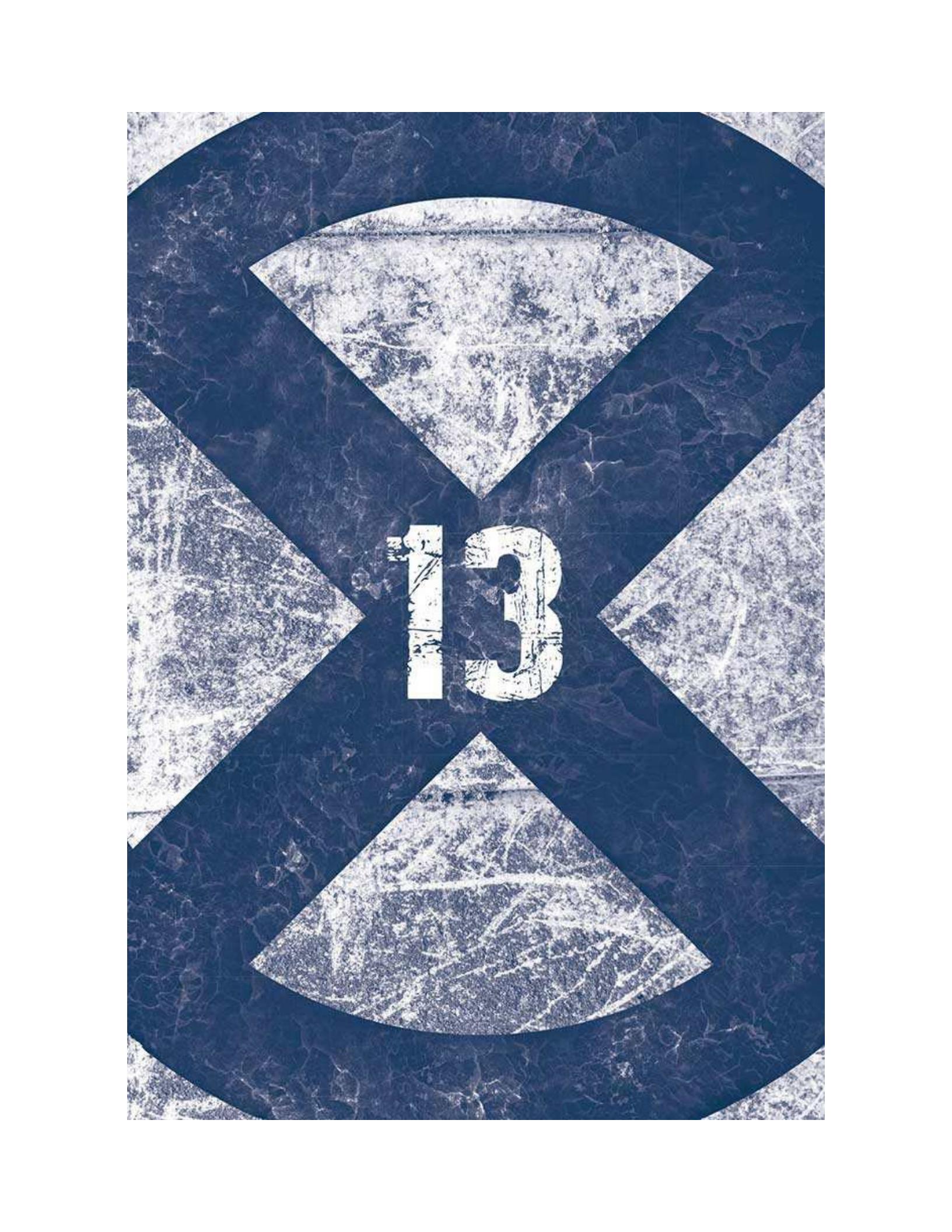
Ventos rebelaram-se na sala, e a temperatura começou a cair. Um dos Sentinelas avançou para Ororo; o outro ergueu as mãos para pegar Peter, ali pendurado. Tempestade teria tempo de atacar somente um deles. Ela sentiu a permuta de energia dentro do corpo ao forçar o calor da sala, criando uma zona de intenso frio ao seu redor, e preparou para focá-lo – num dos dois Sentinelas.

Peter balançou-se e ergueu-se, vendo o Sentinel que vinha agarrar-lhe as pernas. Ele sentiu a onda de frio rolando pela sala e olhou para Ororo, escondida por detrás de um escudo de gelo. Depois olhou para baixo. O Sentinel que o ameaçava estava coberto de gelo, com a armadura crepitando sob a pressão molecular de uma queda súbita de duzentos graus na temperatura.

O outro Sentinel desferiu um soco, estilhaçando o gelo, e acertou Ororo em pleno ar no mesmo movimento. O escudo absorveu boa parte da força do golpe, mas Tempestade caiu no chão com tudo e ali ficou. O Sentinel chegou mais perto, abrindo as mãos. Suas palmas começaram a brilhar com os raios de energia recarregando.

Peter pousou na passarela e pôs-se a correr para a colega. Ele segurou a ponta do cabo seccionado e foi arrancando-o de seus ligamentos enquanto corria.

Nenhum deles viu os restos de Logan começarem a se mexer.



13



TODOS OS SINAIS QUE SAÍAM da sala de audiências do Senado ficaram em branco por um instante quando um raio – caído de um céu azul! – atingiu o chão bem aos pés de Blob. Ele recuou com o susto, junto com os outros quatro membros da Irmandade. Quando o brilho cedeu, cinco figuras posicionavam-se contra a Irmandade. Seus nomes tinham sido mencionados pouco antes no Senado: no centro, Tempestade, com Colossus, Wolverine, Anjo e Kitty/Kate Pryde postos ao redor num quase semicírculo.

– Se quiserem machucar o senador Kelly, ou qualquer outra pessoa, terão que passar por nós – disse Tempestade, ressoando sua voz através do caos.

Mística sorriu com um brilho nos olhos vazios.

– Será um grande prazer. – Ela apontou primeiro para Tempestade, e abriu os braços para incluir toda a câmara. – Matem todos!

Os poucos espectadores que permaneciam em seus lugares nas galerias, aturdidos pelo espetáculo que fora a entrada da Irmandade, saltaram dali e fugiram. Os policiais tinham ficado apenas tempo suficiente para garantir que todos saíssem, e já não estavam mais lá.

Dos senadores, restara apenas Kelly, sobre seu istmo de mármore projetado sobre o espaço vazio no qual boa parte do restante do piso estivera. Um passo adiante, à esquerda ou à direita, e Kelly cairia para os níveis inferiores do edifício. Quase todos os repórteres e equipes de filmagem também fugiram, exceto por uns poucos que se apertavam atrás da mesa dos senadores, torcendo para captar boas imagens ao vivo e sobreviver.

Atuando para as câmeras, Mística deixou que os outros quatro membros da Irmandade avançassem.

– O senador Kelly gosta de se pronunciar contra a ameaça mutante – proclamou ela por sobre o caos de civis que fugiam e destroços que caíam. – Meus colegas e eu somos essa ameaça encarnada! Como demonstração de nosso poder, e como lição clara para os que se opõem a nós, vamos matá-lo!

Avalanche foi o primeiro a atacar, metendo os dois punhos à frente para criar uma onda de choque que explodiu o que restava do piso em estilhaços de

mármore, vigas partidas e gesso em pó. A onda quebrou sobre os X-Men, derrubando Wolverine e Colossus no porão exposto. Anjo agarrou Kate, ergueu-se no ar e a carregou até a segurança de um canto, debaixo de uma galeria, num dos poucos pedaços estáveis de piso. Tempestade também estava no ar. Suspensa abaixo do teto da galeria, ela viu os demais X-Men lutarem contra a onda de detritos.

Colossus e Wolverine tinham acabado de retornar da pilha de destroços no porão para a galeria quando Pyro agarrou o russo com garras de fogo animado.

– Vamos ver em que ponto o metal do seu corpo derrete, Colossus! – disse ele.

As garras se fecharam com grande pressão, fervendo o corpo de Peter e ateando pequenas fogueiras ao longo das pontas de vigas e madeira partidas que brotavam dos destroços.

– Belo lança-chamas o seu, parceiro – disse Wolverine. – Vamos ver o que acontece se eu meter as garras no tanque de combustível e na sua *pele fedida*!

Ele avançou, com as garras refletindo a luz das chamas ao voarem para o tanque nas costas de Pyro.

– Logan, não! – Tempestade ordenou, pousando no chão e avançando para conter o amigo. Mas ele não escutava. A fúria da batalha deitara-se sobre Wolverine como sempre fazia com homens como ele, herança dos guerreiros que lutavam de pele nua nas florestas da Germânia.

Tudo aquilo, Tempestade sabia, estava sendo transmitido para o mundo inteiro. A reputação de todos os mutantes estava em jogo ali – sem contar sua sobrevivência, caso o que Kate Pryde dissera fosse verdade. Era imperativo que não fossem vistos matando uns aos outros entre as paredes do Senado. Era isso que a Irmandade queria, e também o que queriam os inimigos da raça mutante. Tempestade recusava-se a entrar no jogo.

Ela conjurou uma pequena tormenta, um redemoinho intenso feito um tornado a menos de dez metros de si, e juntou toda a umidade do ambiente ali dentro. Logan, pego em pleno ataque, foi jogado para longe de Pyro.

– Tempestade, você pirou? – rugiu ele. – Que acha que está fazendo?

Salvando a todos nós, pensou ela. Liderando.

Com Logan a uma distância segura, ela fez outro gesto. A água acumulada no redemoinho foi jorrada numa onda, encharcando Pyro e Colossus, extinguindo as chamas que o prendiam com as garras.

– Agora você vê, senador Kelly – disse ela, alto o bastante para que as câmeras pegassem tudo. – Você pinta todos os mutantes com as mesmas cores, mas alguns de nós lutarão para salvar até mesmo seus inimigos mais mortais.

– Ele sumiu! – disse Kate Pryde, lá do alto.

Tempestade ergueu o rosto e viu a menina agarrada a Anjo. Depois olhou para o buraco imenso no piso com o pedacinho deixado intacto quando a Irmandade tentara isolar Kelly. Os inimigos não contavam com a oposição dos X-Men – mas por que não, visto que tinham Sina a seu lado?

O senador de fato desaparecera. Ororo olhou para o porão. Não o encontrou ali. Ele devia ter escapado pela pequena passarela que lhe tinham deixado e fugido, pensou ela, tirando vantagem da proteção dos X-Men.

Sina não estava em lugar algum. Nem Mística.

– Mandou bem, Tempestade – Anjo comentou. – A última coisa de que precisamos é de Logan fatiando alguém ao vivo na TV, mesmo que seja vilão.

Enfurecido pela interrupção de Tempestade, Pyro ergueu outro fluxo de chamas e lançou-o num arco contra Anjo.

– Alguém se acha o Ícaro, não? – gritou ele, rindo.

Anjo desviou-se das chamas que lamberam as pontas de suas asas, mas teve que soltar Kate. O fogo varreu o espaço onde ela estivera.

Kate Pryde caiu. Pousou graciosamente, como o esperado, na parte intacta do piso, em frente à comprida mesa dos senadores.

Ela olhou ao redor. Anjo esquivava-se desesperadamente das criaturas de fogo de Pyro, tentando chegar perto o bastante para incapacitá-lo. Avalanche desviara de um ataque das garras de Wolverine e respondera com um tremor que erguera o chão sob os pés do outro, jogando-o para trás, para cima de uma fileira de assentos. Colossus e Blob trocavam golpes, mas nem mesmo Peter podia causar muito dano ao gorducho.

A única coisa boa até o momento era que nenhum mutante tinha sido morto em rede mundial. Mas se ela não conseguisse encontrar o senador

Kelly, seria apenas questão de tempo. Kate hesitou. Podia ficar com os amigos e lutar para salvar as vidas deles – ou podia deixá-los para encontrar Kelly e quem sabe salvar as vidas de todos os mutantes do mundo.

Lembrou-se do cemitério no sul do Bronx. Pensou nos filhos. Havia realmente apenas uma escolha.

Kate Pryde pôs-se a correr – pela porta aberta que dava para as áreas privadas e seguras do prédio do Senado. Se Mística e Sina estavam atrás do senador Kelly, como Kate suspeitava, poderia já ser tarde demais. Pensando bem, ela se lembrou de que as notícias do assassinato de Kelly não disseram precisamente quem o matara. Uma investigação exaustiva não conseguira descobrir detalhes críticos, provavelmente porque a perícia tradicional e os protocolos da polícia não tinham equipamento adequado para lidar com poderes mutantes. O assassino podia ser qualquer membro da Irmandade.

No entanto, Blob, Avalanche e Pyro estavam na sala de audiências. Sina e Mística não, nem o senador Kelly. Kate teria que arriscar, mesmo o risco sendo grande.



O saguão do edifício Hart estava tão caótico quanto a cena no interior da sala de audiência, embora menos letal. Pessoas gritavam e iam se empurrando em direção às saídas, com o pânico trazendo à tona o pior de cada um. Xavier podia sentir a intensidade de todo esse medo – e o modo como decaía para raiva e depois para ódio. Policiais esforçavam-se para manter a ordem e garantir que a massa em êxodo não degenerasse para uma fuga desesperada.

Moira MacTaggert empurrava a cadeira de rodas de Xavier ao longo do corredor, tentando esquivar-se do bando. Se o mutante fosse derrubado da cadeira, poderia ser pisoteado. Com o prédio sacudindo ao redor e o cheiro de fumaça no ar, a maioria dos espectadores em fuga seguiam para a porta mais próxima. Mas havia uma segunda porta no outro canto do saguão.

Xavier apontou para a porta principal, e Moira foi guiando a cadeira até lá. Ele supunha que o tempo extra necessário seria justificado pela possibilidade

menor de serem varridos ou feridos pela multidão.

Havia também a possibilidade de que um dos manifestantes antimutante os reconhecesse e aproveitasse o momento para cometer um ato de violência. Quanto mais Moira e Xavier evitassem a multidão e ficassem mais à vista da polícia, menos provável seria que isso acontecesse.

– Charles – disse ela –, você estava com aquela cara de estou-usando-telepatia pouco antes desse inferno todo começar. Que aconteceu?

– É quase fantástico demais pra acreditar – disse ele. Teve que forçar-se a prosseguir, sabendo que Moira não acreditaria no início, assim como ele. Foi escolhendo as palavras com cuidado. – Aparentemente, a mente e a persona de Kate Pryde adulta, de vinte anos no futuro, trocou de lugar fisicamente com sua versão do presente.

Moira parou de empurrar a cadeira. Xavier sabia que ela o fitava, imaginando se Charles havia levado uma pancada que ela não vira.

– Charles, que maluquice.

– Eu sondei a mente dela. É verdade.

Ele se ampliou para tocar as mentes de seus protegidos, que ainda lutavam na sala de audiência. Irradiavam raiva, medo e determinação. A batalha não ia bem, mas também não estava perdida. Se Kate Pryde estivesse certa, Tempestade estava fazendo a coisa certa ao manter o máximo possível de membros da Irmandade por perto, enquanto o senador Kelly fugia para um local seguro. Vivo, era um ser intolerante e demagogo, mas acabaria se tornando um mártir se morresse. Isso deixava somente duas escolhas para os X-Men – ambas ruins, mas uma evidentemente melhor do que a outra.

– Kate disse que uma pessoa chamada Rachel Summers fez a projeção no tempo – disse Xavier.

– Summers? – Nenhum deles conhecia Rachel Summers. – Charles, se isso... se a viagem no tempo é possível e a história é mutável, teremos que redefinir todo o nosso conceito de realidade.

Só mesmo uma acadêmica para teorizar no meio de um ataque terrorista, pensou Charles.

– Nunca vamos ter total certeza do que... acontece... de um momento ao outro – Moira prosseguiu. – É terrível.

– Talvez ninguém nunca devesse ter – disse Xavier. – Só Deus sabe o que a pobre da Kitty está vivenciando no futuro que Kate me descreveu.

A multidão agitou-se quando mais gente escapou da sala de audiência para o saguão – alguns feridos, a maioria em pânico. Moira teve que parar e esperar que um grupo de pessoas passasse, carregando um homem inconsciente pelos braços e pernas. Estava coberto de poeira e sangrando feio de um ferimento na cabeça.

– Professor Xavier – disse uma policial que se aproximou. Ela apontou para uma porta que, se a memória do mutante não falhava, seguia pelo interior do prédio até o outro lado, para longe da ala que corria risco de desabar. – Vamos tirar você e a Dra. MacTaggert daqui.

Boa ideia, pensou Xavier. Principalmente porque ele ouvira um monte de mentes na multidão registrar seu nome – e não com simpatia.

A policial abriu a porta e os guiou por um corredor cheio de portas. Algumas estavam abertas, revelando escritórios e salas de reunião. Era ali que o serviço do Senado era realmente feito, refletiu Charles. Longe das câmeras, nos espaços calmos em que as pessoas podiam sentar-se, conversar e decidir o que estavam dispostas a ceder para alcançar seus objetivos.

– Você vai estar seguro aqui – disse a policial, abrindo a porta de um gabinete vazio. Ela pegou algo no cinto... um molho de chaves? *Não*, pensou Charles.

– Moira! Sinto um tipo de campo de força. Essa mulher não é o que parece... aaarrgghh!

Moira parou a cadeira com tudo. A policial se virou, sorriu e descarregou uma nuvem de pó rosado que cobriu Xavier e Moira.

– O que você sentiu foi o campo anulador que o impedia de ler minha mente, meu distraído professor. A preocupação com seus queridos X-Men deixou-o vulnerável. – Enquanto falava, a forma física da policial brilhou e derreteu, revelando Mística. – E agora é tarde demais para seus poderes mentais ajudarem em alguma coisa.

Moira foi cedendo, tentando segurar-se nos punhos da cadeira de rodas de Xavier. Ela foi ao chão, olhos entreabertos, sem foco. Sua respiração quase não se detectava. A cabeça do professor pendeu sobre o peito.

– Um tirinho de gás asfixiante para paralisar vocês – disse Mística. – Mas eu não ia querer privá-lo da experiência de ouvir tudo que acontece ao redor. Sem sua orientação telepática, Tempestade e os X-Men ficarão às cegas. Nós já tínhamos a vantagem, Xavier. Agora essa vantagem é decisiva.

Sina surgiu de dentro do gabinete.

– É melhor matá-lo enquanto ainda tem chance – disse.

– Ele é mais útil como refém. Podemos matá-lo depois. Prefiro saber tudo o que ele tem a nos dizer primeiro, e nos livrar dele depois que nosso assunto com o senador for resolvido.

– Você não acabou de dizer, lá na sala de espera, que mataríamos também esses dois, além do senador?

– Eu disse isso, e vamos matar – disse Mística. – Mas prefiro não agir quando não tenho todas as informações. Esse é o seu papel. Como está o nosso futuro?

– Continua como eu disse antes. Além de certo ponto, as imagens ficam confusas, difíceis de ler. Tem um fator aleatório presente, uma anomalia que afeta o cerne do fluxo do tempo. Enquanto isso existir, nada é certo.

– Bom, e o que é isso? Localize, para eliminarmos.

Mística levou Xavier para o gabinete, depois retornou ao corredor para trazer também MacTaggert. O gabinete pertencia ao senador Kelly. Cedo ou tarde ele retornaria ao local. Disso tinham certeza.

– A natureza desse objeto me impede de identificá-lo – disse Sina. – Não é meramente um novo fator, ao redor do qual outros fatores se reajustam em padrões previsíveis. É uma incerteza em si; enquanto existir, não há certeza possível.

Mística bateu a porta.

– Ora, pra que você está aqui se não para reduzir as incertezas?

Imperturbável, Sina rebateu:

– Você preferiria não saber que esse novo elemento foi introduzido? Posso ficar calada, se preferir.

Mística ficou furiosa por um momento. Pensou em matar Xavier e MacTaggert. Isso a faria sentir-se melhor e impediria que aquela conversa deixasse o gabinete do senador. Após breve consideração, contudo, rejeitou a

ideia. Numa situação incerta, o líder prudente reunia os recursos disponíveis. Um Xavier morto não seria mais um recurso. Um Xavier refém poderia ser forçado a soltar segredos. Isso sim era recurso.

Ela e Sina tinham uma longa história juntas. Mística valorizava os conselhos de Sina, por motivos óbvios. Mas às vezes imaginava se tinha cometido um erro de estratégia ao aliar-se tão intimamente a alguém que sempre sabia o que ela faria em seguida. Questão incômoda. Assim que o problema com o senador Kelly fosse resolvido, valeria a pena repensar. Não se pode jogar fora amizades de longa data, claro – mas também não se deve permitir que o sentimentalismo torne-se um ponto cego fatal.

– Muito bem – disse ela, um pouco mais calma. – Não importa. Com ou sem a ajuda das suas previsões, minha amiga, a Irmandade vai vencer.



Na sala de audiências, a batalha estourava. Nem todos os espectadores tinham conseguido escapar ainda, nem os jornalistas mais audaciosos. As vidas deles estavam nas mãos de Tempestade. O prédio todo ia desabar com eles dentro, antes do que se esperava, se ela não fizesse alguma coisa.

Então ela fez.

Um vendaval atiçou-se dentro da câmara, drenando ar lá de fora através do buraco explodido pela Irmandade. Tempestade o manteve em espiral, como o pequeno redemoinho que ela usara em Logan, e deixou que ficasse mais poderoso. Pyro tentou impedi-la lançando disparos de fogo, mas Ororo os soprou antes que a alcançassem. Avalanche tentou literalmente desequilibrar-lhe o foco, mas ela flutuou para longe do chão, e as ondas de choque do inimigo passaram por ela sem efeito algum.

O vento arrancava assentos, erguia mesas, girando-as no ar, e estilhaçou as janelas nas paredes do mezanino. Entrando em desespero, Avalanche começou a sacudir o prédio todo, esperando fazer desabar toda a estrutura ao redor deles. *Não*, pensou Tempestade, enquanto o vendaval crescia e se concentrava. Ela o manteve longe do canto no qual as equipes de TV ainda se aninhavam, permitindo que tudo mais na sala entrasse num vórtice

irresistível. Quando ela instalou a força de um pequeno furacão dentro do espaço confinado, a liberou contra a parede intacta que dava para um pátio amplo do Passeio Nacional.

A parede explodiu para fora com o excesso de pressão, como se uma bomba poderosa tivesse estourado com toda a força concentrada numa única direção. Tempestade permitiu-se ser arrastada pelo jorro de vento. Ao redor dela passaram Logan, Avalanche e Pyro. Eles foram jogados espalhados sobre os grandes degraus frontais do prédio, sobre a folhagem bem cuidada do parque.

Ela viu todos, exceto Blob e Colossus. Receara que isso acontecesse. Esperava pegar Blob de surpresa, antes que ele pudesse grudar-se na terra, mas a reação do mutante fora mais rápida do que ela imaginara. Enquanto cavalgava o redemoinho para fora e tentava pousar o amigo mais gentilmente que os inimigos, Tempestade perguntou-se o que poderiam fazer caso Blob simplesmente se recusasse a ser extraído do prédio. Ele poderia rasgar o local ao meio só de birra, mesmo o senador Kelly tendo escapado.

E por falar no senador, onde diabos estaria? Ororo teve a sensação de que se a Irmandade tivesse conseguido matá-lo, sairiam todos a gritar vitória por todo canto. Portanto, era mais provável que ele estivesse vivo, mas ela não gostava nada de não saber onde ele estava – quase tanto quanto não gostava nada de saber onde Kate se metera.

Estariam ligados, os dois desaparecimentos? Kate fora atrás dele? Ororo não podia distanciar-se do embate para descobrir. Havia vidas demais em jogo ali.

Labaredas de fogo entrelaçavam-se às correntes de ar, flamejando alto no espaço aberto.

– Viu só, Tempestade? Seus ventos só alimentam minhas chamas! – disse Pyro.

Colossus também continuava lá dentro. Sem dúvida ele e Blob estariam grudados, brigando, e Tempestade receava que até mesmo a força prodigiosa de Peter não fosse páreo para a de Blob.

Contudo, havia outro problema, talvez mais imediato. Conforme poeira e detritos espalhavam-se, Tempestade viu que uma equipe militar de resposta

imediata, completa e blindada, já tinha cercado toda a área ao redor do Senado. Os oficiais apontavam a localização de todos os mutantes conhecidos, aparentemente não considerando qual lado cada mutante defendia. Se os X-Men não se cuidassem, Ororo o sabia, acabariam sendo atacados pelos militares mesmo enquanto tentavam proteger inocentes da ameaça da Irmandade.

O único benefício da intervenção militar era que mantinha os civis distantes. Tinham sido todos evacuados, e agora assistiam a tudo boquiabertos. Luzes de ambulâncias piscavam atrás dos militares posicionados enquanto equipes de emergência tratavam os feridos no ataque inicial da Irmandade. Washington estava tão preparada quanto qualquer cidade do mundo para lidar com um evento daquela natureza.

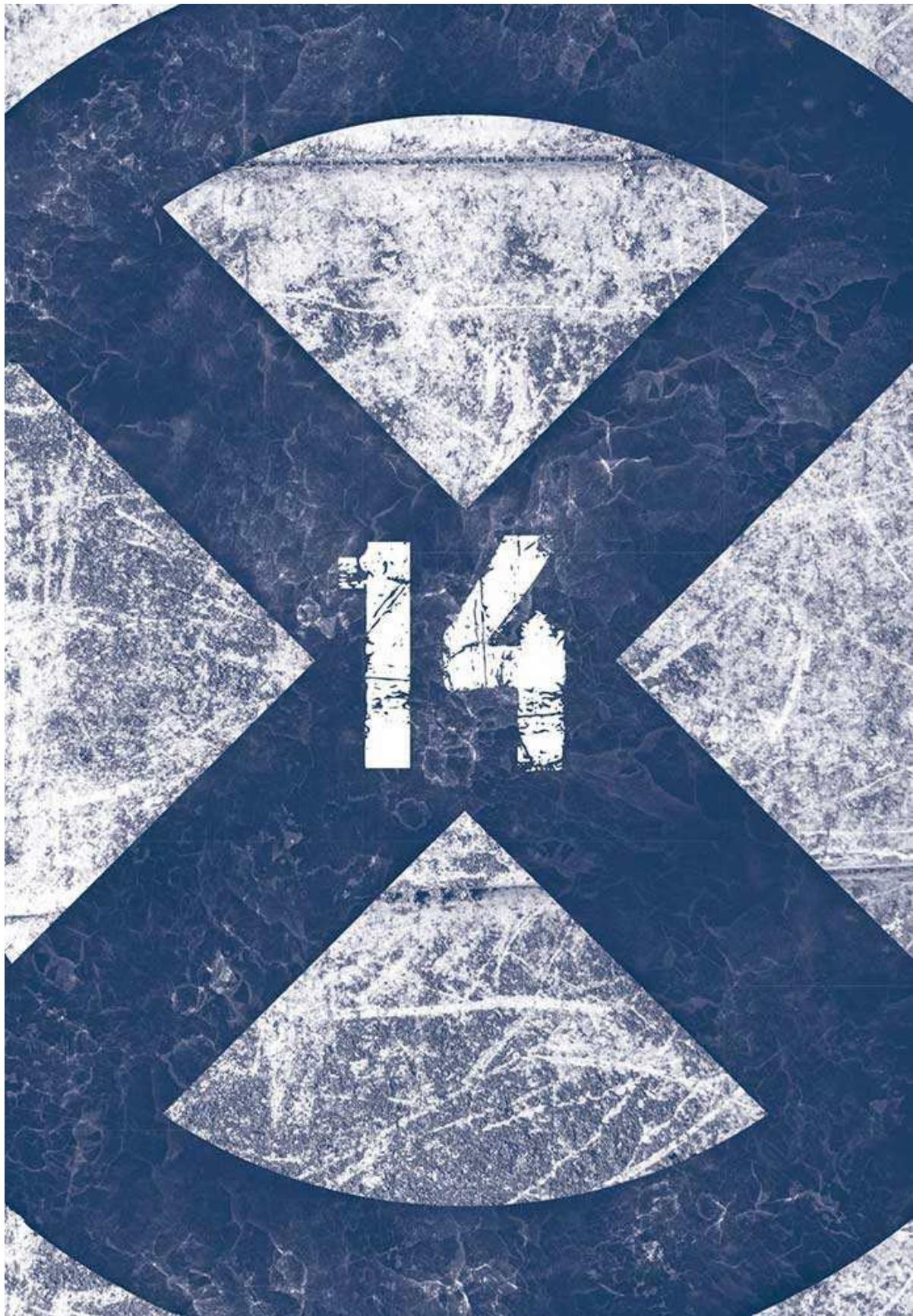
Tempestade ouviu vozes amplificadas gritando mais ordens, mas não conseguiu entender o que diziam. Onde estariam Moira, o professor Xavier e Kate? Teriam encontrado o senador Kelly? Ela não sentira o toque de Xavier em sua mente desde pouco depois do início da batalha.

Lute onde pode lutar, ela disse a si mesma. Era responsabilidade dela liderar os X-Men contra a Irmandade ali, antes que mais vidas fossem perdidas.



Dentro da sala de audiências destruída, Blob segurava Colossus pelo braço. Este meteu-lhe um soco na cara, mas ele só riu.

– Ela não conseguiu me tirar daqui – disse. – Ninguém força Fred J. Dukes a fazer algo que não quer. E enquanto eu te prender aqui, você só sai quando eu deixar. – Ele se calou, e um sorriso cruel expôs os dentes estranhamente perfeitos naquele rosto singelo. – Mas acho que é hora de você dar uma voltinha.



PETER NÃO CONSEGUIRIA CHEGAR LÁ a tempo. Metade da extensão da sala de controle do edifício Baxter esticava-se entre ele e o Sentinel. pronto para reduzir Ororo a cinzas. O brilho dos raios nas palmas das mãos dele reluzia. Ia disparar a qualquer momento. Desesperadamente, ele correu, sabendo que não ia conseguir. Era quase como se estivesse do lado de fora do prédio, ou em sua fazenda na Sibéria.

Logan estava morto, logo Ororo estaria, e por mais quanto tempo Peter sobreviveria? O que Kate encontraria quando retornasse do passado – se algum dia retornasse? E se não, por quanto tempo a pobre Kitty sobreviveria em seu corpo adulto com Rachel morrendo ao seu lado?

A situação não podia ser pior, refletiu Peter. E então, pelo menos por um breve instante, ela melhorou.

Ororo tinha caído perto da porta original, de tamanho humano, que os três usaram para entrar na sala de controle. O Sentinel passou por cima da carcaça do robô que a mutante destruíra e inclinou-se sobre ela.

– Você não é mais útil – disse. – A era dos mutantes terminou. As diretivas dos Sentinelas exigem eliminação.

Com o passo seguinte, ele plantou um pé blindado imenso perto dos restos derretidos e fumegantes de Wolverine – que ergueu a cabeça.

– Logan – disse Ororo, maravilhada.

Ele ergueu o braço que era metade carne, metade adamantium exposto, e fincou as garras no calcanhar esquerdo do Sentinel. Puxando as garras para o lado, ele seccionou os mecanismos hidráulicos que mantinham a tensão na perna do robô, e portanto controlavam seu equilíbrio.

O Sentinel gingou para a esquerda, abrindo os braços no instante em que os raios dispararam. Um deles abriu um buraco no teto. O outro chamuscou a parede bem em frente a Peter, pois o Sentinel, com essa mão, tentara agarrar-se à passarela para se apoiar.

Isso deu a Colossus o momento extra que ele precisava para alcançar o inimigo. Escalou o braço do Sentinel e envolveu o pesado cabo em torno do

pescoço dele. Depois puxou, lentamente garroteando-o. Não havia como estrangulá-lo, obviamente; mas Peter sabia que se puxasse tempo suficiente e forte o bastante, a cabeça acabaria saindo. E, em todo caso, ele o manteria ocupado para que não disparasse em Tempestade.

Pelo menos até que um dos outros dois Sentinelas danificados se recuperassem o bastante para matá-los.

O Sentinelas afastou-se de Ororo, com Peter ainda puxando o cabo ao redor do pescoço. A mutante engatinhou até Logan, mas parou quando o cambaleante Sentinelas deu um passo para trás e o esmagou sob a perna danificada. Tão rapidamente quanto pisou, o pé tornou a subir. O Sentinelas começou a debater-se pela sala. Ororo podia ver o dano que o robô causara a Logan.

O esqueleto de adamantium continuava inteiro, claro, mas o corpo fora completamente devastado. Somente a invulnerabilidade do crânio mantinha o rosto intacto o bastante para que ele pudesse falar.

– ‘Ro? – disse ele. – Não vejo nada.

Tinha perdido os dois olhos.

– Tentei atrapalhá-lo – ele disse.

– Sim – disse Ororo. – Salvou a minha vida de novo.

– Ok. Que bom. Não aguento mais – disse ele, e morreu. Ororo viu se esvaindo o pouco de vida que lhe restava. Ele relaxou as mãos; as pontas das garras fizeram discretos cliques ao pousar no piso de concreto, tão levemente que não deixaram arranhão.

Peter puxava o cabo com toda a força que sua raiva lhe conferia, firmando os pés contra o flange de metal que cobria as costas do Sentinelas. Ele sentiu algo ceder, e puxou mais forte. O Sentinelas começou a gritar, soltando um alarme que a Peter pareceu um grito de dor e medo. Será que esses monstros têm medo? Ele não saberia dizer. O que sabia era que as pessoas sentiam medo por causa dos Sentinelas. Ele girou os pulsos, dando mais um volta neles com o cabo, e tornou a puxar.

A cabeça do Sentinelas foi arrancada, jorrando uma chuva de faíscas e esguichando lubrificante escuro e fluidos hidráulicos. Peter caiu no chão de

costas. A cabeça desabou de cara ao lado dele um segundo depois, cobrindo-o com óleos grudentos.

Ele virou o rosto e viu Logan. Ororo estava logo atrás do corpo, chorando de raiva. Peter pôde sentir a energia que irradiava dela. A líder dos X-Men cruzou a sala. Passou pelo Sentinel de cabeça partida, que se debatia; passou pelo corpo decapitado do que matara Logan; passou pelos restos do primeiro, com o buraco aberto no tronco ainda em chamas.

Quando chegou perto do Sentinel congelado, a armadura deste tornou a estalar. Ororo retirou o calor do robô e do ar ao redor dele. Uma névoa gelada formou-se na sala, e os monitores de vidro mais próximos se partiram.

– Monstros – disse ela. – Nem mesmo monstros. Máquinas idiotas, achando que têm um motivo. Brinquedos assassinos movidos à corda. Vocês quase nos mataram. Quase. Mas não morreremos mais.

Imensas rachaduras apareceram na blindagem do Sentinel, e pedaços começaram a se soltar. Ororo flutuou uns dois metros acima do chão, içada pela intensidade das energias que canalizava.

– Agora, Peter! – ela gritou.

Peter saltou para a frente com os dois punhos estendidos.

O impacto chacoalhou a sala toda quando o Sentinel classe ômega pareceu detonar-se sob o poder do mutante. Pedaços supergelados dele pipocaram pela sala, quebrando as janelas remanescentes e abrindo buracos nos terminais e equipamentos de monitoramento distribuídos pelas paredes. A força da desintegração do Sentinel arremessou o quarto de tonelada de massa de Peter quase de volta até o corpo de Logan. Ele caiu de costas e ficou deitado por um momento, confuso.

A sala de controle encheu-se de neblina quando os pedaços do corpo destruído do Sentinel reaqueceram-se, e a temperatura ambiente voltou a arrefecer. A fumaça pairava numa camada no alto do cômodo. O buraco no teto agia como uma chaminé, atraindo o ar mais quente para fora, para o frio da noite. Faíscas caíam em cascata do maquinário danificado. Parecia até que pegava fogo lá fora.

Que esse prédio todo queime até as cinzas, pensou Peter. Só que não aconteceria. Os Sentinelas cuidariam do fogo e controlariam a situação.

Peter e Ororo tinham um segundo, e nada mais. Seu objetivo primário ainda aguardava por eles – a coluna de cabos e aço protegida pela barreira coruscante do campo de força. O núcleo de energia da matriz de vigilância dos Sentinelas da América do Norte continuava intacto.

Mas não por muito tempo. Com os outros Sentinelas a caminho, os X-Men teriam segundos para determinar como funcionava o campo de força. Certamente haveria um meio de sobrecarregá-lo ou atravessá-lo, se o encontrassem a tempo. Tudo que tinham de fazer era descobrir o ponto fraco do sistema.

Estariam os mutantes prestes a vencer? Vencer *de verdade*, não apenas segurar as pontas só para postergar sua extinção por mais algumas horas ou um dia? Peter não imaginara que isso fosse possível durante o processo de criação do plano, as conversas e a execução. No entanto, dera total apoio. Contra sua vontade, permitiu que a mente de sua esposa fosse separada do corpo e projetada para mais de duas décadas atrás – sem saber se algum dia a veria de novo. E eis a surpresa: a jovem Kitty Pryde, a Sprite da qual ele se lembrava como uma menina espevitada, falando com ele de dentro do corpo de Kate Rasputin. Se ele soubesse que isso aconteceria, teria consentido? Seria estranho demais; era muito para pedir a um homem.

Mas se tudo pudesse ser resolvido – se Rachel conseguisse manter-se viva tempo suficiente para devolver Kate e Kitty do passado e do presente às suas épocas –, então tudo teria valido a pena.

Isso se Kate for capaz de evitar o ataque da Irmandade ao senador Kelly. O que estaria acontecendo, naquele momento, no passado? Essa pergunta fazia sentido, por acaso? Deviam ter se passado umas quatro horas desde a projeção telepática. Durante esse tempo, os X-Men teriam chegado a acreditar na história de Kate? Teriam ido a Washington, D.C.? Contatado o professor Xavier? O que estava acontecendo, ou tinha acontecido? Nada ali tinha mudado, claro, e provavelmente nunca mudaria. Era muito provável que estavam lutando por um futuro diferente – um que nenhum deles jamais vivenciaria.

Ou talvez sim. Quanto os mutantes podiam supor que sabiam sobre o funcionamento do tempo? Questão intrigante. Peter ficou pensando, em

meio à fumaça e neblina congelante ainda remanescentes do ato final, se algum dia eles saberiam o que as ações de Kate no passado tinham perpetrado. Conversaram sobre o assunto à exaustão, especulando e discutindo sobre se esse futuro seria mudado, ou desfeito, ou deixado completamente intacto pela criação de uma nova linha do tempo, paralela. Algum deles saberia responder, algum dia?

Sacrificaram Franklin e Logan e, em breve, Rachel, pela possibilidade de que outros pudessem viver. Nada era certo, talvez nem mesmo o passado – e definitivamente não o futuro. Se Kate fosse voltar, Peter queria poder dizer que tinham conseguido. E acima de tudo, Kitty precisava retornar ao passado, para poder apaixonar-se pela versão mais jovem dele. Construiriam algo lindo juntos. Se Kate cumprisse sua missão, quem sabe até os filhos deles viveriam.

Colossus interrompeu seu raciocínio. Precisaria de foco para sobreviver pelas horas seguintes. Tudo o que tinham feito foi dar o primeiro tiro da batalha final, e perderam metade do contingente nesse passo. Não havia espaço para mais erros.

Todas essas ideias e especulações voaram pela mente de Peter no tempo que ele levou para se levantar e ir até o núcleo. Observando-o, imaginou como seria o funcionamento. Tecnologia avançada não era a sua especialidade. Ele estendeu a mão e tocou o campo de força.

Uma explosão reverberou pelo edifício. Talvez o ECL ainda estivesse bombardeando tudo pelo caminho até o térreo; talvez o caos desatado na sala de controle tivesse gerado uma espécie de reação em cadeia.

– Ororo – disse ele. – Devemos tentar sobrecarregar esse campo de força, ou vai ser mais rápido passar por ele e tentar destruir a fonte de energia do sistema de controle? Logo vão chegar mais Sentinelas aqui.



Rachel disse alguma coisa, um pouco baixinho demais para Kitty entender.

Ela desviou o olhar do edifício Baxter para lhe dar atenção, depois voltou ao prédio. Fumaça desprendia-se do topo, e em pelos menos três pontos as chama brilhavam, em andares diferentes.

– Que foi, Rachel?

– Deixa pra lá.

Os últimos guerrilheiros do ECL irromperam pela entrada principal, e, segundos depois, uma explosão estourou todas as janelas que davam para a avenida Madison e a Rua 42. O Sentinel derrotado, sentado na parede, caiu de lado, enquanto o ECL seguia Rick até Kitty e Rachel.

– Vocês têm notícias? – ele perguntou.

– Não sabemos de nada – disse Kitty. – Eu, não, pelo menos. O que viram lá dentro?

– Ficamos nas partes mais antigas do prédio. Os Sentinelas não reformaram tudo. Espiávamos da escadaria de incêndio, explodíamos todos os eletrônicos e íamos descendo – disse Rick. – Foi o que Logan pediu para fazermos.

– Viram todos eles lá dentro?

– Logan, Peter, Ororo. Tinha mais gente? Foi tudo o que vimos. Ouvi vocês falando de outra pessoa. Ele...?

– São só eles, mesmo. Só nós – disse Kitty.

Rick olhou para o topo do prédio.

– Está acontecendo alguma coisa – disse. – Difícil saber; só sei que não é coisa boa.

– Como vamos saber se deu certo?

– Se você vir os Sentinelas começando a zanzar por aí como se não soubessem o que fazer, isso é um sinal – disse Rick. – Se o transmissor lá de cima for destruído, eles não vão poder ouvir uns aos outros.

Os reforços dos Sentinelas já começavam a chegar ao edifício Baxter. Do norte, três pousaram no telhado e desapareceram. Outros três apareceram marchando na avenida Madison, e foram ficar de guarda na Rua 43.

Seis Sentinelas vindos do oeste pousaram na Rua 42, entre a Madison e a Quinta. Três deles se separaram e foram até o cruzamento com a Madison. *Perto demais para o meu gosto*, pensou Kitty – mas contanto que os poderes dos mutantes não interagissem com o ambiente, os Sentinelas não pareciam notá-los. Ou isso, ou estavam inteiramente focados no ataque armado ao edifício Baxter.

Talvez isso nem fizesse diferença. O importante era que Rachel ainda se mantinha viva, e os Sentinelas não as incomodavam. Por ora, pelo menos.

Pelo visto, Rick era da mesma opinião.

– Baixem as armas, pessoal. Devagar, sem barulho. E longe das vistas. Vamos embora daqui – disse ele. – Não temos como dar conta dos Sentinelas. Vocês vêm?

– Não – disse Kitty. – Não vou largar meus amigos.

– Tem certeza? Acho que as coisas não estão indo muito bem.

– Mais motivo ainda pra ficar.

– Bem, boa sorte pra vocês, então – disse Rick. – ECL, desaparecer. Encontrar no ponto Chuck.

Os demais soldados do ECL sumiram ao leste, para longe dos Sentinelas mais próximos. Deixaram as armas atrás do anteparo, nas escadas que davam para a estação de metrô. Kitty sentiu uma pontada de preocupação. E se os Sentinelas reparassem nas armas? Sob as atuais circunstâncias, ela achou que isso bastaria para que ela e Rachel fossem vaporizadas, sem conversa. Não podiam ficar ali, mas não sabia ao certo se a colega podia ser transportada.

Rick ficou por ali mais um instante.

– Última chance. Levo vocês duas comigo, se quiserem ir. – Ele fitou os Sentinelas, depois voltou a Kitty. – Se quiserem, é agora.

– Não com eles lá dentro ainda.

– Ok, então – disse Rick, e foi embora.

Os Sentinelas colocaram-se em posição. Um deles viu Kitty e Rachel, mas voltou sua atenção ao edifício Baxter. Suas ordens aparentemente não incluíam limpar a área de destroços humanos largados contra o corrimão no topo da escadaria do metrô.

Fazia sentido. Se os Sentinelas pudessem conter Logan, Tempestade e Peter dentro do prédio, o que acontecesse lá fora não faria diferença. Kitty não podia intervir. Nem Rachel. Magneto poderia causar certo dano, mas devia estar morto a essa hora. Mesmo que não estivesse, talvez não fosse capaz de sair do campo.

– Oh, não – disse Rachel. Estava de olhos fechados, e a respiração ia ficando cada vez mais lenta e superficial.

Kitty nem ousou perguntar o que acontecera.



Peter ouviu um som similar a um freio pneumático sendo solto – um jorro rápido de ar, percussivo. Imaginou uma mangueira estourando. Alguma coisa devia ter se enfraquecido pelos diversos atos de destruição executados na sala, e agora finalmente se soltava.

Ororo não tinha respondido à pergunta dele ainda.

– Ororo, nós...

Peter virou-se para ela e congelou. Tempestade estava caindo, fincada no estômago por uma lança de aço de dois metros de comprimento. Atrás dela estava o Sentinel da cara estilhaçada, de braço estendido, com o tubo de disparo visível na palma da mão. Além dela vinham mais Sentinelas, abarrotados na sala de controle.

O Sentinel tentou dizer alguma coisa, mas seu aparato vocal fora danificado muito seriamente. Tudo que saiu foi mais uma série de guinchos e relinchos eletrônicos – entretanto, para Peter, eles soaram arrogantes e esnobes, como fora a atitude desse Sentinel classe ômega antes de ser silenciado por Tempestade.

Esta foi ao chão, enquanto Peter gritava seu nome.

O Sentinel disparou mais uma lança, travando a mira na voz de Peter. O metal atingiu-o bem na barriga, mas não fez nada além de recuá-lo um pouco. Ele contou mais três, quatro, cinco Sentinelas atrás do primeiro, tentando forçar sua entrada na sala.

Ororo tentou se levantar, mas suas pernas não respondiam. Ela virou o rosto e cruzou olhares com Peter. Ele não precisava de telepatia para saber o que ela estava pensando. Estava estampado no rosto dela, a mesma expressão que Rachel ostentara quando ele a deitara no túnel do metrô. Ororo sabia que ia morrer.

Seu olhar penetrou o mutante de aço, que já sofria pela perda – a líder que eles tanto desvalorizaram, quando Ciclope partira, tantos anos antes. Mas ela não estava com medo. Estava furiosa. A raiva projetou-se na forma de cargas

estáticas, causando curto-circuito em diversos equipamentos ao redor da sala de controle. A eletricidade fulgurava nos painéis dos consoles, e os cabelos de Tempestade se encrespavam. Ela agarrou a lança que lhe brotava debaixo do esterno, mostrando os dentes. Então a eletricidade se apagou. Peter viu a luz nos olhos dela ceder também.

E rugiu; um som animalesco que rejeitava tudo que ele sempre defendera. Era a morte da paz. A morte da fé. Franklin, Logan, Ororo. Em breve, Rachel...

E quanto a Kate? Sozinha lá embaixo, na rua, ou travando uma batalha condenada no passado, para sempre inalcançável. Ela também se fora – ou logo iria. Peter era o último. O último X-Man, o último mutante, o último soldado numa causa perdida – enfrentando um futuro que existia apenas para destruí-lo e àqueles que ele amava.

Que seja, ele pensou.

Peter já conhecia a raiva. Ali, foi apresentado ao ódio.



15

ENQUANTO OS X-MEN AINDA SE LEVANTAVAM DO CHÃO – e Anjo ainda se reorientava após ser arrastado violentamente pelo tornado de Tempestade –, um segundo estouro ressoou dentro do prédio do Senado. Parede nenhuma desabou dessa vez. Não era o som de uma explosão, mas de um soco com tamanha força que podia ser registrado na escala Richter.

Colossus voou do prédio num arco alto. Antes que Tempestade pudesse contê-lo ou Anjo tentasse resgatá-lo, o mutante de aço pousou com tudo, de costas. O impacto gerou uma pequena explosão de grama, terra e concreto estilhaçado na praça entre o Senado e o gramado do parque.

No momento seguinte, Blob pulou pela mesma abertura.

– Eu avisei, russo! – gritou ele. – Nada me tira do lugar se eu não quiser sair! Mas posso andar por aí, mesmo sendo tão pesado! E logo, logo você vai descobrir como eu sou pesad... *whuuf!*

Alguma coisa estalou no agrupamento militar, a quase cem metros dali, e a ostentação de Blob foi interrompida pela força de um raio de choque. Tempestade reconheceu o som e, tardivamente, a arma móvel que o produzira. Era parte de um projeto avançado das Indústrias Stark, baseado na tecnologia repulsora de Tony Stark. Ele devia ter licenciado o item para os militares anteriormente, antes de ter abandonado a área de defesa.

A imensa massa de Blob absorveu boa parte do impacto do raio em pleno ar. Mas quando não estava em contato com o solo, nem mesmo ele era imóvel. O raio o defletiu um pouco – apenas o bastante para que, quando ele caiu com um estrondo no solo, seus pés abrissem um buraco no piso de concreto da praça em vez de no peito de Colossus. Após levantar-se às pressas, este atacou imediatamente para aproveitar a desvantagem momentânea de Blob – mas um segundo disparo de raio de choque o atingiu em cheio nas costas, arremessando-o para o outro lado da praça. Ele deslizou até parar, formando um montinho de concreto partido, atordoado pelo impacto.

– Não! – Tempestade gritou. – Somos seus aliados!

Assim que disse isso, ocorreu-lhe que seu esforço era em vão. As forças do exército não se dariam o trabalho de distinguir um grupo de mutantes do outro, independente das proclamações que pudessem ter visto registradas na sala do Senado. A Irmandade vencera a batalha e conseguira transformar todos os mutantes em inimigos declarados. O que restava, portanto, era salvar o senador Kelly, subjugar a Irmandade e escapar para começar uma contraofensiva sobre a intolerância perniciosa do político.

Um terceiro canhão de choque disparou, e o raio esmagou Avalanche contra a parede frontal do prédio do Senado, agora destruída. Ele desapareceu em meio aos destroços que caíram.

Tempestade ouviu os soldados ovacionando. Ela também quis comemorar. Quanto mais danos o exército causasse na Irmandade, mais perto os X-Men ficavam de alcançar seu objetivo.

Blob foi para cima de Colossus, ainda se recuperando, e usou uma placa enorme de concreto como alavanca para tombar o inimigo e depois prendê-lo debaixo. Até mesmo em sua forma de aço orgânico, Peter estava levando uma surra. Ia precisar de ajuda.

Nenhuma outra saraivada foi disparada pelos canhões de choque. Talvez precisassem de tempo para recarregar. *Isso nos dá uma abertura*, pensou Tempestade. Mas então uma fileira de soldados avançou com lança-chamas e começou a produzir uma parede de fogo. Tempestade procurou pedir que ficassem longe, mas resolveu poupar o fôlego. Eles não lhe dariam ouvidos.

– Péssima ideia, cavalheiros – disse Pyro, quase cantarolando, ao dar um passo à frente. Com um gesto, ele pôs as chamas sob seu controle. – Querendo usar fogo contra mim? Espero que o exército lhes dê pensões adequadas. Os sobreviventes vão precisar.

Os soldados cortaram a emissão dos lança-chamas, mas era tarde demais. Pyro tomou as chamas e as moldou numa imensa criatura demoníaca, rejubilando-se no terror que causou. Ele podia, facilmente, ter apenas empregado uma parede de fogo, mas dar a suas criações um rosto e uma expressão de senciência fazia delas muito mais ameaçadoras. A criatura impôs-se sobre os soldados, que recuaram, cambaleando, e puseram-se a fugir – mas não havia como serem mais rápidos. Pegadas chamuscadas do

tamanho de um carro popular, espaçadas seis metros umas das outras, mediam o progresso do monstro de fogo ao longo da praça.

Anjo traçou um voo rasante em frente à criatura flamejante. O monstro virou sua atenção para ele, dando aos soldados poucos, mas preciosos segundos para escapar. Pyro soltou uma série de palavrões, lutando para manter a coesão de sua criatura. O demônio de chamas brandiu e tentou bater em Anjo, que plainava e mergulhava, escapando das garras de fogo.

– Não posso ficar aqui pra sempre, pessoal! – ele gritou. – Alguém dê uma mão aqui e acabe com o Pyro!

Após derrotar Colossus, Blob voltara-se para Wolverine – mas dessa vez, fora com sede demais ao pote. Wolverine não se importava com quão pesado era o oponente. Suas garras de adamantium não eram afetadas por massa alguma.

– Qual o problema, xará? – grunhiu Logan. – Pensei que fosse invulnerável. Não está com medo dessas garras aqui, está?

Blob não respondeu. Estava ocupado demais tirando seu corpanzil do caminho das garras de Logan. Ele arrancou lascas de concreto do solo e as estendeu para se proteger, mas Logan as rasgava tão rapidamente quanto o outro as podia descascar. Blob não ousaria chegar perto o bastante para que Logan tivesse chance de acertá-lo. Sabia que sua massa imóvel seria fatiada antes mesmo de ele poder dar um soco.

Assim como Blob, Tempestade também não queria que isso acontecesse, mas por um motivo diferente.

– Logan, pare! – ela gritou, mas Wolverine não escutou.

Os X-Men não podiam ser vistos matando pessoas ali. Logan, em sua fúria sanguínea, nem pensava nisso. Tempestade, sim.

A ajuda chegou de fonte inesperada: Pyro, que tinha recobrado o controle de sua criação de fogo. Com gestos das duas mãos, como se desse ponto em bala, dividiu-a em duas.

– Abracadabra! – proclamou. – Partenochâmase! De um monstro de fogo, criei dois!

As duas metades do primeiro monstro cresceram em estatura até que ambas ficaram ainda maiores que o original. Ondas de calor emanavam delas,

deformando a praça sob seus pés. Uma delas continuou a perseguir Anjo, mas o mutante alado bateu forte suas poderosas asas e soprou longe pedaços da criatura. Estava usando a própria natureza para derrotá-la: o ar pode ser vital ao fogo, mas em excesso é fatal.

O outro monstro de fogo era problema maior. Ele fluiu subitamente por cima de toda a praça e foi até Logan, erguendo-o no ar com garras incandescentes. Logan gritou, em agonia incomum. O mutante podia suportar quantias absurdas de dor, e se curava mais rápido do que praticamente qualquer pessoa do mundo, mas nem mesmo ele sobreviveria se queimado vivo por tempo demais.

O vento soprado por Anjo no combate ao outro monstro de fogo deu uma ideia a Tempestade.

– Aguente firme, Logan! – ela gritou.

Tempestade voou para o alto, galgando centenas de metros de altura em segundos, para então curvar-se e mergulhar reto na direção de Logan. O monstro de fogo o trazia para si, para o que certamente seria um abraço fatal.

– Ora, ora, olha isso! – disse Blob. – Cadê aquela panca toda agora... *xará*?

Logan rugiu e brandiu as garras inutilmente contra os braços da criatura, preso por garras que nem mesmo as dele podiam ferir.

Mas o vento podia. Tempestade passara anos investigando diversas maneiras de usar seus poderes mutantes; ela sabia que, enquanto os relâmpagos e furacões eram os melhores instrumentos brutos à sua disposição, métodos mais sutis de manipular os elementos também estavam a seu dispor. Tempestade reuniu ventos a seu redor enquanto mergulhava, acelerando para mais de trezentos quilômetros por hora. Quando parou de repente, poucos metros acima do chão, trazia consigo uma bola de vento que atingiu o monstro de fogo com o poder de um tornado concentrado num único golpe. Ele foi desintegrado às fagulhas.

Logan caiu no chão, com braços e tronco visivelmente chamuscados. As queimaduras eram tão severas que um homem normal teria caído instantaneamente, em choque fatal. Mas Logan ficou apoiado nas mãos e nos joelhos, rangendo os dentes, até que sua carne começou a se curar.

– Voltamos à estaca zero, Tempestade! – Pyro gritou, provocando. – Mas pelo visto seu amigo animalesco está um pouco pior!

Pyro voltou toda a sua atenção para o monstro de fogo sobrevivente, usando-o como vanguarda para chegar mais perto dos soldados ali perto. Anjo mergulhou por trás dele e meteu-lhe dois pés nas costas, mas recuou rapidamente quando o monstro de fogo quase vaporizou suas asas. Espiralando para o alto, fora de alcance, Anjo viu o monstro continuar seu avanço contra a fileira de soldados. Eles abriram fogo e deram tudo que tinham, mas pelo visto as Indústrias Stark não lhes tinha fornecido armamento avançado anti-monstro-de-fogo.

Noturno, tendo finalmente chegado à sala, teleportou-se para perto de Logan.

– Logan, *mein verruckt freund*, você está bem?

– Vou viver – Logan grunhiu. – Mas mais alguns segundos... Fiquei devendo à Tempestade, isso é fato. Cara, doeu *muito*.

– Pra você admitir isso, deve ter... mas que *diabos*!

Noturno olhava para a frente, chocado. Logan acompanhou o olhar do amigo e viu outro Noturno saltando para perto deles.

– Wolverine, cuidado! Esse não sou eu! – avisou o segundo Noturno. – Alguém da Irmandade deve ser um metamorfo!

Os dois Noturnos colidiram e saíram rolando pelo gramado. Ainda sofrendo com as queimaduras, Logan olhava de um para outro, estupefato.

– Seja quem for, vilão – disse um deles –, comprou briga com quem não devia. Passei tempo demais me acostumando com esta pele, e gosto de ser único. Não aceito muito bem essa coisa de sósia.

– Nem eu! – disse o outro.

Sob circunstâncias normais, Logan teria sido capaz de distinguir os dois Noturnos. Era muito difícil enganar seu olfato. Mas seu nariz ainda se recuperava de ter inalado fogo, e as duas figuras eram idênticas. Então ele optou por uma abordagem mais direta e decisiva. Um metamorfo podia ter a aparência de Noturno, mas certamente não poderia teleportar-se, como ele. Logan desembainhou as garras.

Tempestade voou até ali, alarmada.

- Logan, o que está fazendo?
 - Vou descobrir qual desses gêmeos é o Noturno de verdade. Ele vai poder se teleportar quando vir estas duas aqui vindo.
 - Guarde as garras – disse a líder.
 - Estamos numa briga aqui, ‘Ro – disse Logan. – Não é hora de debater.
- Ororo entrou na frente dele.
- Logan, guarde as garras ou use primeiro em mim.

Wolverine baixou a cabeça e inclinou-se sobre ela, mantendo as garras para trás, mas a postos.

- Isso pode ser arranjado, gatinha.

Os dois Noturnos ainda socavam um ao outro. Anjo tomava medidas drásticas contra o monstro de fogo de Pyro, erguendo soldados e passando-os por cima das barricadas, para protegê-los – mesmo depois que um deles tentou dar-lhe um tiro. Blob arrancava pedaços de concreto do chão e arremessava nos soldados – ou talvez em Colossus, difícil dizer. A fumaça de pequenos focos de incêndio dentro do Senado e no parque obscurecia o campo de batalha.

Nada disso importava. Wolverine precisava resolver um problema com Ororo.

- Eu sou a líder dos X-Men – disse ela, contendo o tom de voz, sem sair do lugar. As garras de Wolverine estavam a centímetros de eviscerá-la. – Você usará suas garras quando eu mandar usar. Do contrário, não.

- Eu não aceitaria isso do Ciclope – Wolverine rosnou.
- O que importa não é o que você e Ciclope fariam, mas o que você e eu faremos – Ororo respondeu. – Se você sair por aí rasgando tudo em qualquer problema, que imagem terão os mutantes?

- Vão nos odiar de qualquer jeito – disse Logan. – Não estou em busca de gratidão.

- Então, se não se importa com os humanos, importe-se com seus irmãos mutantes que sofrerão se você virar a opinião pública contra eles. Você é forte. E rápido. Quase invulnerável. Use suas garras somente contra os inimigos mais mortais e poderosos.

Wolverine encarou a líder por mais um momento, depois retraiu subitamente as garras.

– Ok, Tempestade – disse ele, usando o codinome, deixando bem claro como estava bravo. – Vamos fazer do seu jeito, por ora. Mas essa conversa não terminou. Ainda tem muito chão.

Então o solo inchou e chacoalhou sob os pés deles, desequilibrando Logan e jogando Tempestade no ar. Avalanche, de olho na faixa ondulante de concreto e terra que erguera, brincou:

– Dona, já que você e o seu amigo peludo preferem discutir a lutar, achei justo eu dar uma carona pra algum lugar onde possam conversar em paz!

– Logan, pegue a minha mão!

Tempestade estendeu o braço e quase pegou Logan. Ele caiu e rolou por cima da onda de detritos de Avalanche.

– Tarde demais! Se você não tivesse ficado com frescura, não teríamos esse problema! – Logan gritou de volta. – Quem vai ajudar o Noturno, agora?

– Eu quero ajudar, Wolverine! – disse um dos Noturnos.

O outro parecia concordar.

– Vou terminar essa briga eu mesmo!

A força da onda sísmica carregou Logan para longe dos Noturnos e o fez rolar até parar sob uma chuva de pedaços de concreto. Uma lata de lixo voadora o atingiu bem na nuca. Ele ergueu o rosto e viu Colossus correndo até ele, carregando um pedaço de quase dez metros de viga na horizontal.

– Wolverine, vem comigo! Preciso que me ajude a cuidar do Blob!

– Eu cuido dele, pode deixar – disse Logan, mostrando novamente as garras.

– Não! Tenho um plano melhor. Dá conta dele sem matar.

– Acha isso melhor? – Logan suspirou. – Ok, Petey, seu pacifista. Que quer fazer?

Blob arremessou mais um imenso naco de concreto, como se fosse um disco. Ele atingiu um dos canhões de choque e o esmagou para trás, partindo o cano ao meio e espirrando os tripulantes para fora. Os dois outros canhões acabavam de recarregar, se era isso que o crepitava no cano estava indicando. Blob jogou outro disco e rosnou:

– Acham que podem atirar em mim? Tomem isso, então!

Começaram a chegar nuvens, rápidas demais para serem normais, e Logan viu uma tempestade de areia rolando por sobre o parque. Avalanche apareceu logo depois, fugindo da poeira, xingando Ororo e sacudindo a terra aleatoriamente ao redor de si, em pura e incoerente fúria.

Perto do cerco do exército, Anjo continuava retirando soldados que corriam risco de ser queimados pelo monstro de fogo de Pyro. O equipamento pesado dos soldados que restara começara a queimar e derreter com a aproximação da criatura. Pyro vinha logo atrás, usando e abusando das chamas secundárias que se desprendiam do monstro – e brincando de gato e rato com Anjo. O mutante alado batia as asas furiosamente, criando poderosas correntes de vento para extinguir as chamas tão prontamente quanto Pyro as podia criar.

– Sabia que devia ter espetado o inglesinho quando tive chance – disse Wolverine. – Mesmo com o que a ‘Roro disse.

– Não vai ficar surpreso em saber que discordo – disse Colossus. Ele acenou com o rosto para certo ponto no chão. – Rápido. Ajoelha.

Wolverine obedeceu, e Colossus amparou a viga em cima do ombro direito do colega.

– Entendi, camarada – Wolverine respondeu. – Como dizia Arquimedes: me dê uma alavanca das boas e eu posso mover o mundo.

Blob ergueu o braço para mais um arremesso, enquanto Colossus pôs peso na outra ponta da viga.

– Blob! – Avalanche gritou.

Blob começou a reagir, mas era tarde demais. Com Wolverine como sustentáculo, a viga pendeu – erguendo a outra ponta e pescando Blob como numa gangorra no instante em que ele lançava um novo projétil. A viga o levantou, com os princípios da física vetorial imprimindo tremendo impulso angular em toda a sua massa, e o jogou para o ar.

– Aaaaoooow! – ele gritou, aturdido por ter sido tirado do chão.

Wolverine sentiu seus ossos de adamantium roçarem uns nos outros com a força que a viga pressionou contra suas costas. Mesmo quando não estava bancando o irremovível, Fred J. Dukes dava muito trabalho.

– Agora vem a parte dois – disse Colossus, vendo Blob voando em arco pelo ar.

– Estou curioso – disse Wolverine. – Movemos o cara, ou tiramos a terra de debaixo dele? Vou precisar de um quioprata.

– Não sei se existe quioprata que lida com adamantium, meu amigo – disse Colossus.

Avalanche estava prestes a criar mais um evento sísmico. Tempestade, acima dele, no ar, começou a reunir ventos e chuva – mas já tinha esgotado a área circundante para criar o que jorrou dentro do Senado. Os finais de outubro em Washington não eram lá muito úmidos, mas conforme Tempestade concentrava umidade e energia, nuvens começaram a vir rolando por cima do Potomac. Um relâmpago não poderia fritar Avalanche – disso ela sabia –, mas o deixaria incomodado o bastante para não conseguir desferir outro ataque perigoso.

Ela o atingiu com chuva e neve, que desceram de um céu de verão, e ergueu redemoinhos de poeira ao redor do inimigo para interferir em sua visão. Avalanche atacou furiosamente em todas as direções, distribuindo ondas de choque por todo o parque. Se tivesse feito isso dentro de um prédio, teria reduzido a estrutura a cascalho.



O tremor fez os dois Noturnos saltarem no ar, separando-os. Quando voltaram à terra, estavam mais uma vez cara a cara.

– Você não sou eu – disse Kurt. – Quem é, então?

O dublê lutava, fintava, girava e chutava exatamente como ele – como se tivesse vivido com o corpo de Kurt a vida toda. Quem era ele? Kurt atacava, rápido e forte, desdenhando a teleportação por conta de um senso misto de raiva e *fair play*. Por um lado, queria matar o impostor. Por outro, havia algo na situação que lhe cutucava a tendência vergonhosa de querer testar-se tanto física quanto emocionalmente. Poderia ele enfrentar seu sósia sem usar as habilidades que este não possuía?

Poderia ele, em outras palavras, derrotar a si mesmo?

O outro motivo pelo qual ele evitava o teleporte era, claro, mais prático. Se ele nocauteasse o sósia muito cedo, talvez este jamais revertesse para a forma original. Então a investigação seria postergada – e tempo era algo que os X-Men não tinham. Tratava-se, sem dúvida, de um membro da Irmandade, e Noturno precisava identificar qual era o mais rápido possível.

Por isso, pôs-se a lutar com o dublê, e a provocar esse dublê, para no fim cansá-lo e forçá-lo a revelar sua verdadeira natureza.

- Você também não sou eu – disse o sósia.
- *Stimmt* – Kurt retrucou, e os dois se atracaram de novo.



Quando viu Blob ser catapultado para o ar, Tempestade foi tomada pela surpresa. Como poderia...? Então ela olhou para baixo e viu Wolverine se levantar, largando da comprida viga de aço. Ororo quase abriu um sorriso. Sua concentração vacilou por um segundo.

Então ela viu Avalanche, focado agora em Colossus e Wolverine. O sorriso que se formava desapareceu. Ela teria que acertá-lo agora – com potência total. Mas não o mataria.

Contudo, logo ela entendeu a segunda parte do plano de Peter, e finalmente sorriu.

Blob voou para o alto por mais de sete segundos, quase oito. Acabou que esse foi exatamente o tempo de que Colossus precisou para envergar a viga até partir, descartar uma metade e apoiar a outra no ombro direito, apontada para o alto, como se tivesse crescido no Brooklyn em vez da Sibéria.

Blob foi caindo, girando no ar. Ele viu Colossus. Viu a viga quebrada. Escancarou os olhos. Colossus rebateu.

O impacto fez a viga dobrar em forma de vírgula com um barulho tão alto que fez doer os ouvidos de Wolverine. Blob voou feito foguete por sobre a praça – direto para Avalanche, cujos olhos foram se abrindo cada vez mais atrás das fendas do capacete.

- Blob! Não! – ele gritou.

O barulho da massa voadora de Blob atingindo Avalanche foi quase tão alto quanto o do impacto do taco improvisado de Colossus. Avalanche foi nocauteado, e seu capacete saiu rolando pela praça. O impacto quase não alterou o progresso de Blob. Ele voou mais uns trinta metros, até rolar pela praça destruída e parar não muito distante do cordão militar.

– Isso é o que eu chamo de uma tacada com efeito – disse Wolverine.
– Não sou tão conchedor de beisebol – disse Colossus. – E eu achava que você era canadense.

– Faz muito tempo que estou do lado de cá da fronteira. Não tem como passar todo esse tempo aqui e nunca ir ver um jogo.
– O Bronx fica bem longe – brincou Colossus.
– Se o jogo for bom, vale a pena. Ah, e tem os Mets. Ué, e você nunca ouviu falar dos Blue Jays?

Colossus não respondeu.

Dois membros da Irmandade já eram.

– Logan! Peter! Vocês estão bem?

Tempestade desceu até eles.

– Tudo bem, ‘Ro – disse Wolverine. – Vamos cuidar do Pyro. Ainda não cansei de dar porrada.
– Acho que agora é minha vez, meninos – disse Tempestade. – Não trouxe todas essas nuvens aqui pra nada.

Ela saiu voando, ganhando os céus mais uma vez. Pyro guiava seu monstro de fogo para cima dos soldados. Dois dos canhões de choque tinham derretido, e o terceiro estava aos pedaços após os ataques de concreto de Blob. Os soldados tentavam manter o monstro de fogo – e Pyro – longe dos civis detrás do cordão, que não tinham a noção básica de manter distância prudente de todas aquelas explosões e chamas.

Contudo, Tempestade tinha a solução para todos esses problemas. Abaixo dela, Wolverine e Colossus corriam para os Noturnos, que lutavam, passando bem longe dos corpos inertes de Blob e Avalanche.

Tempestade ganhou altitude e abriu os braços. A eletricidade estática das nuvens reunidas crepitou, intensificou-se e desceu em lambidas sobre a

mutante, na forma de relâmpagos. Estalando por toda a pele dela, o raio estendeu sua capa para os lados.

– Ela sabe dar um show – disse Logan. – O único problema é não saber quando é hora de matar.

– Deixa pra lá – disse Colossus. Sabia onde Logan queria chegar. – Imagina se você ataca o Kurt com as garras, achando que ele vai desaparecer. E se estiver errado, e ele ficar parado?

É difícil dar de ombros e correr ao mesmo tempo, mas Logan conseguiu.

– Confio nele. Você vai ver.

Estavam perto dos Noturnos, cujo combate estava em total empate. Isso era de se esperar, claro, mas o uso natural que Kurt fazia de suas habilidades teria lhe concedido vantagem. De um jeito ou de outro, Logan imaginou que acabariam resolvendo a situação. Ele sentiu aquela coceirinha nas costas das mãos, a mesma que sempre sentia quando queria desembainhar as garras.

Quando estavam a menos de cinquenta metros dos Noturnos, com o monstro de fogo prensando os soldados contra o cordão e Pyro avançando logo atrás, Logan sentiu uma mudança no ar. Quando olhou para cima, viu Ororo de rosto erguido e a boca aberta num sorriso de puro êxtase. Filamentos de eletricidade fulguravam em volta dela. Com o estrondo de um relâmpago, ela trouxe a chuva.

Ororo lera certa vez que uma nuvem de chuva pesava em média aproximadamente cinco mil toneladas. Ela acabara de reunir diversas delas, e agora fazia o menor dos ajustes em sua química e temperatura. O que fora vapor de água suspenso tornou-se bilhões de gotas de chuva, caindo em camadas que esvaziaram as nuvens em segundos. A chuva desabou sobre Pyro e sua criação de fogo, abafando-a com tanta água que até o vapor resultante de seu desaparecimento foi varrido antes que alguém pudesse ver.

Pyro não durou muito tempo. Ele olhou para o alto e viu o que Tempestade estava armando. Ele tentou usar os relâmpagos como fonte de novas criações de fogo, mas Ororo as apagou tão rapidamente quanto foram criadas. Então a chuva o atingiu com o poder de uma mangueira de incêndio.

Wolverine viu Pyro cair, esmagado no concreto da praça pela força da precipitação. *Bem feito*, pensou. *Mesmo eu tendo perdido a chance de fatiar o*

cara. Fazer o quê? Todo mundo tem que abrir mão de algo de vez em quando.

Ele olhou para os soldados. Já estavam entrando em formação, preparando-se para vir atrás dos X-Men. *Era de se esperar*, pensou Logan. *Toda vez que há chance de acabar, não acaba. Talvez vá ser assim mesmo, não importa o que Kate faça no corpo de Kitty. Talvez os Sentinelas sejam mesmo o nosso futuro.*

Mas ainda que isso fosse verdade, ele pretendia lutar até o final.



Kurt estava ficando cansado. Mas seu sósia também. Tinham se esquivado e golpeado, atacado e contra-atacado, socado um ao outro com punhos e pés até ficarem ambos ofegantes e cada vez mais descuidados.

Ele resolveu tentar uma de suas fintas favoritas, uma que envovia uma queda de ombro que seguia para um giro reverso tirando vantagem da hesitação do oponente ao ver a finta inicial. Se o oponente estivesse um pouquinho cansado que fosse, mas ainda tentasse reagir como se tivesse capacidade total, o *timing* seria perfeito.

Kurt baixou o ombro como se fosse posicionar-se para dar um chute com a perna oposta. Então, flexionando essa perna, ele girou num chute reverso. Mirou alto o bastante para que o sósia tivesse dificuldade de erguer os braços cansados para bloquear o golpe, mas baixo o bastante para que ele não conseguisse contrair os músculos fatigados do abdômen para se esquivar.

Foi mais difícil do que Kurt imaginara não usar seu poder de se teleportar – mas também muito mais gratificante. Ele sentiu o calcanhar fazer contato sólido com osso e avançar ainda mais, e o impulso da perna trouxe junto todo o corpo dele, girando no eixo da perna de apoio, de modo que ficou de frente para o sósia...

... que começou a se transformar enquanto ia ao chão.

– *Unglaublich!* – Kurt exclamou.

Não era o sósia, mas *a* sósia.

Lá se foram as minhas hipóteses, pensou Kurt.

– Você é... a Mística!



Anjo mergulhou dos céus após ter visto o aquífero golpe de misericórdia de Tempestade contra Pyro e pairou sobre os Noturnos belicosos, hesitante, e viu quando um deles meteu um golpe decisivo no outro. Anjo voou mais baixo, sem saber se ajudava o Noturno derrubado ou congratulava o que ainda estava de pé. Então ele viu um deles se transformar, embora a forma moldada continuasse a ter pele índigo e olhos amarelos, sem pupilas...

Meu Deus, pensou Anjo.

– Você? – disse Kurt, fitando Mística. – Você é uma metamorfa?

Mística sorriu para Noturno. Anjo achou que foi a expressão mais triste e odiosa que já vira na vida.

– Sua pele – Kurt prosseguiu. – Seus olhos. Se essa for sua verdadeira forma, *mein Gott*... Somos tão parecidos!

Os soldados que não estavam ocupados em prender Blob e Avalanche avançaram feito um enxame sobre a praça. Não havia tempo para os X-Men concluírem os trabalhos. Os soldados chegariam em instantes.

– Como pode, Kurt Wagner – disse Mística, enfatizando o W pesado e o A curto da pronúncia alemã –, você não ser tão único quanto pensava?

Chocado, Noturno aproximou-se.

– Quem é você?

Os soldados os cercaram e gritaram para que Noturno erguesse as mãos e deitasse no chão. Mística recuou com tranquilidade e misturou-se a eles, mudando a forma de seu rosto e roupas.

– Quem é você? – Kurt gritou.

Ficou olhando de soldado em soldado em busca de algum traço da mulher que possuía tantos traços em comum com ele. Mas não havia como saber qual deles era ela, agora. Kurt começou a teleportar-se, pipocando rapidamente por entre toda a fileira de soldados. Eles apontavam as armas para o mutante, gritando ameaças e comandos enquanto seus colegas soldados retornavam do gramado em chamas.

– Vamos, parceiro! – pediu Anjo, voando baixo e abrindo bem as asas para desacelerar a chegada dos soldados.

Eles gritaram ordens, apontando os rifles para o alto e mandando que ficasse onde estava – mas não chegaram mais perto.

Kurt e Anjo encontraram-se no solo. Wolverine juntou-se a eles. Estava bem melhor agora, mas os efeitos do monstro de Pyro estavam ainda estampados na pele dele.

Que maluquice, pensou Kurt. Unglaublich!

– O exército prendeu Blob, Pyro e Avalanche – disse Anjo. – Agora querem pôr os X-Men na coleção. Aquela era a Mística, não era? Pra onde ela foi?

Tempestade veio descendo, enquanto Noturno respondia:

– *Keine Ahnung*. Ela se misturou; mudou de forma de novo. Quem é ela? Parece tanto comigo. Ou talvez eu é que pareça com ela.

– Parece que todas as nossas ações não mudaram a opinião do exército sobre nós – disse Tempestade. – Mas tenho a solução. Essas nuvens poderão ser úteis de novo. – Ela baixou as nuvens para cobrir a praça numa camada grossa e rasteira de neblina. – Vamos nos encontrar no aeroporto assim que encontrarmos Kitty.

– Kate – disse Peter.

– Isso, Kate.

– E Charlie – disse Wolverine. – Ele fez contato com algum de vocês? Não ouvi nem um pio.

Ninguém tinha ouvido. Os X-Men apressaram-se em meio à neblina, tentando não ser vistos pelas patrulhas do exército que varriam o parque em busca de qualquer coisa que tivesse a ver com a incursão dos mutantes e seus resultados. Fachos de luz de lanterna fincavam a neblina. Policiais davam instruções para formar perímetros e redes de busca.

– Rápido – Tempestade sussurrou. – Temos que achar o professor Xavier. Com tudo que aconteceu, certamente ele teria nos contatado se pudesse.

O grupo seguiu para o Senado e parou no canto mais distante do Capitólio. Nenhum deles enxergava muito longe com tanta neblina, mas os traços da batalha estavam em todo canto – dos pedaços de concreto arrancados da praça aos buracos imensos no Senado.

Kate Pryde estava ali dentro, em algum lugar. Sem dúvida, ela se separara da equipe para proteger o senador Kelly. O que estaria fazendo agora? E onde

estava Sina, o único membro da Irmandade que ninguém tinha visto desde o confronto inicial, na sala de audiências?

Mística tinha escapado. Três outros membros da Irmandade estavam sob custódia do exército. Agora os X-Men tinham que garantir que o futuro horrendo de Kate Pryde não se tornasse realidade para todos eles.



16

RACHEL ESTAVA ENFRAQUECENDO. Kitty sabia disso, mas não podia fazer nada. Não podia fazer nada de nada. Só podia assistir. No dia seguinte, um ataque nuclear destruiria Nova York e incontáveis outras cidades. Se ela ainda estivesse viva, morreria. Seria o fim da história dos mutantes.

Uma explosão ressoou lá no alto, dentro do edifício Baxter. Um Sentinel voou pela parede e caiu numa chuva de vidro e aço, nocauteado. Ele pousou no meio da rua com um baque ensurdecedor, seguido pelo tilintar do detrito que caiu ao redor.

Outros Sentinelas correram até ele, transmitindo alertas e relatórios de *status*.

– Sentinel Ômega-J7 – disse um deles. – Você ainda está em funcionamento?

O Sentinel não respondeu.

Outro estrondo trovejante nas alturas anunciou mais um Sentinel que caiu. Este pousou em cima do porta-malas de um carro abandonado, fazendo-o pular e girar no ar. O carro atingiu outro Sentinel, desequilibrando-o.

Kitty olhou para o edifício Baxter quando mais robôs decolaram da rua, subindo feito foguete para o andar do centro de comando. Seis deles alcançaram o buraco ao mesmo tempo. Alguma coisa atingiu um deles bem na cara, esmagando-lhe parte da cabeça. Os foguetes dos pés apagaram; ele caiu dos mais de cem metros de altura, mergulhou na calçada e enterrou-se até a cintura no chão. Faíscas e chamas espirraram do buraco que fizera, e ele pegou fogo.

Os outros cinco Sentinelas acionaram os repulsores do peito. Outro míssil vindo de dentro do prédio atingiu uma dessas lentes repulsoras, sobrecarregando o mecanismo. O Sentinel explodiu feito uma bomba; pedaços ricochetearam nos outros quatro e estilhaçaram mais janelas. Seus braços deixaram traços espiralados de fumaça ao cair, e pousaram depois do tronco e das pernas – muito antes da cabeça, que quicou ao sul do

cruzamento, perto de Kitty e Rachel. Ela só foi parar quando chegou na calçada em frente à Biblioteca Pública de Nova York.

Os quatro Sentinelas restantes se reorganizaram e dispararam os repulsores simultaneamente. Kitty viu explosões dentro do prédio. Não podia acreditar que alguém poderia sobreviver, mas alguém sobreviveu. Uma viga comprida de metal, arremessada feito uma lança, empalou um dos Sentinelas quando tentava entrar pelo buraco. O robô soltou um guincho que foi captado e amplificado pelos diversos outros Sentinelas na rua, conforme retransmitiam um alerta de emergência. Então ele perdeu o apoio na beirada do buraco e caiu, quicando duas vezes na lateral do edifício Baxter no caminho, antes de pousar quase diretamente em cima de seu colega decapitado.

A avenida Madison estava coberta de pedaços de Sentinelas, e Kitty sentiu uma satisfação de predadora àquela visão. *Todos vocês morrerão*, pensou ela. *Todos, por todas as pessoas que mataram*.

Peter – pois só podia ser Peter lá em cima, visto que nem Ororo nem Logan poderiam ter jogado aqueles projéteis com tamanha força – ainda não estava satisfeito. Agora Kitty pôde vê-lo, na beirada do piso, estendendo os braços para o Sentinel mais próximo, arrastando-o para dentro pela cabeça. Ele agitou as pernas, depois ficou mole, largado na beira.

Mais reforços pousaram no edifício Baxter. Outros entraram pelo térreo, usando uma entrada reformada para seu tamanho. E mais outros ainda decolaram para forçar sua entrada direto no centro de comando.

A satisfação feroz de Kitty evaporou subitamente quando ela se tocou de que não vira Ororo nem Logan lutando.

– Oh, não – disse.

– É – disse Rachel.

Kitty olhou para a outra.

– Já sabia?

– Toda vez – disse Rachel, de olhos fechados. – Eu sinto. Senti Franklin. – Ela começou a chorar, e as lágrimas foram desenhando um traçado pálido pela sujeira de seu rosto. Estavam as duas sujas depois de terem passado

tanto tempo nos túneis e pela poeira erguida pelos combates. – Senti Logan. Senti Ororo. Senti cada soldado do ECL.

Kitty tentou limpar as lágrimas do rosto de Rachel, mas tudo que fez foi espalhar ainda mais a sujeira.

– Magneto? – ela perguntou. – Ele também?

– Não sei. Não estava pensando nele; ele estava bem mais longe... – As energias lhe falharam, e Rachel ficou em silêncio.

Kitty voltou a olhar para o alto. Uma série de lampejos brotou de dentro do prédio, iluminando o céu e deslocando mais detrito, que caiu em cascata sobre a avenida Madison, esmagando dois dos Sentinelas que chegavam para ajudar e obscurecendo os andares inferiores do edifício por trás de mais uma camada rodopiante de poeira.

– Peter – Rachel disse baixinho.

– Que tem ele? – Kitty perguntou.

– Morreu. Morreram todos.

Os andares superiores do prédio foram tomados pelo fogo, mas mais Sentinelas o abordavam, de todas as direções. Mais e mais deles chegaram de outras partes da cidade, alguns marchando na rua e outros voando em formações impecáveis por sobre o rio Hudson. Seus movimentos pareciam muito bem coordenados.

Rick dissera a Kitty que, enquanto os Sentinelas estivessem se comunicando, era sinal de que as antenas de controle ainda funcionavam.

Os X-Men fracassaram.

– Kitty, chegou a hora – disse Rachel. – Hora de você voltar pra casa.

Kitty prendeu a respiração. *Minha casa*, pensou. *Sim. Sair deste lugar horroroso.* Mas então ela olhou de novo para Rachel, com o rosto teso de dor e pelo esforço de manter-se viva.

– Não tenho mais muito tempo – disse Rachel.

– E se eu ficar? E se isso for o que era pra acontecer?

– Não. O fato de você voltar não vai mudar este futuro. Talvez nada possa ser desfeito depois que ele passar a existir. Mas talvez você crie uma cisão no futuro, e vai poder viver algo melhor. É o que espero. É melhor... – Rachel

teve que parar e respirar fundo. – Melhor você torcer por isso também – concluiu.

– Mas é o destino, não é? Era para eu vir pra cá. Não podia ser só para eu ver todo mundo morrer.

– Você vai voltar – disse Rachel. – E os Sentinelas vão vir me matar. É isso que vai acontecer, querida. Não tem outro jeito.

Sua outra versão, sua versão adulta, não saberia tudo que estava para acontecer. Se a troca de mentes fosse revertida agora, Kate Pryde voltaria para seu próprio tempo dando de cara com o cano das armas de uma dezena de Sentinelas. Ou cem. Por quanto tempo sobreviveria? Morreria sabendo que todos os amigos – e Peter – morreram antes dela?

Ou apenas morreria?

– Vou tentar, Kitty. Vou tentar... – Rachel não terminou a frase. Kitty não soube mais se a telepata ainda estava viva ou morta.

Os Sentinelas chegaram mais perto. Alguns se viraram para olhar para Kitty e Rachel, mas não deram bola, ainda focados em dar conta dos danos em seu centro de controle. Sentinelas de ranque inferior chegaram e começaram a remover os destroços espalhados ao longo de todo o quarteirão entre as ruas 42 e 43.

Kitty continuou sentada, quieta, aninhando Rachel e sentindo cada subida e descida superficiais da respiração dela.

– Eu devia ter feito alguma coisa – disse Kitty.

– Você fez – Rachel sussurrou. – Está aqui. Chegou até aqui.

– Não fiz nada. Só vi meus amigos morrerem.

– Eu também – disse Rachel, a voz audível somente porque Kitty se inclinara para escutar.

Perdemos, pensou a garota. Não vou nem chegar a ser adulta. Vou morrer neste futuro. E Kate – eu, esse eu que comecei a imaginar porque todo mundo falava dela – fracassou também.

– O que eu faço agora? – perguntou ela. – Tenho que fazer alguma coisa para ajudar?

Rachel não respondeu.

– Rachel? – Kitty chamou. Ela se inclinou mais uma vez e prestou atenção.
– Rachel?

Só sobrou eu, pensou Kitty. A última mutante viva, mas até quando? Ao seu redor, tudo ficou embaçado; ela fechou os olhos bem apertados para livrá-los das lágrimas e clarear a visão. Não adiantava nada chorar. Se era a última mutante, e se ia ficar presa nesse futuro, teria de se recompor e achar um jeito de sobreviver.

Pelo menos até que as bombas começassem a cair.

Teve vontade de desistir. Não tinha como negar. Se fosse morrer mesmo, por que não sair de cena num acesso de glória inútil? Podia levar um Sentinel junto, talvez mais. Era algo que aprendera ali.

Kitty soltou-se devagarinho de Rachel e pousou a cabeça da amiga gentilmente na calçada. O casaco que usava estava todo encharcado do sangue da mutante. Ela se levantou e tornou a fitar os últimos andares do edifício Baxter. Os Sentinelas entravam e saíam, já começando reparos e reconstrução. Não sabiam que teriam apenas mais um dia de existência. Ligavam para isso? Provavelmente não. Tinham uma diretiva, e essa diretiva era tudo que lhes importava.

Ocorreu-lhe uma ideia. Se ela se sacrificasse, talvez pudesse evitar o ataque nuclear. Os Sentinelas não teriam mais objetivos e missões restantes na América do Norte. Talvez eles passassem imediatamente para a Europa, levando consigo o campo de batalha. Quantas vidas poderiam ser salvas? Havia variáveis demais para ela predizer; incertezas demais.

A única coisa de que tinha certeza era que nunca mais voltaria para casa. Essa ideia e seu total isolamento a paralisaram por um momento. Ela ficou observando os Sentinelas com a estranha sensação de que observava os sucessores da raça humana. Nenhum ataque nuclear poderia destruir todos eles. Em algum lugar, uma fábrica de Sentinelas sobreviveria. Mais deles seriam construídos, e mais e mais, até que a Terra pertencesse somente a eles. E então, o que fariam?

A resposta diria respeito somente a eles.

Alguma coisa se movia no céu, ao norte. Estava a apenas dois ou três blocos dali, pequena demais para ser Sentinel, e não deixava o rastro dos foguetes

dos pés. Tinha forma de homem, no entanto, e movia-se na direção de Kitty, na altura dos andares superiores dos prédios mais altos da avenida Madison. Era familiar...

Kitty ficou exasperada. Seu coração deu um pulo.

– Magneto!

Não estava sozinha, afinal.



Ele cavalgava linhas de força invisíveis a todos, exceto a ele. As ruas destruídas de Manhattan cem metros abaixo pareciam bolsões e reservatórios, linhas e campos de condutividade e resistência. Faziam parte dele, eram suas extensões; o campo magnético da Terra em si era como um sistema nervoso que estendia as percepções e os poderes dele. À frente, o edifício Baxter ardia em chamas. Magneto enxergava a concentração de energias eletromagnéticas focadas nas espirais do ninho de antenas da cobertura.

Os aparelhos internos dos Sentinelas os alertaram do uso que ele fazia de seus poderes mutantes. Ele viu e sentiu todos eles de uma só vez, às dezenas. Marchavam pela rua, trabalhavam em áreas destruídas do edifício Baxter, juntavam-se na cobertura, voavam em grupos organizados, vindo de todas as direções até ele.

Magneto parou, deixando que os esqueletos de aço dos prédios circundantes fornecessem o equilíbrio de repulsão de que ele precisava para flutuar. Suas pernas balançavam, soltas no ar, inúteis, mas não necessárias, e ele pareceu estar de pé em pleno ar.

Os Sentinelas ecoaram seus alertas.

– Mutante 067, é proibido usar seus poderes. Pare ou será exterminado.

Interessante, pensou ele. Mesmo agora eles não atacam de imediato. Precisam de mutantes – de alguns, pelo menos.

E alguns eram tudo que tinham. Menos do que uma hora antes, ele supunha. Não via nenhum de seus colegas internos no campo. Via, contudo, os traços da presença deles nos danos sérios feitos ao edifício Baxter e nos

Sentinelas esmagados e desmembrados que cobriam a rua, lá embaixo. Lutaram valentemente. Tudo indicava que todos haviam morrido.

Uma dezena de Sentinelas circundou o mutante no ar, a menos de cinquenta metros dele. Um deles repetiu o aviso.

– Mutante 067, é proibido usar...

– Sim – disse ele. – Eu sei.

O Sentinel parou para processar essa sentença ambígua. Magneto concedeu-se um momento para saborear a confusão do robô, depois abriu bem os braços. Uma bola de repulsão magnética expandiu-se dele para todos os lados, movendo-se na velocidade da rotação da Terra – quase dois mil quilômetros por hora. Ela atingiu todos os Sentinelas de uma só vez, e todos os seus componentes metálicos repeliram uns aos outros na mesma velocidade. Num piscar de olhos os Sentinelas viraram uma camada de detritos que pairou brevemente no ar feito um anel, com Magneto no centro, como o planeta que os mantinha em órbita. Os líquidos internos caíram como chuva na rua abaixo, junto com os componentes de plástico, vidro e borracha. Magneto segurou o anel por um momento, apreciando a imagem, deixando ostentar-se como exemplo para o restante dos Sentinelas. O anúncio era este: *Magneto retornou.*

Então ele o soltou. Os detritos caíram numa chuva espalhada, feito cascata, ao longo de diversos quarteirões, sobre ruas e coberturas.

Mísseis voaram para ele, vindos da cobertura do edifício Baxter e de Sentinelas que se aproximavam, vindos do oeste. Facilmente, ele os virou; cada um encontrou novo alvo, explodindo as formações aéreas em pleno ar.

– Mais! – Magneto gritou. – É só isso que têm?

Havia mais, decolando para ele das ruas ao redor, com os repulsores do peito e das palmas reluzindo. Magneto abriu um sorriso malicioso. Sabia que a tecnologia da repulsão baseava-se na criação e canalização de múons – e múons são fortemente afetados pelo eletromagnetismo.

– Isso – disse ele. E aguardou.

– Mutante 067 – disse o Sentinel mais próximo. – Pare agora.

– Não vou parar.

Os repulsores foram disparados todos de uma vez. Magneto criou uma esfera de energia magnética em torno de si, redirecionando os fluxos de mísseis e o calor criado por sua degradação. A esfera piscou uma luz branca de cegar, como se um sol em miniatura explodisse no cânion artificial formado pelos prédios da avenida Madison. A energia foi quase demais para controlar, mas ele conseguiu.

Então a libertou.

A energia combinada de todos os raios repulsores dos Sentinelas expandiu para longe dele. A onda varreu os Sentinelas e as fachadas dos prédios mais próximos, queimando tudo que tocava, derretendo e reduzindo a cinzas. Passados cem metros, a degradação dos mísseis alcançara o ponto em que eles não liberavam mais calor. A pequena supernova apagou-se, deixando apenas os focos de incêndio nos prédios e ruas.

O edifício Baxter estava bem à frente. Seria o maior desafio de Magneto. Os satélites europeus que provavelmente assistiam a tudo captariam o que ele estava prestes a fazer, e levariam em conta. Quais atitudes isso incitaria, ainda era incerto. Mas ainda que fosse o último mutante sobrevivente no hemisfério ocidental, Magneto mandaria a mensagem para o mundo de que os mutantes ainda resistiam.

Ele flutuou para a frente e viu, por entre os destroços na rua, na face leste do edifício Baxter, uma pequena figura correndo. Observou e então sorriu. Kate Rasputin. Mais uma sobrevivente.

Isso fazia da missão dele algo ainda mais importante. A vida toda Magneto lutara não por si, mas por outros mutantes. Agora, inesperadamente, recebia a chance de lutar mais uma vez pelos outros.

Sentinelas na rua disparavam lanças de metal contra ele. Com um mero pensamento, ele as defletia. Por que permitira que a situação se arrastasse daquele jeito? Talvez por fraqueza. Talvez por não poder pensar com clareza. Talvez receasse agir definitivamente, por achar que uma atitude definitiva pudesse fazer mal àqueles que amava.

Nada disso importava mais.

Dos andares superiores arruinados do edifício Baxter, raios repulsores foram disparados contra ele. Magneto os dobrou para os lados. Uma fileira de

Sentinelas classe ômega posicionou-se na abertura. Dentro do prédio, ele podia sentir o fluir e girar concentrado de eletromagnetismo ao redor do que devia ser um núcleo de plasma. Um campo de força construído para resistir à intrusão de matéria e energia. Ele o sentiu, sondou e entendeu os padrões das partículas que o compunham.

Não podia destruí-lo. Os Sentinelas o construíram com sabedoria, usando um plasma composto de partículas que não respondiam ao magnetismo. Tudo dentro do núcleo era movido por outras forças de ligação que mantinham a coesão da matéria. Era pura informação, e os Sentinelas escolhiam e selecionavam pequenas partes para compor as transmissões que lhes davam suas ordens e mantinham-nas sincronizadas por todo o continente norte-americano.

Abaixo, dois dos Sentinelas confrontaram Kate. Irritado com a distração, Magneto rasgou-os ao meio, afastando as partes da mutante.

– Saia daqui, Kate Rasputin – ele ordenou. Ela gritou algo de volta, mas ele não escutou. Apenas apontou para o sul, e ela pôs-se a correr.

A descarga de adrenalina que sustentava Magneto começou a se abater. Estava exausto de novo, e dessa vez não teria o luxo de poder se recuperar. Ele começou a descer, deixando-se conduzir pelas linhas opostas dos prédios de estrutura de aço até a rua.

Foi um tormento ter que abrir mão da liberdade de voar e retornar a seu estado de aleijado, relegado ao solo, mas ele precisaria de cada partícula de energia que pudesse reunir se não quisesse que seu último gesto fosse terminar de modo tão fútil quanto as bravas mortes dos demais – pois certamente nenhum deles sobrevivera. Kate estar viva ainda era um pequeno milagre, se é que milagres existiam. Magneto nunca vira evidência de um, e testemunhara crueldade suficiente para defender a negativa.

Seus pés tocaram a rua, e ele se pousou gentilmente. Chegou a pensar em usar as faixas de metal entremeadas no tecido de seu macacão para manter-se ereto, mas qualquer distração de seus poderes do foco principal poderia ser fatal a esse ponto. Sua cabeça zumbia de tanto cansaço; ficou difícil focar a visão. Os Sentinelas rastrearam a trajetória dele e o cercaram na rua.

Ele se perguntou para onde teria ido Kate, e torceu para que tivesse escutado o aviso para fugir o máximo que pudesse dali. Ficar perto de Magneto era péssima estratégia de sobrevivência – sempre fora. Era mais uma ironia do trabalho que fizera a vida toda.

– Mutante 067 – disse um dos Sentinelas.

– Meu nome é Magneto. Vocês não tem medo de que, quando todos nós estivermos mortos, terão apenas uma diretiva vazia? O que farão, então?

– Isso não lhe diz respeito – retrucou o Sentinel. – Você será levado para análise final e exterminado. Como devia ter sido feito antes.

– Vocês não podem vencer, sabia? – disse Magneto, embora não acreditasse muito nisso. – O resto do mundo viu o que vocês fazem. Eles vão se unir para destruí-los.

– Nossa diretiva deve ser executada – respondeu o Sentinel. – Agora a conversa será cessada.

O robô se inclinou e apanhou Magneto, ajeitando-o na palma da mão e fechando os dedos em torno dele – não para esmagar, apenas para conter. O mutante foi aproveitando cada precioso segundo para descansar – fechando os olhos, permitiu que a arquitetura do núcleo de dados do centro de comando inundasse mais uma vez a sua mente. A conclusão foi a mesma de antes: não havia como destruí-lo.

– Seu exercício de poderes foi inútil – disse o Sentinel.

– O final desse livro ainda não foi escrito – Magneto retrucou.

– Linguagem figurada indica evasão.

– Ah. Permita-me explicar numa linguagem que com certeza você vai entender.

– Uso futuro de seus poderes resultará em extermínio imediato – disse o Sentinel.

– Sim – disse Magneto. – Eu entendo.



Kitty ouvira Magneto chamar seu nome, e o vira mandá-la fugir. Correndo para o sul, ela parou em frente à biblioteca, do outro lado da rua. Estava

dividida entre a vontade primal de sobreviver e outra vontade, um pouco menos primal, de manter contato com o único outro membro vivo de sua espécie.

Ela vira Magneto destruir Sentinelas após Sentinelas, aparentemente sem dificuldade, e ficara contente. Depois o viu baixar lentamente para o chão, e o ânimo desabou. Agora o mutante estava nas mãos do inimigo, literalmente, e ela tinha a péssima sensação de que sabia o que aconteceria em seguida. Ia presenciar a morte do último mutante da América do Norte além dela.

Sua mente visitou as mais diversas situações na fantasia. Ela se imaginou num navio, vendo a costa europeia aparecer no horizonte. Botes viriam até ela para recebê-la. Diriam que estava tudo bem. Os poderes europeus a salvariam; enfrentariam e destruiriam os Sentinelas sem apertar o botão vermelho. Quem sabe os magos da tecnologia de Wakanda tivessem uma solução. Suas aeronaves prateadas brilhantes preencheriam os céus de Nova York, resgatando-a e salvando milhões da morte pelo fogo, pela radiação, pela fome.

Ou talvez isso tudo fosse um sonho terrível, um aviso profético sobre algo que acontecia em seu tempo. Logo ela acordaria em sua cama, na escola de Xavier. Contaria tudo aos demais X-Men no café da manhã; eles brincariam com ela, mas sem crueldade. E ela não estaria sozinha.

Kitty começou a chorar de novo, encolhida sob um ponto de ônibus, em frente à biblioteca. O grupo de Sentinelas seguia na direção do edifício Baxter, mantendo um círculo apertado em torno daquele que transportava Magneto. Ela não podia maisvê-lo.

Uma vibração ergueu-se no ar, ao redor dela – quase um som, mas não isso. A altercação foi captada pelos ouvidos, mas também pelos ossos dela e pela estrutura do ponto de ônibus. Foi ficando mais intensa. Kitty escutou um dos Sentinelas dizendo alguma coisa.

Então o grupo de Sentinelas explodiu para os lados. Kitty retraiu-se quando um pedaço de blindagem deles estilhaçou a parede de vidro do ponto de ônibus. Ela engatinhou rapidamente para o outro lado, e achou proteção sob a porta recuada de um prédio. Kitty olhou de volta para o edifício Baxter. O que Magneto fizera?

Lá estava ele, pairando no ar com a mão decepada do Sentinel servindo como cadeira. Ele subiu ainda mais, de braços abertos e cabeça jogada para trás, e Kitty sentiu a vibração crescer mais uma vez. Um grunhido quase tectônico começou a ressoar ali por perto. Poeira de concreto caiu feito cascata sobre as fachadas dos prédios ao longo da avenida Madison, junto com lascas de tijolo e mármore. O ronco foi ficando mais alto. Num momento de horror e satisfação, Kitty entendeu tudo.

Uma série de estouros ressoou do edifício Baxter – esporádicos, no começo, depois mais rápidos, até que estalavam feito fogos de artifício. As janelas que permaneciam intactas se estilhaçaram, caindo numa cortina brilhante, expondo o interior do solo ao topo.

Magneto ainda flutuava no ar. Ela pensou tê-lo visto movendo os lábios, mas nem podia imaginar o que ele dizia. O queixo caiu no peito, mas os braços continuaram abertos. Dava para ver ondulações no ar, como convecções, ao redor dele.

Quase imperceptivelmente, a forma do edifício Baxter começou a mudar. As vigas de metal guinchavam, ficando côncavas. A linha do topo pendeu e vergou. Os Sentinelas inundaram os céus, vindos de todas as direções, mas alguma coisa os impediu de chegar mais perto.

Magneto baixou um braço, e uma força invisível arrastou carros abandonados e pedaços de Sentinelas para um círculo. O próprio prédio girou na mesma direção, com um ranger das vigas e nacos imensos de concreto desprendendo dele para depois caírem na rua.

Primeiro, os Sentinelas atiraram com potência total em Magneto, mas ele nem se deu conta. Os mísseis abriram buracos nos prédios dos arredores; os raios repulsores foram difundidos e morreram. Quando ele baixou o outro braço, o edifício Baxter enrugou-se para dentro.

Uma nuvem de poeira ergueu-se na rua – e foi subindo, quase obscurecendo Magneto. Por detrás dela, Kitty podia ver o brilho vago de focos de incêndio formando-se dentro do prédio. Todo um canto da cobertura foi arrancado, carregando consigo uma coleção de vigas e barras que formavam uma teia de aranha. Magneto ergueu a cabeça e ficou imóvel por um instante.

As vibrações ao redor de Kitty cessaram, e ela reparou que estava prendendo a respiração.

Quando inalou, Magneto também o fez, ergueu os braços e juntou as mãos. O movimento não fez som que Kitty pudesse escutar, mas o edifício Baxter implodiu com um estrondo que ela jamais esqueceria. Conforme a estrutura desaparecia em meio à poeira e fumaça de sua própria desintegração, uma explosão titânica destruiu os prédios dos dois lados. Magneto desapareceu na bola de fogo que se ergueu dos destroços, tomou todos os prédios da avenida Madison e desenhou um imenso cogumelo no céu.

Kitty ficou pasma, aturdida. Em seu estado de torpor, observou duas coisas. Os Sentinelas que plainavam no céu, após a explosão, já não se moviam mais em sincronia. Kitty levou um instante para entender o que isso significava.

Além disso, viu uma luz no leste. Estava quase amanhecendo. Não esperava ver outro amanhecer. Apesar de tudo, ocorreu-lhe que era a primeira vez na vida que passara a noite toda acordada.



17

SINA AGUARDAVA, SABENDO O QUE IA ACONTECER. Como Mística tinha suposto, o senador Kelly retornaria ao gabinete. Lá, juntaria o que tinha de mais importante – arquivos, itens pessoais e assim por diante – antes de tentar fugir. Independente de seus sentimentos por mutantes, Robert Kelly não podia ser chamado de covarde. Ele acreditava no que acreditava, e agia segundo suas crenças. Essa posição, para Sina, conferia ao homem o respeito que se sente por um inimigo que testa a habilidade do oponente – antes, claro, de ceder ou morrer, porque a escola do combate justo jamais favoreceu o oprimido.

Jamais. E os mutantes eram oprimidos permanentes.

Permanentes, refletiu Sina. Palavra interessante, para alguém que podia ver potenciais futuros que nasciam e morriam a todo momento, a cada ação, cada hesitação e escolha impulsiva. Agora ela via uma porta se abrindo, e um homem entrando. E mesmo conforme tudo isso acontecia – mesmo quando o senador Kelly estancou ao ver Sina –, ela podia sentir que havia algo de errado com suas percepções precognitivas.

Sina raramente lutava. Não tinha mais força do que uma mulher comum, e tinha pouco estômago para o confronto físico. Era muito melhor em orquestrar um plano, e seu temperamento combinava com suas habilidades. Nesse caso, contudo, os eventos demandavam que ela tomasse papel mais direto no ato final do plano da Irmandade. Ela portava uma arma nessas raras ocasiões em que pudesse ser preciso usar: uma pequena besta – que não servia muito para enfrentar Wolverine ou Colossus, mas seria mais do que suficiente para pôr fim à vida do senador.

Ou, nesse sentido, concluir o que Mística começara lá fora, no corredor. Na antessala, o professor Charles Xavier e a doutora Moira MacTaggert jaziam incapacitados – mas não permaneceriam assim para sempre. Mística acreditava que os dois seriam peças importantes no jogo que se seguiria. Para Sina, eram inimigos, e inimigos deviam ser eliminados. Era a única solução válida para um conflito como o que acontecia entre os X-Men e a Irmandade.

Se Mística não retornasse logo, Sina pretendia acabar com Xavier e MacTaggart. Não pensaria duas vezes em não permitir que saíssem vivos da sede administrativa do Senado. Mística, às vezes, escorregava nos planos e acabava fazendo tolices. Sina sabia quão instável podia ser o futuro por vê-lo mudando de momento a momento ao seu redor, solidificando-se apenas por poucos minutos ou horas. Sabia que não valia tanto a pena planejar cedo demais.

Ou talvez até valesse a pena, mas ela não tinha necessidade de um planejamento a tão longo prazo quando o seu, de curto, era perfeito – quase sempre. Desde essa manhã, a mutante fora assombrada por um ponto cego nas previsões – uma incerteza, como uma superposição quântica, uma partícula de ação que se recusava a assentar-se num caminho ou outro. A sensação estava ainda mais intensa agora do que antes, como se a fonte estivesse chegando mais perto – ou como se o momento no qual esse ponto cego passaria do futuro ao passado estivesse prestes a acontecer.

Seria o senador Kelly o ponto cego? Seria ele a anomalia que a impedia de ter uma concepção firme do futuro próximo?

Impossível. Nada do que Kelly fez pareceu incomum a Sina, nem antes nem depois que ele fazia. Tudo se ajustava perfeitamente a todo momento temporal e histórico que ele ocupara – que era um dos motivos pelos quais ele devia ser removido de vez da história. Muitas possibilidades perigosas e potenciais sequências radiavam para a matriz de futuros dele. E nenhuma delas era boa para os mutantes.

Quem seria, então? Era como perguntar a uma mulher cega, como era a própria Sina, de que cor é a cegueira. Não havia modo de delinejar a natureza da incerteza, porque sua natureza de incerteza a impedia. Era quase fisicamente dolorosa, essa falta de determinação intrometendo-se no senso precognitivo de Sina.

Pelo menos havia uma única indeterminação. Ela estava ainda muito confiante de que os minutos seguintes conteriam certos eventos muito benéficos para a Irmandade – e igualmente infelizes para o senador Robert Kelly.

Essa sequência de eventos começaria pouco depois que ela levantasse a besta e encaixasse uma flecha, enquanto retornava silenciosamente ao canto obscuro do lado oposto da porta do gabinete...

A porta abriu-se, e o senador entrou correndo, bateu a porta e trancou. Ele sacou o telefone do bolso do terno e discou.

– Kelly falando – disse, cruzando o gabinete até sua mesa, onde ficou andando em círculos. – Cheguei à minha sala. Acho que não sabem que estou aqui... Isso, os malditos mutantes! Todos! O que está acontecendo lá fora? – Ele espiou por entre as cortinas fechadas da janela. Sina permanecia, paciente, no canto obscuro do outro lado da sala, atrás do sofá e cadeiras que ele usava para reuniões e sessões de foto. – Não vejo nada além de fumaça daqui. Ora, anda logo! Não posso esperar aqui o dia todo. Se não prendê-los, vão me encontrar cedo ou...

Foi quando ele viu Sina.

– Desligue esse telefone agora – ela ordenou.

– Me encontraram – disse Kelly, e encerrou a chamada. Ele pôs o telefone na mesa, ajeitou a gravata e encarou Sina. – Vá em frente, covarde. Faça o que veio fazer.

– Vou fazer – disse Sina. – Meus colegas foram derrotados, mas a vitória será nossa.

– Me matar não vai render-lhe nada. As pessoas vão temer os mutantes assim como temem quaisquer outros terroristas, sim, mas não se acovardarão. Vão reagir. Vão destruí-los.

– É possível – disse Sina. Nesse ponto, ela de fato não tinha certeza. Encontrava-se distante demais no futuro para fazer uma predição definitiva, principalmente com esse irritante núcleo de incerteza para confundir-lhe as ideias. – Mas vivo, você é uma ameaça muito maior. Pode tentar desviar deste dardo quando eu atirar, se quiser, mas saberei para qual lado vai se mover antes que o faça.

– Sei quem você é... *Sina* – disse Kelly, zombando do codinome. – Não vou lhe dar essa satisfação. Se eu pudesse matá-la com as próprias mãos, eu mataria. Mas não vou fugir.



Kate Pryde assistia a toda essa conversa de seu esconderijo, numa pequena alcova atrás da mesa de Kelly, onde ela tinha se apertado contra uma estante baixa, debaixo de um globo. A alcova era parcialmente obscurecida por uma grande bandeira americana. Kate reconheceu Sina. As duas se cruzaram algumas vezes nos anos atribulados que se seguiram à instituição da legislação de controle de mutantes, quando a Irmandade manteve a luta contra os X-Men apesar da crescente ameaça contra todos os mutantes. Mais tarde, Kate passara pela lápide de Sina no campo centenas de vezes. Havia uma ironia repugnante em saber qual seria a sina de Sina, enquanto a própria adivinha a desconhecia.

E, nesse sentido, por que é que Sina não sabia que Kate estava ali? Ela saberia que Kate tentaria intervir, mas não dava sinal de estar ciente da presença da X-Men. Isso não fazia sentido algum – a não ser que Sina se fizesse de boba para armar algum tipo de cilada, o que parecia uma complicação desnecessária num plano já complicado. Ou talvez Kate estivesse invisível à sensitividade precognitiva de Sina por conta da projeção temporal. Seria possível? Não havia como saber.

Sina sorriu.

– Não – disse. – Você não vai fugir. É um propagador de ódio e um humano desprezível, mas não é um covarde. Que esse seja o seu epitáfio.

Sina prensou o dedo no gatilho da besta, e Kate deu o bote.

Ela mergulhou para a frente, atravessando o corpo do senador Kelly. Ela o ouviu arquejar – e sentiu também, percebendo a tensão no diafragma do homem e a expansão súbita de seus pulmões quando passou por ele. Ouviu também o vibrar agudo da corda da besta. Quando emergiu de cabeça do peito do senador, Kate solidificou as partes de seu corpo que já não ocupavam mais o espaço de Kelly – e o dardo da besta que teria acertado o homem no esterno e lhe fincado o coração acabou atingindo-a, no lugar.

Kate tentou dizer algo, mas não conseguiu. Desmaterializar-se sempre a tornara agudamente ciente das mínimas sensações de seu corpo, em todos os pontos, e dessa vez não foi diferente. Mesmo sendo inundada pelo choque,

ela sentiu todo o comprimento da flecha – do ponto de entrada logo abaixo da clavícula até onde a ponta viera repousar, quase tocando a parede do átrio direito de seu coração. Ela terminou de atravessar o senador e foi ao chão, sem sentir o impacto.

Sina gritava, como se a violação do plano causada por Kate lhe causasse dor física. Talvez tivesse causado mesmo: se o senso precognitivo da mutante fosse parte dela, danificá-lo poderia ser como danificar a visão ou a audição. Essa ideia passou pela mente de Kate e esvaneceu.

Kate escutou um ruído branco, talvez só na imaginação – não sabia dizer. E sentiu como se estivesse caindo.



Kate sentiu cheiro de fumaça e achou que a luz começava a mudar. Sentiu-se instável, como num ataque de sinestesia tão forte que todos os seus sentidos se misturavam. Havia uma curiosa sensação dupla em todas as suas percepções, também – como se além de descobrir qual percepção cabia em qual sentido, ela tivesse que entender

– qual de nós –

estava tendo qual percepção.

Uma força atrativa a arrancou do corpo adolescente tão gravemente ferido no chão de um gabinete escuro num prédio em chamas em certo ponto da história no qual até mesmo os precognitivos não sabiam o que viria em seguida...

... de volta para onde? Para o sul do Bronx? De volta às buscas humilhantes, depreciações diárias e à possibilidade iminente de aniquilação nuclear? De volta a ser a última de sua espécie?

Kate encontrou a si mesma.

Mas é o seu tempo, disse Kitty. Como você fez isso? Rachel morreu.

Morreu?, respondeu Kate. Como você fez isso? Eu não... oh.

Que foi?

Você vai levar um choque quando chegar lá.

Mas vai me deixar voltar?

Não depende de mim. Você...?
Não sei. Aconteceu... Não sei.
Tem algo que não está me dizendo.
Eu ia te dizer o mesmo.
Touché. Ainda te chamam de Sprite?
É. Não foi ideia minha.
Eu sei. Sempre odiei Sprite. Sabe de qual nome eu gostava?
Qual?
Lince Negra.
Oh. Kitty admirou-se. Também gosto.



Kitty rolou de lado e sentiu alguma coisa raspar-lhe a clavícula. Ela gritou e viu, bem à sua frente, o senador Robert Kelly. O homem cambaleava, e apoiou-se na mesa. Ele a fitava como se não pudesse entender como ela chegara onde estava – algo que, de fato, ele não poderia. Kitty Pryde – Lince Negra! – não era um membro dos X-Men de que ele já ouvira falar.

No outro canto da sala, uma mulher de roupa azul-claro gritava, de joelhos, com o rosto enterrado nas mãos e as costas das mãos deitadas no carpete da sala. Kitty não fazia ideia de quem ela era.

O senador se ajoelhou perto da garota.

– Quem é você, menina? Como você... o que você fez?

Kitty gemia; soltou um grito quando tentou se mexer. *Você vai levar um choque quando chegar lá*, seu outro eu dissera. Alguma coisa lhe fincara o ombro, mergulhada a fundo no peito. Não dava para respirar, mas ao mesmo tempo ela queria muito tossir.

– Você salvou a minha vida, menina – disse o senador Kelly. – Não sei como agradecer.

– Espero que se lembre do que está dizendo, senador – veio uma voz de uma das janelas. Kitty olhou e viu Tempestade flutuando, com um sorriso amplo no rosto.

A expressão terna abandonou o rosto de Kelly.

– É verdade, Tempestade. Daremos crédito a quem merece. Mas isso não muda nada sobre a natureza da ameaça mutante.

– Os mutantes, como quaisquer outras pessoas, podem ser bons ou maus. Faria bem ao senhor lembrar-se disso, senador. Uma mutante teria matado você hoje se outra mutante não o tivesse salvado. Não nos condene a todos assim tão rapidamente.

– Palavras para levar pela vida toda, senador – disse o professor Xavier, enquanto Moira MacTaggert o trazia para dentro da sala. Ambos pareciam abatidos. MacTaggert usava a cadeira de Xavier como apoio.

– Professor Xavier! Doutora MacTaggert! Graças a Deus estão bem – disse Kelly. Num instante, o homem tornara a ser o político, como se não tivesse atacado os dois ferozmente na sala de audiência menos de uma hora antes.

– Estamos bem... o melhor que poderíamos estar. Suspeito que estariámos todos mortos se Kitty não tivesse intervindo – disse Xavier, fitando Sina. Os gritos da mutante cederam; estava em óbvio estado catatônico. – Tempestade?

Ororo estava ao lado de Kitty, ajudando-a a sentar-se. O ferimento em torno da flecha sangrava abundantemente, e o rosto da menina estava pálido. Tempestade disse:

– Sprite, você...?

– Sprite, não... – disse Kitty. Parecia estar com dificuldade para focar a visão.

Tempestade chegou mais perto e falou bem baixinho, quase sussurrando:

– Kate?

Kitty fez que não.

– Ela voltou.

Tempestade olhou para Xavier. Ele pareceu entender tudo.

– Temos que cuidar de você – Ororo disse à menina. Ela a pegou no colo, admirou-se com quão leve era, e foi até a janela. – Hoje o mundo viu mutantes lutando para salvar você, senador Kelly.

– E mutantes tentando me matar – ele retrucou.

– Quais foram os vitoriosos? – disse Tempestade. A intenção era que fosse mesmo uma pergunta retórica, e assim foi, quando ela levitou a si mesma e

Kitty janela afora. Pouco depois, as duas ganharam velocidade e voaram na direção do Pássaro Negro, que aguardava no solo.

Ele nunca será nosso amigo, disse Xavier na mente de Tempestade. *Mas talvez tenhamos desacelerado seu passo no processo de ser um inimigo mortal.*

Talvez sim, pensou Tempestade. *Por favor, diga a Logan que se apronte para decolar imediatamente.*

Também colocarei discretamente um médico a postos no Pássaro Negro, disse Xavier. *Kitty está em duplo choque: tanto pelo deslocamento temporal quanto pelo ferimento.*

Câmeras de TV acompanharam Tempestade sobrevoando o parque, registrando seu trajeto. Ela pôde até imaginar os repórteres especulando sobre a identidade da figura de uniforme nos braços dela.

- Kitty – ela disse. – Fique comigo, Kitty.
- Lince Negra – a menina murmurou.
- Como?
- Foi assim que ela me chamou...

Tempestade começou a perguntar do que Kitty estava falando, mas sentiu que já compreendera. Não queria pressionar a garota, mas precisava mantê-la focada e ciente. O sangue já encharcava as porções amarelas de seu uniforme

– Tempestade podia sentir-lo resfriando em sua pele ao voar pelos céus de Washington, D.C.

- Como era lá? – perguntou.
- A pior coisa que eu já... não tem nada pior. – Kitty escancarou os olhos. – Você, Tempestade. Eu estava lá quando você...

- Shiiu – disse Tempestade.

Ardia, entretanto, para saber o resto – e saber agora. Depois que Kitty tivesse chance de se recuperar, talvez concluisse que algumas lembranças ela deveria guardar apenas para si.

- Todos morreram – Kitty murmurou.
- Silêncio, Kitten. Silêncio.

Abaixo delas, lá estava o Pássaro Negro. Estavam quase chegando.



Hank McCoy, o mutante de pelagem azul conhecido como Fera, tratava do ferimento de Kitty na área médica do Pássaro Negro. Logan pilotava a aeronave. Tempestade, Colossus e Anjo estavam sentados logo atrás. Xavier estava por perto, na entrada do compartimento de passageiros.

Noturno meditava ali por perto. Desde seu encontro com Mística, ele quase não dissera nada.

– Bom, qual é o veredito? – perguntou Logan. – Salvamos Kelly, prendemos quatro dos cinco membros da Irmandade, mandamos bem na TV... mas vencemos ou não?

– Não sei bem o que seria vencer hoje, Logan – disse Tempestade.

– Perdoe-me discordar, Ororo – disse Anjo. – Estou certo de que vencemos. Não permanentemente, mas muita gente que viu o que aconteceu hoje está pensando que precisa dos X-Men. Sabem por quê? Porque alguém tem que protegê-los da Irmandade. Todo mundo odeia os monstros até que precisa deles ao seu lado.

– Acho que seria melhor se não pensassem em nós como monstros – Peter objetou.

Anjo assentiu.

– Claro que sim. Mas no mundo em que vivemos nós somos assim, Pete.

– Podemos reclamar deste mundo quanto quisermos – disse Logan. – Mas, pelo visto, o mundo que Kitty viu era muito pior.

Isso era verdade, sem dúvida. Nenhum deles sabia até que ponto acreditar no que Kitty murmurava – mas ainda que metade fosse verdade, Kate Pryde chegara a *minimizar* os horrores do futuro do qual viera. Nova York em ruínas, tomada por exércitos de Sentinelas sob um céu em chamas – era apocalíptico. Kitty desmaiara de choque e perda de sangue antes que Hank a pudesse estabilizar, portanto o grupo ainda tentava juntar as peças de sua história.

– Então Magneto controlava os Sentinelas? – disse Logan. – Era de se esperar. Devíamos ter garantido que o cara nunca mais voltasse depois que afundou no oceano.

– Acho que você entendeu mal, Logan – disse Anjo. – Ela não disse que ele apareceu e destruiu todos eles?

– Não foi isso que me pareceu. Mas se foi assim que aconteceu, beleza, eu retiro o que disse.

Logan não parecia convencido. A verdade era que nenhum deles sabia exatamente o que Kitty presenciara, e não saberiam enquanto ela não relatassem tudo com clareza.

– A parte que eu não consigo entender é o seu exército de guerrilheiros canadenses – disse Anjo. – Está planejando isso agora?

– O primeiro alvo vai ser você, xará – disse Logan.

– É natural que queiram brincar depois do que passamos hoje – disse Xavier. – Mas vamos nos focar no que precisamos entender. Todos aqueles Sentinelas tinham de vir de algum lugar, e muito poucos existem agora. Quem vai começar um novo programa de construção, quem vai financiar, e quando vai começar?

– Considerando tudo – disse Anjo –, acho que nos saímos muito bem. A estreia da Irmandade não foi bem um sucesso, ficamos bem diante das câmeras, ninguém morreu, e agora temos uma pista de onde vai vir uma grande ameaça contra todos nós.

– Pensando desse jeito... – disse Peter.

Todos os X-Men olharam pela janela quando a aeronave aproximou-se da pista de pouso. Lá de trás, Kitty disse:

– Ai, eu odeio poussar.

Kurt levantou-se, correu para ela e colocou o braço ao redor da menina.

– *Kätzchen*, por que se levantou? Tem que descansar.

Kitty segurou no colega para conseguir se apoiar e ele a trouxe mais à frente, onde ela se sentou na cadeira ao seu lado. Todos apertaram os cintos para a descida. A menina estava pálida e trêmula. Kurt não pôde deixar de admirar a ânsia dela em voltar para perto da equipe, apesar da severidade do ferimento.

Ninguém disse nada por algum tempo. Kitty fora arrancada do próprio corpo, colocada numa versão mais velha de si mesma que vivia num futuro que nem mesmo Robert Kelly poderia imaginar, e depois arrancada desse lugar e devolvida ao corpo apenas a tempo de sentir a quase fatal perfuração de seu coração por uma flecha de besta. Qualquer um teria dificuldade de

lidar com uma experiência dessas, quanto mais uma garota de 13 anos de idade com tão pouca experiência nesse tipo de situação... incomum que os X-Men tendiam a vivenciar.

Finalmente, Hank McCoy quebrou o silêncio.

– Sou mais biólogo do que médico, mas fiz uma sutura. Ela é jovem, saudável... logo, logo vai sair por aí dando cambalhotas.

– E umas piruetas pra trás? – Kitty perguntou.

– Espere mais uns dias – disse Hank.

Ficaram todos quietos por mais um tempo, até que Logan disse:

– Vamos tocar o solo em alguns minutos. Todo mundo aperte os cintos para o caso de eu bater.

– Não lembro de tudo que te disse, Ororo – disse Kitty. – Fez algum sentido?

– Sim e não. Tenha calma. Futuros não são determinados em questão de minutos.

– A teoria do caos sugere o oposto – disse Hank. – Mas enfim, não me deem ouvidos. Pete, pra que alguém me daria ouvidos?

– Boa pergunta – disse Colossus. – Eu tento evitar.

– Eu disse mesmo que o Magneto controlava os Sentinelas? Não lembro de ser assim – disse Kitty. – Não foi isso que aconteceu. Ele é o único motivo pelo qual eu pude voltar. Acho.

– Você estava com dificuldade de juntar as palavras, Kitten – disse Tempestade. – Logo, logo vamos entender tudo que aconteceu.

– Talvez fosse melhor não entender – disse a garota. – Não quero saber. Só que eu sei. Como ela era?

Todos entenderam a pergunta. Peter olhou para fora, pela janela. Era ele o outro membro da equipe que teria dificuldade para assimilar as implicações da projeção temporal. Tempestade viu, e soube então que teria de ajudá-lo aos poucos para que o rapaz simplesmente não enterrasse todas as suas reações emocionais dentro de sua sólida estrutura de russo.

Xavier também viu a reação de Peter e interviu antes que algum dos mutantes tivesse a chance de fazer um comentário infeliz.

– Kate Pryde é uma pessoa tão agradável e admirável quanto Kitty Pryde. O resto você vai descobrir com o devido tempo.

– Acham que o plano dela deu certo? – Kitty perguntou. Ela foi olhando os colegas de um em um. Atrás dela, Hank sentou-se e apertou o cinto.

– Não tem como saber – disse Anjo. – Ou tem, professor?

– Não sei, Warren. Por mais clichê que seja, só o tempo dirá – disse Xavier.

No minuto seguinte, estavam em solo. Kitty conseguiu descer os degraus sozinha. Hank levou a menina para dentro da mansão de Xavier, onde continuaria o tratamento. Noturno ajudou a remover a cadeira de rodas de Xavier do Pássaro Negro. Quando o resto dos X-Men já havia se afastado, ele foi falar com Charles.

– Professor, o que foi aquilo?

Xavier entendeu, mas queria ouvir da boca de Kurt.

– O que quer dizer com “aquilo”?

– Eu nunca tinha visto alguém parecido comigo. Mas ela era...

– Kurt. Não há como responder a essa pergunta hoje. Talvez nem amanhã. Mas um dia você *vai responder*, se ficar ao lado das pessoas que lutam por você e se preocupam com você.

Dentro da mansão, Kitty aproximou-se de Peter quando ele passou pela porta.

– Sei que é esquisito – disse ela. – Mas não se preocupe. Talvez aquele nem seja o nosso futuro. Rachel não tinha certeza.

– Sim. Não conheço Rachel, mas concordo com ela. Não há como saber o futuro enquanto não passamos por ele.

– Mesmo assim, me deixou chateada – Kitty prosseguiu. – Kate voltou para aquele futuro... e quando chegou lá, todos tinham morrido. Só sobrou ela.

– Isso é só o que ia acontecer antes de hoje – disse Peter. – Depois de hoje, não tem como sabermos.

– Não tem. Acho que não tem mesmo. – A menina deu de ombros, por reflexo, e fez uma careta quando o movimento mexeu nos pontos que Fera costurara em seu ombro. – Ai!

Junto com Peter, Logan, Ororo e Warren, Kitty entrou na mansão. Ela sabia que, ao salvar o senador Kelly, algo tinha mudado. Mas sabia também

que talvez jamais descobrisse exatamente qual seria a mudança.

– Não é nada fácil, não saber – disse ela.

– Só piora quando se começa a pensar em todas as coisas que você não sabe

– disse Logan. – Contente-se com o que está na sua frente, garota.

Parecia mesmo ser o melhor a fazer.

**ED
I
D
E
D**

O SENADOR ROBERT KELLY sabia como montar um espetáculo, mas o fato era que ele não gostava disso. Um mês após o desastre na audiência, ele concluiu que precisava empregar métodos mais sutis. O político marcou uma série de reuniões, falou com peritos, chegou até a contatar Charles Xavier novamente para uma conversa secreta sobre os objetivos deste para a raça mutante. Xavier argumentara que eram todos da mesma raça. Todos os mutantes – os que compunham os X-Men e os que preferiam estar com a Irmandade – eram parte da mesma família. Kelly concordara nesse ponto.

Outros, contudo, não teriam concordado. Kelly estava agora em companhia de diversas pessoas de opinião similar, cada qual tendo arranjado espaço em suas agendas lotadas. Todos concordaram em reunir-se na sala dele, longe das câmeras, no mesmo espaço em que mutantes tinham tanto ameaçado quanto salvado a vida dele.

Kelly estava perfeitamente disposto a admitir que as duas coisas aconteceram. Ademais, estava disposto a admitir que nem todos os mutantes eram maus. As ações dos X-Men eram prova disso.

Contudo, nem mesmo esses fatos alteravam sua crença de que a ameaça mutante era o maior perigo que a humanidade enfrentava, uma crise que demandava ação definitiva e impiedosa. Um mutante podia salvar uma vida, sem dúvida. Mas e a existência de tantos mutantes que desejavam o fim dos humanos normais – ou que, como Magneto, queriam subjugar os humanos normais e dominá-los? Essa era uma realidade que não podia continuar existindo sem contestação. Robert Kelly orgulhava-se de sua abordagem factual. Nesse caso, os fatos eram óbvios.

As implicações eram igualmente óbvias. Os humanos tinham que tomar uma atitude para se defender.

Quatro homens ocupavam a sala de Kelly, incluindo o próprio. Estava presente também seu grande amigo, o presidente dos Estados Unidos. Este não se opunha de modo tão implacável aos mutantes como Kelly gostaria. Porém, era um homem de coração justo, e não se deixava levar facilmente

pelo racionalismo. Não era burro – Kelly considerava-o inteligente e bastante ágil em tópicos de seu interesse –, mas também não achava válido pensar exageradamente em qualquer questão.

Kelly respeitava essa posição. Na verdade, partilhava-a. Algumas coisas eram complicadas. Essas coisas demandavam agilidade intelectual e cautelosa tomada de decisões. Outras coisas eram simples. Essas coisas demandavam ação direta e enérgica.

A presença e o poder crescente dos mutantes era um problema do tipo simples. Sua crescente militância, representada pela Irmandade, tornava o problema urgente. Kelly sobrevivera à tentativa de assassinato, mas muitas pessoas morreram naquele dia, no Senado e no parque.

– Não quero discutir até amanhã, senhores – disse o presidente. – Li seu relatório, Robert. Suas recomendações são perigosas. Podem ser inconstitucionais, algo que talvez possamos burlar, e criminosas, algo que provavelmente não... pelo menos não a longo prazo. É uma proposta draconiana, devo dizer, para alguém que deve a vida aos X-Men.

– Vida essa que foi inicialmente ameaçada por outros mutantes, senhor presidente. – Kelly sabia que tinha que ter cautela. Como todos os presidentes, esse não gostava que as ideias lhe fossem forçadas goela abaixo.

– Se não houvesse mutante algum, e ponto, a minha vida não teria sido ameaçada.

– Isso não se resume à sua vida, Robert – disse o presidente. – Também diz respeito às deles. Não existem muitos mutantes, mas eles são cidadãos. Têm direitos. E têm lá seus partidários. Por outro lado...

– Existe também a questão da segurança nacional, senhor – acrescentou o terceiro homem na sala. – Um grupo antigovernamental de seres superpoderosos, mutantes ou não... ou um grupo desses servindo um inimigo estrangeiro, poderia ser uma séria ameaça contra a nação.

Esse homem – Sebastian Shaw – destacava-se dos outros três, todos vestidos com o uniforme típico do Capitólio: terno preto, camisa branca e gravata de azul e vermelho discretos. Em contraste, Shaw usava casaco de pele de ovelha por cima de colete e echarpe que não pareceria deslocado do cenário de teca e veludo de um clube de cavalheiros de Londres. Kelly

conhecia o homem havia anos, em geral como doador, mas mais recentemente como uma pessoa de boa fé.

Shaw era um industrial, inventor e – mais importante – alguém que seguia as mesmas linhas de Kelly no que tangia à questão dos mutantes. Ele sabia que as atitudes de um ou outro mutante, bom ou mau, eram menos importantes do que o problema maior que era a sua existência. Enquanto houvesse uma população de mutantes com poderes que nenhum humano normal poderia sonhar em ter, eles seriam uma ameaça à humanidade. Jamais alguma interação entre grupos com tanta diferença de poder acabara bem para o grupo mais fraco – e após a tentativa de assassinato no mês anterior, Robert Kelly sabia melhor do que muitos o que significava ser membro do grupo mais fraco. Mística deixara isso bem claro em frente à televisão mundial e a uma plateia virtual.

O que poderia transpor esse abismo? Tecnologia.

O presidente também sabia disso.

– Eu entendo, Sebastian – disse ele. – Por ora, nossas ações... as minhas ações... permanecerão em discrição. A operação tem como codinome Projeto Despertar. Permitam-me apresentar o homem que vai chefiá-la.

O quarto homem na sala, Robert Kelly não o conhecia. Ele deu um passo à frente quando o presidente o apresentou.

– Henry Peter Gyrich. Vai reportar-se diretamente a mim. Sua primeira prioridade será trabalhar com as Indústrias Shaw. Juntos, ele e Sebastian farão tremendos avanços na tecnologia de segurança contra mutantes. Nossos melhores cientistas vão se dedicar à tarefa.

– Você terá os melhores sistemas que a raça humana pode criar, senhor – disse Gyrich.

O cabelo ruivo cortado bem curto e os óculos de sol, usados mesmo no ambiente escuro da sala de Kelly, marcavam-no como um estranho em Washington tanto quanto a pele de ovelha e o colete de veludo de Shaw. Kelly sabia pouco sobre Gyrich. Era analista da Agência de Segurança Nacional com uma reputação sussurrada de durão, o tipo de homem que fazia da vida dos chefes um inferno até que o demitissem ou fizessem o que ele queria. E por

ser tão bom no que fazia, faziam o que ele queria muito mais frequentemente do que o demitiam.

– Tem também a minha palavra de que essa controvérsia mutante será resolvida – ele prosseguiu. – Se consideramos que são uma ameaça para esta república e a raça humana, daremos um jeito neles. Permanentemente.

Tendo dito o que precisavam, os quatro homens sentaram-se nos sofás e cadeiras nos quais, um mês antes, uma mutante aguardara pelo momento em que mataria Robert Kelly.

– Sebastian e eu nos conhecemos faz algum tempo – disse o senador Kelly.
– E você e eu, senhor presidente, bom, nos conhecemos um pouco também. Mas não conheço o Sr. Gyrich.

– Henry, por favor.
– Henry, então. E você, Sebastian?
– Nunca tinha ouvido falar.
– Bom, Washington é uma cidade pequena, então já ouvi falar de você; conheço-o um pouco pela reputação, Henry – disse o senador. – Talvez possa nos falar um pouco de como será conduzido o seu plano. Estilo resumo de executivo; não precisamos dos detalhes.
– Fico feliz em relatar – disse Gyrich. – Mas vamos ser rápidos. Temos um problema para resolver, e não vai ser resolvido só conosco aqui falando dele.
– Entendido – disse o senador. – Pode passar direto para a parte sobre a nova geração de Sentinelas.
– Sem problemas – disse Gyrich.



A observadora no gabinete do senador Kelly não fora vista, como não fora da última vez em que entrara na sala. Entretanto, pensou Kitty Pryde, da última vez fora *Kate* Pryde quem atravessara a parede e esperara até que Sina armasse a cilada contra o senador Kelly.

Onde estaria *Kate* agora? Kitty queria saber. Como teria sido para ela reaparecer no futuro, com o edifício Baxter implodindo numa montanha de destroços em chamas? Teria sobrevivido mais um dia? Kitty não sabia ao

certo, mas achava que a comunicação entre os Sentinelas havia sido interrompida. Quem sabe o ataque nuclear iminente tivesse sido prorrogado. Talvez a Europa, a Ásia e Wakanda enviassem ajuda.

Mas Rachel, Franklin, Logan, Ororo e Peter ainda estariam mortos. E Magneto? Era difícil acreditar que ele pudesse ter sobrevivido à bola de fogo – mas se alguém poderia, esse alguém era Magnus. Kitty gostava de pensar nele com esse nome, algo que confidenciara somente ao professor Xavier por saber que somente ele entenderia como era enxergar Magneto como amigo tanto quanto como inimigo.

Ela ainda não sabia se Kate tinha feito alguma diferença. Como dissera o professor Xavier, ninguém saberia até que vivesse sua história, e não há atalhos no tempo. Ou, se existem, esses atalhos tendem a desaparecer, como acontecera quando Kitty e sua versão adulta trocaram de lugar.

O professor Xavier a interrogara por uma semana inteira, tentando descobrir o máximo que podia desse possível futuro.

– Se pudermos descobrir sobre a ameaça que devemos esperar – dissera ele, em seu gabinete –, podemos tomar atitudes para evitar esse futuro específico... supondo que seja possível fazer isso.

– Faríamos esse futuro simplesmente desaparecer? – Kitty perguntou. – Digo, eu estive lá. Aquilo não vai mais acontecer? – Ela se perdeu nos pensamentos por um instante e sentiu o toque leve de Xavier em sua mente.

– Pare – protestou.

– Peço desculpas, Sprite. Pensei em ver o que a incomodava sem perturbar seu devaneio.

– O que me incomoda é que... bom, agora você já sabe. – A menina se irritou de verdade, e apesar do respeito que tinha pelo professor Xavier, não fez questão de esconder.

– Sim, eu sei. Talvez eu possa ajudar. O que aconteceu naquele futuro existirá enquanto você existir para lembrar-se dele. A coragem e o sacrifício desses futuros X-Men não serão perdidos. Esse pode ainda ser o nosso futuro, mas se não for...

– Se não for, o quê?

– O futuro que viveremos não é o único futuro possível. Existem milhares, talvez, criados por diferentes cadeias de probabilidade, escolha e ação. Pelo menos é o que parece que sua experiência sugere. Ajudei?

– Se por “ajudar” você se refere a criar todo um novo conjunto de questões confusas e sem resposta, ajudou sim.

Xavier sorriu.

– Fico feliz em servir. Agora. Em breve vamos precisar que volte à ativa, e coloque suas habilidades únicas em ação.

– Estou pronta pra ir – disse Kitty. – E, a propósito, pode parar de me chamar de Sprite? Eu sou a Lince Negra.

Um sorriso muito discreto enrugou os cantos dos olhos de Xavier. Ele sabia por quê. Ele e Kitty Pryde eram as únicas pessoas na Terra que sabiam.

– Muito bem. Lince Negra – disse ele.



Agora Kitty fazia sua parte para impedir aquele futuro de acontecer. Acreditava em Xavier, que alterar o futuro deles não desfaria o que ela presenciara. Poderia, contudo, fazer com que eles não tivessem que passar por ele. Era difícil entender completamente essa ideia, mas Kitty começava a sentir-se mais à vontade com ela. Ela escutou o burocrata conspirador Gyrich começar sua descrição do Projeto Despertar; ouviu Shaw propor planos iniciais para a nova geração de seus Sentinelas; viu Kelly e o presidente trocarem olhares e mostrarem sua aprovação um ao outro.

O professor Xavier dissera que seria preciso viver o futuro para descobrir o que ele lhes reservava. Para Kitty Pryde, tudo bem. Mas somente ela vira um futuro, e não tinha intenção alguma de passar por ele de novo.

Nós salvamos as suas vidas, ela quis dizer. Quis aparecer ali no meio e botar terror nos corações de todos. *Somos mutantes, e estamos em todo lugar, e vocês não podem esconder nada de nós a não ser que nós deixemos que fique escondido*. Mas eles não escutariam. Ela sabia disso. De qualquer maneira, usariam essa atitude como mais um pretexto para o que pretendiam fazer. Então Lince

Negra permaneceu nas sombras, escutando, e torceu para que pudesse usar o que aprendesse – agora – para salvar seus amigos.

A GRAU DE CIMENTOS

AGRADEÇO PRIMEIRAMENTE a Chris Claremont e John Byrne pela história original, que me deu tanto com que trabalhar. Sou grato também a Stuart Moore, Jeff Youngquist e Sarah Brunstad pela leitura e edição perspicazes. Que melhoraram este livro. Uma conversa com Daniel Ketchum sobre um assunto totalmente diferente instigou umas ideias interessantes sobre o Magneto que tentei usar de um jeito legal. E, claro, como sempre, obrigado, Lindsay, por estar sempre comigo e ser incrível.*

* Alex Irvine se destacou logo em sua estreia como escritor por *A Scattering of Jades*, vencedor do Locus and International Horror Guild, em 2002. Desde então, escreveu uma série de romances e contos. Adentrou o mundo das ficções de super-heróis com os romances *Batman: Inferno* e *The Ultimates: Against All Enemies*. Seus trabalhos em quadrinhos incluem *Hellstorm: Son of Satan*, com o artista Russell Braun, e *Daredevil Noir*, com Tomm Coker. Também roteiriza os jogos *Marvel: Avengers Alliance*, *Marvel War of Heroes* e *Marvel Puzzle Quest*. Depois de concluir seu PhD na Universidade de Denver, lecionou literatura americana e escrita criativa na Universidade do Maine, de 2005 a 2011. É autor de *Homem de Ferro: Vírus e Guerras Secretas*, publicados pela Novo Século.



www.novoseculo.com.br



#Novo Século nas redes sociais

